



# AMETISTA DO SUL - 30 ANOS

## NOSSA HISTÓRIA

Jussara Prates





# **PREFEITURA MUNICIPAL DE AMETISTA DO SUL**

**SECRETARIA MUNICIPAL DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO, MINERAÇÃO E TURISMO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO**

## **AMETISTA DO SUL - 30 ANOS**

**NOSSA HISTÓRIA**

**Jussara Prates**



**2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Girardi, Jussara Prates dos Santos

Ametista do sul : 30 anos : nossa história /  
Jussara Prates dos Santos Girardi. -- Portão, RS :  
Ed. da Autora, 2022.

ISBN 978-65-00-39163-3

1. Ametista do Sul (RS) - História I. Título.

22-100370

CDD-981.65

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ametista do Sul : Cidade : Rio Grande do Sul :  
História 981.65

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



**A leitura do mundo precede a leitura da palavra e o primeiro livro é a cidade,  
o contexto onde se vive.**

---

Foto: Adriane da Cruz.

Frase: Adaptação de Paulo Freire.



## **AMETISTA DO SUL - 30 ANOS** **NOSSA HISTÓRIA**

**PARABÉNS, POVO AMETISTENSE, pelos 30 anos de caminhada do município, marcado pelo desenvolvimento e constante evolução em todos os aspectos da sociedade. Nossa gratidão aos gestores que fizeram parte da Administração Municipal buscando sempre o melhor para o município deixando sua marca histórica em prol do bem-estar dos munícipes.**

**Enfatiza-se o empenho e dedicação do gestor atual na busca de novas opções econômicas e culturais para melhor atender a população em geral, com o apoio dos servidores públicos, da sociedade, do comércio, dos garimpeiros, dos agricultores e todos os profissionais que se engajaram em prol da construção de uma cidade que continue a brilhar.**

**Que Deus continue nos abençoando e que sempre tenhamos discernimento para agir com justiça, respeitando e valorizando os méritos e as qualidades de nosso semelhante, porque juntos seremos sempre mais fortes.**

**Lorena Malacarne Ceratti**  
**Secretária Municipal Educação, Cultura e Desporto**  
**ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL 2021/2024**

**A história escrita de um município é fundamental, pois registra e perpetua elementos da sua identidade, mostrando de onde viemos, quem somos e o que queremos para o futuro. Acredito muito na importância de manter a história dos nossos pais e avós sempre presente, porque é preciso dar valor ao município que foi construído pelas suas mãos e para que possamos planejar o futuro com base nos seus valores.**

**A Secretaria de Indústria, Comércio, Mineração e Turismo entende que é necessário manter sempre atualizado os fatos históricos para que possamos ensinar a nossa história aos nossos munícipes e visitantes, para que eles compreendam e conheçam a grandeza do nosso município.**

**Fabio dos Santos**  
**Secretário de Indústria, Comércio e Turismo**  
**ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL 2021/2024**

**É com muito orgulho, que escrevo essas palavras, para expressar a minha admiração à nossa amada Ametista, que encanta e fascina a todos por suas riquezas naturais. Ao nosso povo acolhedor, e os nossos garimpeiros, que representam a união, força, a coragem de pessoas guerreiras, batalhadoras, que não desistem nas adversidades. Deixo aqui toda a minha gratidão e amor que sustento por essa Terra.**

**Antônio Moacir Tonet**  
**Secretário Municipal da Agricultura**  
**ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL 2021/2024**



**Manifesto aqui primeiramente o orgulho de ser cidadã Ametistense, onde contribuo com o meu trabalho para fazer desta cidade um lugar ainda melhor para se viver e ser feliz.**

**Sinto imensurável orgulho de nossa cidade, de suas belezas naturais, histórias incomparáveis, e acima de tudo, um lugar de gente de bem, acolhedora, amiga. Parabéns Ametista do Sul, pelos seus 30 anos de emancipação!!**

**Verenice Santin Bonai  
Secretária Municipal da Fazenda  
ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL 2021/2024**

**Neste ano nosso município comemora 30 anos de emancipação político-administrativa! É mais uma página que viramos na construção de uma cidade em desenvolvimento.**

**Também é o dia de cada Ametistense comemorar as vitórias de um povo persistente, trabalhador e sonhador. Que reescreve sua história sempre com novos sonhos e conquistas. Nossa cidade está em processo de desenvolvimento contínuo, constantemente enfrentamos desafios e precisamos realizar melhorias, nos adaptando às mudanças.**

**Desejo que cada munícipe seja um ponto de apoio nesta construção diária, e assim, de forma simples, mas com muito empenho, dedicação e compromisso social possamos continuar brilhando!  
A Secretaria de Assistência Social parabeniza Ametista do Sul!**

**Diliana Zatti Piovesan  
Secretária Municipal de Assistência Social  
ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL 2021/2024**

**Em um ano tão importante para Ametista do Sul, onde comemoramos 30 anos de emancipação, ter o privilégio de estar na Secretaria de Administração, podendo de alguma forma atuar em benefício das pessoas e do nosso município e ao mesmo tempo ajudar na construção e evolução de nossa querida cidade, dentro da Administração 2021/2024, para mim é sinônimo de orgulho em poder, um dia, contar que fiz parte de um capítulo desta história.**

**Shuély Maria Sponchiado de Moraes  
Secretária da Administração  
ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL 2021/2024**

**Com muito orgulho e satisfação, posso dizer que fiz parte da construção da história de Ametista do Sul! Me sinto honrada em poder mostrar a todos a força e competência que tem uma mulher e principalmente representá-las!**

**Orgulho em poder vivenciar e seguir contribuindo para a evolução da nossa cidade! Comemorar esses 30 anos de emancipação de nossa cidade e estar atuando na administração 2021/2024, é gratificante!**

**Cristiane Maria Martins  
Secretária Interina de Obras e Viação  
ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL 2021/2024**



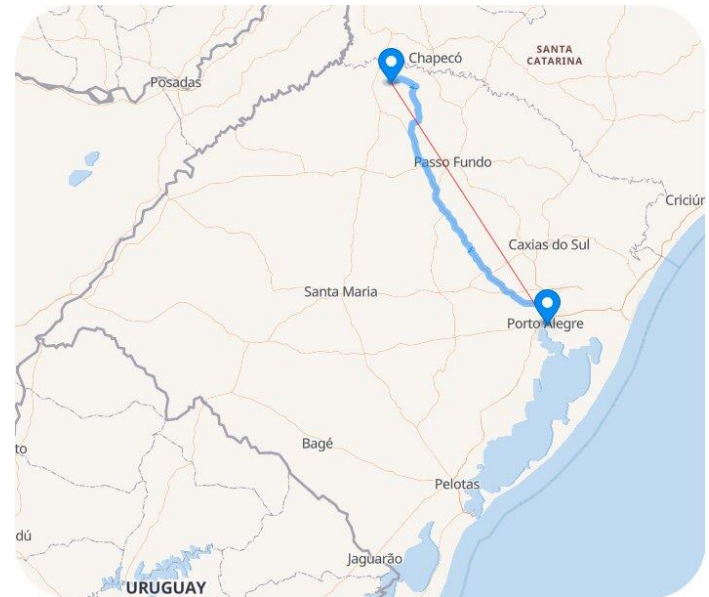
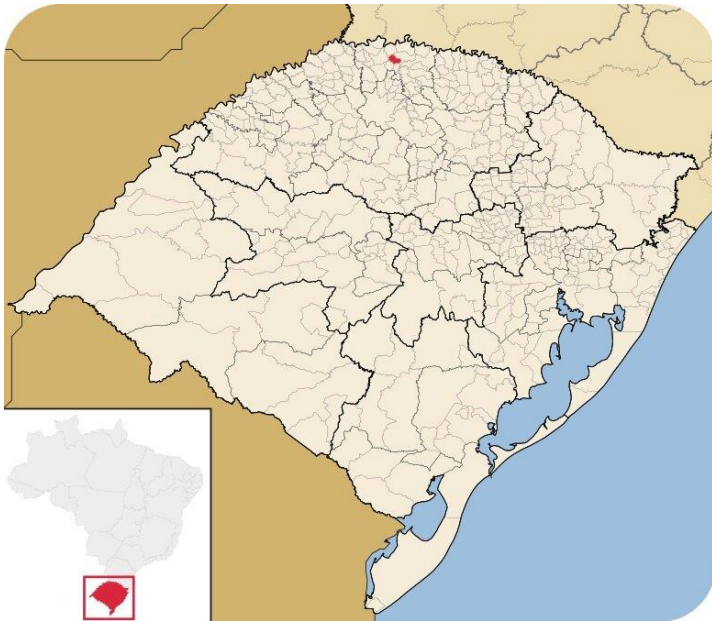
## SUMÁRIO

Ametista do Sul.....	1
Ametista do Sul faz parte do COREDE Médio Alto Uruguai.....	2
O Nome do Município.....	3
Características Fisiográficas.....	4
Alto Uruguai - Ametista Do Sul.....	4
A ocupação do Rio Grande do Sul: o Alto Uruguai e Ametista do Sul.....	10
Ocupação e urbanização na região do Alto Uruguai do Rio Grande do Sul.....	23
Ametista do Sul: A ocupação.....	27
A derrubada da mata.....	39
O acesso à propriedade da terra.....	42
O garimpo em Ametista do Sul.....	44
Recortes: Memória garimpeira.....	64
Cenas de um cotidiano.....	65
A educação, o comércio e as atividades sociais.....	68
Registro de atividades escolares.....	71
Economia: Interdependência de atividades.....	74
Aspectos da Cultura Ametistense.....	78
Religiosidade, fé e sociabilidade.....	86
A tradição dos Capitéis e Grutas em Ametista do Sul.....	92
Diversidade Cultural.....	93
A Emancipação de Ametista do Sul.....	94
Ametista do Sul – 30 Anos: Nossa História.....	101
Ex-Prefeito Nerci da Silva Dutra.....	102
Ex-Vice-Prefeito José Salles dos Santos.....	103
Ex-Prefeito Silvio Cesar Poncio.....	104
Ex-Vice-Prefeito Valmor Binello.....	106
Ex-Vice-Prefeito Claudiomir Capra.....	107
Ex-Prefeito Paulo Mezzaroba.....	109
Ex-Vice-Prefeito Agostinho Zanatta.....	113
Ex-Prefeito Dorval Américo Bassi.....	114
Ex-Vice-Prefeito Silvio Cesar Poncio.....	115
Ex-Prefeito Nelson Ceratti.....	116
Ex-Prefeito Gilmar da Silva.....	118
Prefeito Jadir Kovaleski.....	120
Vice-Prefeita Maria Colussi.....	122
Ametista em foto.....	123
Câmara dos Vereadores – Legislaturas.....	126
Mensagens dos Vereadores e Vereadoras.....	127

# AMETISTA DO SUL

O Município de Ametista do Sul localiza-se no Estado do Rio Grande do Sul, na Região do Alto Uruguai e faz parte do COREDE Médio Alto Uruguai. Limita-se com os Municípios de Planalto, Iraí, Frederico Westphalen, Rodeio Bonito e Cristal.

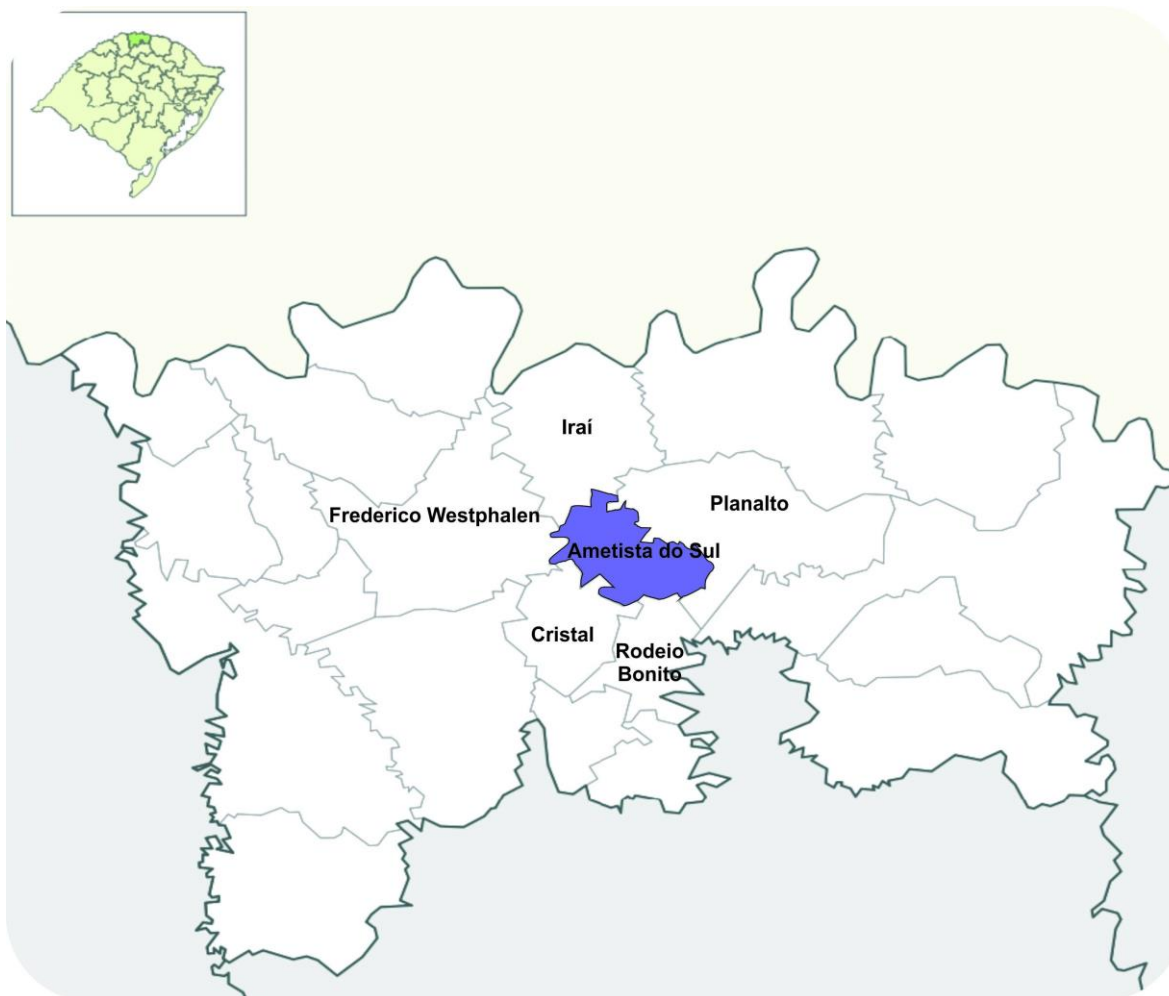
Distante 438 quilômetros da capital Porto Alegre, considerando a rota rodoviária, a cidade foi construída sobre um dos maiores eventos geológicos do planeta que deu origem a diversos tipos de formações de cristais, cuja beleza atrai milhares de visitantes todos os anos.



<https://rotaaguasepedras.com.br/destino/2/ametista-do-sul-rs>  
Fotos: Adriane da Cruz.



## Ametista do Sul faz parte do COREDE Médio Alto Uruguai



### Dados estatísticos:

**População estimada (2021):** 7.396 habitantes

**População no último censo (2010):** 7.323 pessoas

**Área territorial: (2011):** 93,5 km<sup>2</sup>

**Densidade Demográfica (2010):** 78,33 hab./km<sup>2</sup>

**PIB per capita (2010):** R\$ 9.244

**Data de criação:** 20/3/1992 - (Lei nº. 9570)

**Município de origem:** Planalto, Iraí e Rodeio Bonito

**Gentílico:** Ametistense



## O Nome do Município

Até a data de emancipação, a localidade tinha o nome de São Gabriel, denominação dada em homenagem ao Arcanjo São Gabriel, cuja presença simbólica e religiosa acompanha os moradores desde os primeiros tempos quando a vida comunitária acontecia junto aos <sup>2</sup>capitéis católicos, construídos na década de 1940, os quais consistiram nas primeiras referências coletivas para os moradores. Com o passar dos anos a localidade foi elevada a distrito de Iraí, por meio da Lei n.º 418 de 1958 e em 1963 sua elevação distrital foi extinta com a emancipação do Município de Planalto, passando a ser parte do território deste. Em 1963, por meio da Lei 013/1963, São Gabriel passou a ser distrito de Planalto.

Na década de 1980, a comunidade iniciou as primeiras tratativas sobre o movimento de emancipação e como já havia um conhecido município denominado de São Gabriel aqui no Rio Grande do Sul, foi preciso buscar um novo nome para a localidade para o após emancipação.

Considerando o fato de que o território do futuro município está assentado sobre a maior jazida de ametistas do mundo, pode-se dizer que o nome de Ametista do Sul era uma escolha “natural”. Afinal, a importância econômica e cultural das Ametistas na região, aliado ao fato da localidade ser conhecida nacional e internacionalmente pela atividade da mineração e exportação de pedras semipreciosas, logo tornou-se consenso de que o nome mais adequado para o emancipado município seria Ametista do Sul.

Em 20 de março de 1992, por meio da Lei n.º 9570/1992, o antigo Distrito de São Gabriel passou a ser o jovem Município de Ametista do Sul.

---

<sup>2</sup>Capitel: Pequenos oratórios construídos pelas comunidades e na medida em que melhoravam as condições econômicas foram sendo substituídas por igrejas maiores. A construção dos capitéis está revestida de um universo religioso, no qual a materialização desses oratórios representava alguma “graça alcançada”, sendo compreendida pelos seus criadores como a “prova da força dos santos” e “uma forma de manifestação divina”. Vale lembrar que esses imigrantes vinham de um contexto no qual na Itália, cada vila tinha seu santo padroeiro, venerado não tanto como modelo cristão de virtudes, mas principalmente como protetor mágico que auxiliava nos momentos de necessidades ou nas adversidades. (FOCHESATTO, 1977).

Fotos: Adriane da Cruz.

## Características Fisiográficas

<sup>3</sup>A formação e evolução dos ambientes naturais têm uma longa história geológica, durante a qual, a instabilidade tem sido um marco de mudanças físicas e de manifestação da vida. Como parte do grande geosistema solar, a terra tem passado por vários momentos de transformação física, transição geológica e mudanças nas feições geomorfológicas. Nada é definitivo na superfície do Planeta, mesmo porque se trata de um corpo cósmico vivo, dinâmico tanto internamente como externamente. O equilíbrio das forças que o mantém atuante, se alterou em longos períodos provocando mudanças na paisagem e no comportamento das formas vivas e mesmo no desaparecimento e surgimento de novas.

### Alto Uruguai - Ametista do Sul

A região <sup>4</sup>fisiográfica do Alto Uruguai está situada entre o rio Uruguai e o rio Ijuí, o basalto é o material de origem da região que se apresenta como planície profundamente recortada pelos afluentes do rio Uruguai, sua decomposição dá origem ao solo do tipo <sup>5</sup>latossolo, que possibilita o desenvolvimento de uma agricultura com produtividade média a elevada, mas com necessidade de emprego frequente de corretivos e fertilizantes.

Os derrames de <sup>6</sup>lava da Formação Serra Geral representam grandes províncias vulcânicas continentais, que trazem consigo riquezas tanto na paisagem como na economia.

Por serem derrames basálticos proporcionam ativos de matéria-prima utilizada em diversas aplicações, a construção civil e a agricultura são alguns exemplos. <sup>7</sup>Além disso, esses basaltos são portadores de minerais semipreciosos como opalas, ágatas, ametistas, carbonatos entre outros.



<sup>3</sup>FRANCO, Sérgio da Costa. *Análise da Historiografia do Rio Grande do Sul*, 2015.

<sup>4</sup>Geografia física.

<sup>5</sup>**Latossolo:** é uma ordem que reúne solos caracterizados por seu avançado estágio de intemperismo, constituídos de argilas oxídicas e silicatadas, com estrutura granular, alta condutividade hidráulica (bem drenável), alta acidez. Esses solos exibem 3 padrões de coloração principais: Vermelho (devido à predominância de hematita), formado em regiões ou posições no relevo sujeitos à menor umidade. Amarelo (devido à predominância de goethita), formado em regiões ou posições no relevo sujeitos à maior umidade. Brunados, solos de cor vermelho ou amarelo, porém escurecidos devido ao sobretom negro causado pelo elevado teor de matéria orgânica.

<sup>6</sup>Trata-se de uma manifestação eruptiva do Mesozóico (derrame de lava vulcânica), associada com o riftiamento que formou o Oceano Atlântico, sendo uma das maiores manifestações vulcânicas da história geológica da Terra.

Mapa: Fonte: <http://coralx.ufsm.br/ifcrs/mapafisio.jpg>

<sup>7</sup> TOLOTTI. Caroline Dornelles Kern. *Celadonita em Basaltos Da Província Magmática do Paraná, Região do Alto Uruguai-RS*.



A formação geológica da região é composta de sucessivos derrames basálticos contendo camadas finas de arenitos da Formação Botucatu. A Região do Alto Uruguai (RS) é mundialmente conhecida pela presença de grandes geodos de ametista.

O relevo é de planalto (faz parte do Planalto Meridional Brasileiro) com altitude média variando de 400 a 800 m. Topograficamente distinguem-se dois domínios: ao sul, planalto com ondulações mais suaves; ao norte, apresenta vales encaixados e vertentes abruptas.

O Alto Uruguai rio-grandense é uma denominação <sup>8</sup>identitária, referindo-se ao rio Uruguai que possui maior destaque na Geomorfologia Fluvial regional. Os limites de abrangência afetiva dessa denominação são imprecisos e ultrapassam a fronteira do estado e país, sendo este um importante tributário da memória, da história e da cultura da Região Sul do Brasil.

O rio Uruguai origina-se da confluência dos rios Pelotas e Peixe na Serra Geral. Seu percurso em território brasileiro serve de limite entre os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Ele delimita a fronteira entre o Brasil e a Argentina depois de sua confluência com o rio Peperi-Guaçu.

Após receber a afluição do rio Quaraí, que limita o Brasil e o Uruguai, marca também a fronteira entre a Argentina e o Uruguai, desaguando no rio do Prata.



<sup>8</sup> **Identidade social:** Identidade social é um elemento que facilita o reconhecimento de uma pessoa no âmbito social, designando o seu posicionamento em uma sociedade. Pode ser construída de forma individual ou coletiva. Existem vários fatores que influenciam a identidade social, porque afetam as suas interações em um sistema social, como por exemplo: a idade, gênero, classe social, nacionalidade, etc.

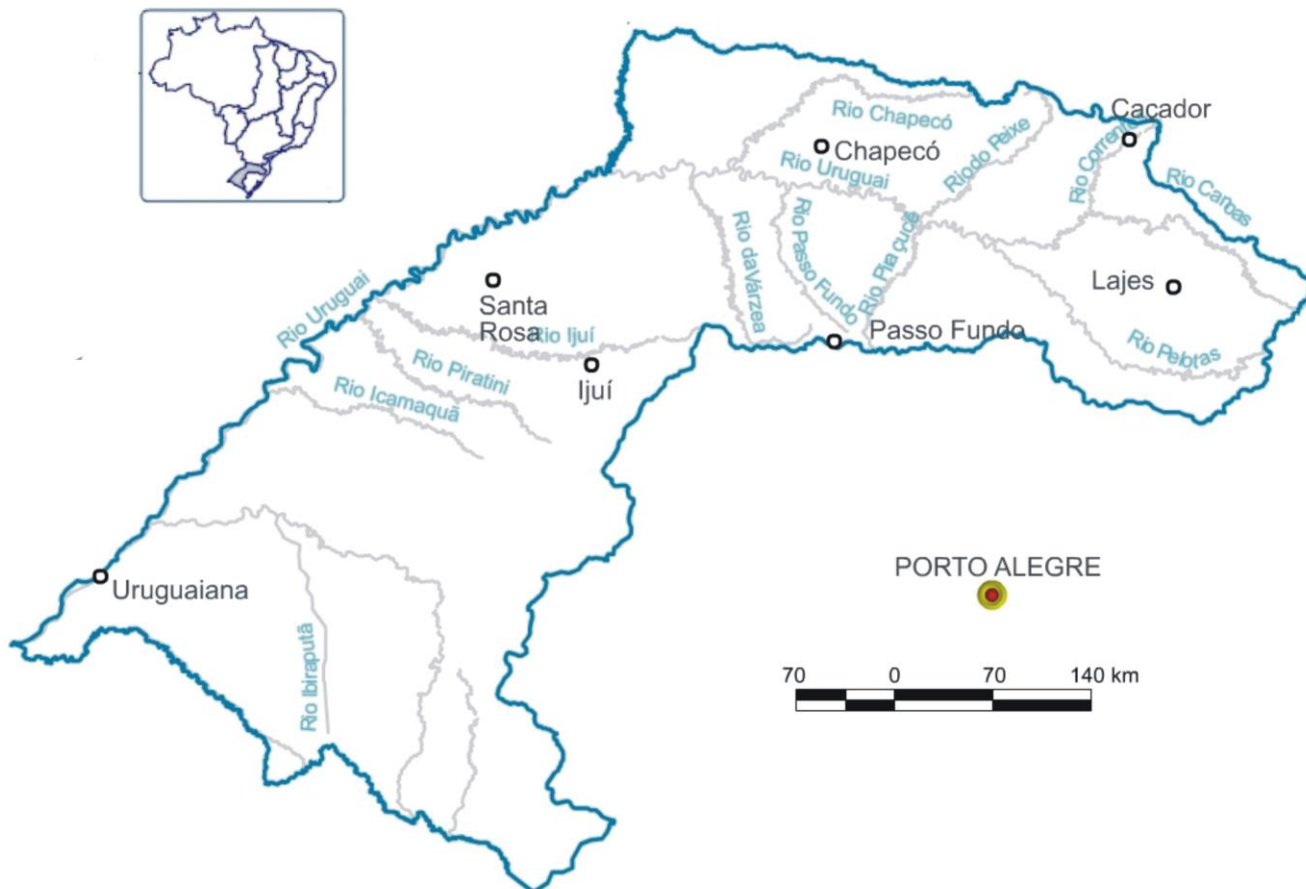
**Identidade cultural:** Identidade cultural é o conjunto das características de um povo, oriundas da interação dos membros da sociedade e da forma de interagir com o mundo. Identidade cultural são as tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, o modo de vestir, de falar, entre outros, que representam os hábitos de uma nação.

Foto: Salto do Yucumã, rio Uruguai, município de Derrubadas/RS, faz parte do Parque Estadual do Turvo e é a maior queda longitudinal do mundo, com 1.800 m de extensão, com as quedas podendo chegar até 12 m de altura. No período de cheias a água sobe e, em tempos passados, era no período de cheias que os balseiros faziam a travessia do rio, desciam o “salto grande”, como chamavam o Yucumã, e seguiam até a Argentina.

Foto: Júlia Prates dos Santos Girardi/2022.



A Região Hidrográfica do Uruguai (Figura abaixo) é delimitada ao norte e nordeste pela Serra Geral, ao sul pela fronteira com a República Oriental do Uruguai, a leste pela Depressão Central Rio-grandense e a oeste pela Argentina. Abrange uma área de aproximadamente 384.000 km<sup>2</sup>, dos quais cerca de 174.500 km<sup>2</sup> situam-se no Brasil, desses, cerca de 73% ficam no Estado do Rio Grande do Sul.

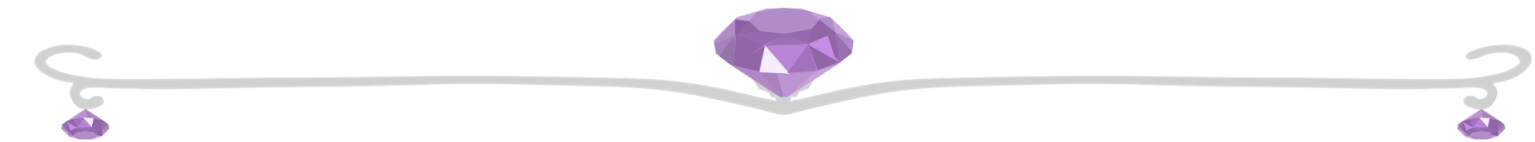


Fonte: [http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr4/dados-da-atuacao/informes/pdfs/rio\\_uruguai\\_regiao\\_hidrografica.pdf](http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr4/dados-da-atuacao/informes/pdfs/rio_uruguai_regiao_hidrografica.pdf)

Numa faixa de 100 km paralela ao rio Uruguai, encontra-se a mata <sup>9</sup>latifoliada. <sup>10</sup>Em altitudes acima de 300 a 400 metros, no planalto, esta floresta se limita com os campos. Na altura de Tenente Portela, para leste, começam os pinhais, inicialmente esporádicos mais ao leste com maciços, acompanhando as florestas latifoliadas. Os pinhais são entrelaçados com campos.

<sup>9</sup>Também conhecida como Mata Atlântica, floresta sempre verde, cujos componentes em geral possuem folhas largas, onde há bastante umidade durante todo o ano e diversidade de fauna.

<sup>10</sup> Fonte: <http://w3.ufsm.br/ifcrs/fisiografia.htm>



Disto resulta a ocorrência de microclimas também diferenciados particularmente quanto aos elementos, temperatura e umidade. A vegetação original também apresenta dois traços distintos: ao norte, floresta subtropical com araucária e ao sul, a floresta é entremeada por vegetação campestre. Atualmente encontra-se bastante devastada, principalmente no sul, em decorrência da ocupação humana e da implantação da agricultura moderna, enquanto ao norte, com o <sup>11</sup>êxodo rural dos pequenos agricultores, o relevo bastante acidentado e as restrições legais à utilização dos solos vêm provocando um processo de recuperação da cobertura vegetal em alguns pontos localizados.

<sup>12</sup>Segundo um mapa de distribuição da vegetação na Região Sul feito pelo IBGE (1977), a Região do Alto Uruguai está situada em uma área de transição, sem limites muito nítidos, entre a zona de florestas <sup>13</sup>estacionais semideciduais e a zona dessa mesma floresta contendo ainda Araucária angustifolia.

Em Ametista do Sul, apesar de certa exuberância, as florestas não alcançam grande porte, registrando-se como espécies arbóreas mais importantes o alecrim, o angico, vários tipos de canelas, a canjerana, o gatambu, o cedro, a guaçatinga, além do pinheiro (Araucária). Ocorrem ainda vários tipos de palmeiras como o jerivá e o palmito. O sub-bosque é rico em <sup>14</sup>pteridófitas como samambaias e xaxim, bem como em gramíneas como a taquara e o bambu, além de apresentar uma grande riqueza em epífitas, principalmente Bromeliáceas, Aráceas e Orquídeas.



<sup>11</sup> O êxodo rural pode ter diferentes motivações, embora seja consenso de que ele consiste na migração das comunidades rurais dos campos para as cidades, em busca de melhores condições de vida, trabalho e escolarização.

<sup>12</sup>JUCHEN, Pedro Luiz. **Mineralogia, geologia e gênese dos depósitos de ametista da Região do Alto Uruguai, Rio Grande do Sul. 1999.**

<sup>13</sup> Formações de ambientes menos úmidos do que aqueles onde se desenvolve a floresta ombrófila densa. Em geral, ocupam ambientes que transitam entre a zona úmida costeira e o ambiente semiárido. Daí porque esta vegetação também é conhecida como “mata seca”. Quase que totalmente substituída pela cana-de-açúcar e culturas diversas, pode-se verificar, pelos poucos remanescentes, que esta formação ocupa a parte sudoeste da Mata Sul, na transição com o Agreste. Esta formação vegetal apresenta um porte em torno de 20 metros (estrato mais alto) e apresenta, como característica importante, uma razoável perda de folhas no período seco, notadamente no estrato arbóreo. Na época chuvosa, a sua fisionomia confunde-se com a da floresta ombrófila densa, no entanto, no período seco, nota-se a diferença entre elas.

<sup>14</sup>**Pteridófitas** são plantas vasculares, ou seja, que apresentam vasos condutores de seiva. Essas plantas não possuem flores, sementes ou frutos e sua reprodução é dependente de água, uma vez que apresentam anterozoides flagelados que precisam nadar até a oosfera para que a fecundação ocorra. Como representantes de pteridófitas podemos citar as samambaias e avencas, duas plantas muito utilizadas na ornamentação. No Brasil mais de 1000 espécies de pteridófitas são conhecidas.

Fotos: Adriane da Cruz.

O clima é subtropical com verões geralmente brandos e invernos mais rigorosos, é preciso, entretanto, considerar uma certa inconstância nas estações do ano. A umidade, também, é bastante variável, sendo mais elevada no inverno com frequente presença de neblina e chuvas. A rede hidrográfica é comandada pelo rio Uruguai, cujos principais afluentes neste espaço, de leste para oeste, são: os rios Inhandava (dos Índios), Apuaê (Ligeiro), Erechim, Passo Fundo e Várzea, todos de grande relevância para o desenvolvimento da região.

O Distrito Mineiro de Ametista do Sul contém os principais depósitos de ametista com aproximadamente 500 garimpos ativos e inativos<sup>15</sup> são distribuídos ao longo de 8 municípios, porém, a maior produção situa-se nos Municípios de Ametista do Sul, Iraí, Planalto e Frederico Westphalen. Nesse contexto é importante lembrar que <sup>16</sup>o Rio Grande do Sul é o segundo maior produtor e exportador brasileiro de gemas, ficando somente atrás de Minas Gerais. No mercado internacional de gemas, este estado é conhecido como um importante produtor e exportador de ágata e ametista. De modo análogo a outras regiões do país, as jazidas são pouco conhecidas sob o ponto de vista geológico e mineralógico, tendo como consequência o baixo grau de aproveitamento econômico dos depósitos. O setor também se caracteriza pela exportação de grandes quantidades de pedra bruta e de produtos parcialmente elaborados, com baixo valor agregado.

É importante observar que a atividade de mineração gera impactos e é uma atividade com prazo pré-determinado, uma vez que esses recursos são finitos, ou seja, são esgotáveis. Além disso, as questões que envolvem os passivos ambientais devem pautar nas políticas públicas e nas ações da comunidade nas diferentes esferas, orientadas na legislação e nos preceitos da sustentabilidade.

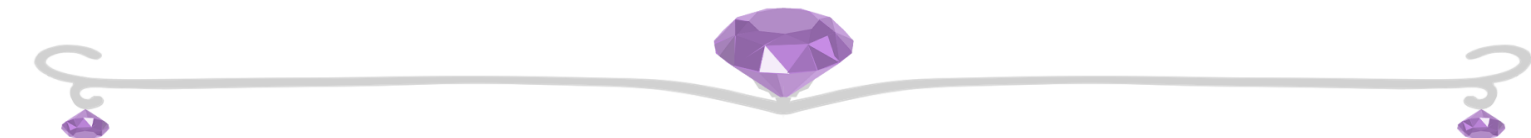


<sup>15</sup>PAGNOSIN. Elaine medianeira. **A atividade mineira em Ametista do Sul/RS e a incidência de silicose em garimpeiros**. 2007.

<sup>16</sup>Mineração no Rio Grande do Sul: diagnóstico setorial e visão de futuro. Sumário Executivo / Rio Grande do Sul. Secretaria de Minas e Energia. Porto Alegre: Secretaria de Minas e Energia, 2018.

Foto: Esq. Adriane da Cruz.

Foto: Dir. Rio da Várzea de Roger Vigley Girardi.



Os recursos naturais são essenciais para a vida e para o desenvolvimento econômico e humano, e <sup>17</sup>o extrativismo mineral é de grande importância para a sociedade, pois contribui para a geração de empregos, fornecimento de matéria-prima para a indústria, construção civil e impostos.

Entretanto, quando a atividade extrativa é exercida sem técnicas adequadas e sem controle, origina a degradação do meio físico, cujos efeitos perceptíveis são os desmatamentos, a perda de solos superficiais férteis, a instabilidade das encostas, a erosão, o assoreamento de rios, a produção de rejeitos, os efeitos na flora e fauna local e a poluição.

A atividade de extração mineral exige cuidados e proteção à saúde dos mineradores, pois é uma atividade que caracteriza-se como insalubre, com possíveis efeitos lesivos à saúde dos trabalhadores das minas que sofrem as consequências, desenvolvendo doenças pelo trabalho. A manipulação de substâncias nocivas (explosivos) e poeira mineral afetam as vias respiratórias, cujo órgão mais prejudicado é o pulmão, principalmente em trabalhadores de minas subterrâneas que estão expostos à poeira de sílica.

Essas questões eram pouco observadas nas primeiras décadas de extração mineral, assim como também eram poucos os estudos divulgados, tanto relativos às questões ambientais, quanto sobre as diretamente ligadas à saúde dos trabalhadores. Certamente, essas preocupações devem ser permanentes e os cuidados mais efetivos.

Nas últimas décadas, em Ametista do Sul está ocorrendo uma importante diversificação nas atividades econômicas e isso vem de encontro aos estudos que apontam que um pouco mais da metade dos minerais da jazida já foi minerada, sendo que muitas minas já esgotaram a produção, o que vinha fragilizando a economia local e regional. Diante deste contexto, as iniciativas de reaproveitamento de antigas minas para a criação de empreendimentos, voltados ao entretenimento, à gastronomia, ao lazer, cultura e ao turismo, vêm, aos poucos, dando continuidade ao desenvolvimento local e regional, gerando novos postos de trabalho e diversificando a economia.

É importante mencionar os estudos e iniciativas de reaproveitamento dos rejeitos da mineração que trazem a esperança de minimizar os impactos ambientais e vislumbra a implementação de práticas sustentáveis, viabilizando o desenvolvimento integrado às boas práticas ambientais, assegurando a qualidade do meio ambiente, o desenvolvimento econômico e social, bem como a permanência de seus habitantes com disponibilidade de trabalho e qualidade de vida, revertendo o êxodo local e a perda de capital humano.



Projetos de Educação Ambiental

<sup>17</sup>PAGNOSIN. Elaine medianeira. A atividade mineira em Ametista do Sul/RS e a incidência de silicose em garimpeiros. 2007.

Foto: Adriane da Cruz.

Centro: britador e reaproveitamento de rejeito

Canto esquerdo: Reaproveito das minas desativadas para empreendimentos turísticos.

Canto direito: <https://ametistadosul.rs.gov.br/noticias/625/atividade-de-educacao-ambiental-e-desenvolvida-no-viveiro-municipal>.





## A OCUPAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL: O ALTO URUGUAI E AMETISTA DO SUL

Para compreender a ocupação e formação de um município, é preciso conhecer o processo de desenvolvimento regional, visto que um município não se desenvolve sozinho, de forma isolada. Ele faz parte de um contexto maior e está sujeito às políticas de ocupação nacionais e estaduais. Neste capítulo, de forma resumida, vamos conhecer a complexa ocupação do estado gaúcho, tendo como objetivo conhecer melhor a Região do Alto Uruguai onde está inserida a cidade de Ametista do Sul, estrela principal deste estudo.

A população do Rio Grande do Sul apresenta grandes diversidades étnicas e culturais o que nos torna, no tempo contemporâneo, um estado multicultural. Aqui vivem comunidades diferenciadas pelas suas especificidades e processos históricos, formadas a partir de diferentes interações estabelecidas com os inúmeros grupos de indígenas que já habitavam o território.

Nos primeiros séculos, após a chegada dos portugueses no Brasil, houve apenas incursões de portugueses e espanhóis nesse território, no século XVII as reduções jesuíticas marcaram a história da Região Sul, no século XVIII foi iniciada a distribuição de sesmarias, essas tinham a economia mais voltada para a pecuária, mais tarde houve a distribuição de áreas menores para desenvolver a agricultura. O século XIX marcou o início do sistema de colonização voltada para o desenvolvimento agrícola, branqueamento da população e a ocupação efetiva e sistemática do território. A entrada de portugueses foi seguida pela imigração alemã em 1824 e, em 1875, a italiana e posteriormente a chegada de outras etnias promoveram sobreposições ao território tradicional de ocupação indígena. Essas sucessivas ondas imigratórias e migratórias, no Extremo Sul do Brasil, foram ampliando o território e formaram uma complexa rede de <sup>18</sup>territorialização, <sup>19</sup>desterritorialização e <sup>20</sup>reterritorialização.

A partir de 1752, os açorianos ocuparam o território fixando-se em Rio Grande, Mostardas, São José do Norte, Taquari, Santo Amaro (próximo a Rio Pardo), Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, Cachoeira do Sul e Conceição do Arroio (Osório). Receberam terras para desenvolver atividades agrícolas, principalmente a produção de trigo e, dessa forma, abastecer a Colônia. Essa ocupação possibilitou o surgimento de propriedades rurais menores e também criou a base para o aparecimento de inúmeros núcleos urbanos.

Em fins do século XVIII e início do XIX, pode-se dizer, que o maior impacto nas transformações que ocorreram na colônia foi a disseminação de uma forma de apropriação que já existia desde os primeiros tempos da colonização: a posse pura e simples. Havia um grande contingente de pessoas denominados caboclos ou “nacionais” que não atendiam a burocracia dispendiosa e complicada, para serem contemplados com a concessão de uma sesmaria ou lote menor, para os quais “boas relações familiares, militares e políticas fizeram toda a diferença em favorecimento desses”.

<sup>18</sup> **Territórios** são recortes espaciais em que são exercidas relações de poder e afeto sobre o mesmo que, por sua vez, determinados grupos vão se identificar e criar raízes sobre o lugar ao qual está inserido, essas raízes, podem ser, mutáveis e se expandir além do território ao qual o grupo exerce o poder, podendo assim ocorrer em vários lugares. Assim, a territorialização é o ato/ação de se apropriar de um recorte espacial e torná-lo um território.

<sup>19</sup> A **desterritorialização** é o oposto da territorialização, ela seria a perda desses territórios, mas, devemos saber de qual território “estamos falando quando nos referimos a ‘desterritorialização’? Se a desterritorialização existe, ela está referida sempre a problemática territorial – e, conseqüentemente, a uma determinada concepção de território”.

<sup>20</sup> A **reterritorialização** seria a criação de novos territórios.

**<sup>21</sup>Diferentemente dos indígenas e caboclos que não pensavam em trabalhar a terra para fins capitalistas (apenas para seu próprio sustento), o colono, além de produzir para a sua própria subsistência, também produzia excedente para o mercado, e conseqüentemente, possuía uma atuação mais ativa no sistema capitalista do que os dois primeiros grupos. Dessa forma, por não estarem alinhados à lógica de produção capitalista, indígenas e caboclos passaram a ser excluídos; em consequência disso, desterritorializados, embrenharam-se cada vez mais nas matas e nas barrancas do Rio Uruguai.**

**A ocupação pela posse generalizou-se de tal forma que tornou insustentável e em 17 de julho de 1822, através da Resolução nº 76, o Príncipe Regente D. Pedro, veio a extinguir o sistema de sesmarias. Essa extinção do sistema sesmaria acabou por beneficiar posseiros que cultivavam a terra. Nesse contexto é importante considerar que 1822 marca o início de um Brasil independente, controlado pelos grandes escravistas. No que tange à apropriação territorial, passou a vigorar um regime de apossamento de terras caracterizado pela posse livre, ou seja, a apropriação, pelos latifundiários, das terras devolutas que pudessem explorar.**

**<sup>22</sup>Essas mudanças na legislação não serviram para que as camadas menos favorecidas, caboclos e nacionais (também chamados de intrusos), pudessem ter acesso à terra. Os antigos sesmeiros, já estabelecidos e dotados de maior capacidade para abrir novos espaços, foram os que puderam, com mais presteza e efetividade, ampliar ainda mais suas possessões.**



**Em 1850 foi criada a Lei de Terras, que se tornou divisor na normatização e regulamentação da posse da terra e trouxe importantes repercussões, a partir de sua promulgação. Através da Lei de Terras, o governo imperial buscou adaptar-se às exigências do avanço do capitalismo industrial e comercial, ao mesmo tempo, em que promovia um ordenamento jurídico da propriedade da terra no Brasil. Ela legitimava as terras que haviam sido até então ocupadas, mas impedia novas posses que não fossem realizadas através da compra. Com isso, o governo estava autorizado a vender as terras devolutas em <sup>23</sup>hastá pública ou fora dela, como e quando julgasse conveniente.**

<sup>21</sup> SCHMITZ Kalinka de Oliveira e Rosani Maria Martinelli NUNES.

**Comissão de Terras e Colonização de Passo Fundo e Palmeira: atuação nos toldos indígenas sob suas jurisdições**, 2018.

(Entende-se caboclos não como uma questão racial, mas sim como resultado de fatores sociais e culturais do meio onde vivem).

O caboclo ao longo do tempo era aquele trabalhador livre que viveu da natureza, da terra pública, e nela circulava, até 1850, em posse legal, a partir de quando foi enxotado legalmente por pretendentes mais poderosos; que viveu em terra devoluta, quase sempre não devassada, inapropriada, mas por princípio em condição legal, a menos que comprovasse posse; foi aquele que fez cultivo sazonal, extração vegetal, caça, pesca, comércio e trabalho eventual em derrubada de mato, roça, cuidando de rebanhos nos momentos de grande serviço (tosa de ovelhas, marcação de gado); eram os mestiços em geral; eram aqueles que não eram vistos por serem andeijos; eram aqueles que se escondiam para fugir.

<sup>22</sup> CARON, Márcia dos Santos. **Mapear, demarcar, vender... A ação da Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia Ltda no Alto Uruguai gaúcho – 1915/1930**. 2009.

Foto: Acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana de Ijuí - MADP

Teoricamente, os recursos advindos dessas vendas seriam direcionados para novas demarcações e ao custeio da importação de colonos em detrimento aos que já viviam no território. Na prática, a Lei acabava ainda por expulsar das terras os pequenos agricultores que não portavam os títulos de propriedade independente do tempo que estavam ali e das benfeitorias que tivessem feito.<sup>23</sup> Esse grupo social, expropriado das terras sem títulos, se transformaram assim em força de trabalho, em um contexto no qual se abolia a escravidão.

<sup>24</sup>Nesse período, e voltando o olhar para a Região Norte Rio-grandense, ainda que de forma pontuada, cabe citar que os objetivos do estado com as Colônias Novas, foram os seguintes: manter intocável o latifúndio do sul do RS; aliviar tensões nas Colônias Velhas com a demanda crescente por terras; incorporar este território à produção capitalista, antes inexistente com indígenas e caboclos que viviam de subsistência e fora do controle do estado e viabilizar uma classe média rural.

A questão é que indígenas (e caboclos também), apesar de ocuparem suas terras por longa data, não possuíam um papel lhes conferindo a propriedade das mesmas; isso fez com que mesmo habitadas, essas terras fossem consideradas devolutas, e assim, disponíveis para o uso no projeto de colonização, e que seus ocupantes antigos passassem a serem reconhecidos como intrusos frente aos colonos que, por meio da compra possuíam um título de propriedade legal sobre a terra ocupada. Afinal, sem o documento sobre a área que ocupavam, índios e caboclos foram sendo cada vez mais pressionados pela colonização oficial, sendo expulsos das terras que ocupavam.



<sup>25</sup>Assim, no século XIX, as áreas de colonização antigas contrastavam com frentes de expansão novas. Enquanto nas fronteiras do império, ainda em ampliação, tratava-se de alargar os espaços transitáveis e aproveitáveis. Nas zonas de povoamento mais antigo, como no caso do litoral, tentou-se restringir o acesso à terra e converter em assalariados uma população independente, quais sejam: libertos, indígenas, negros e brancos pobres.

<sup>23</sup> Hasta pública: Venda pública feita a quem faz a maior oferta.

<sup>24</sup> PIRAN, Nédio. *Contribuição à caracterização do Alto Uruguai (RS): breve releitura e novos desafios*. 2015.

<sup>25</sup> DORNELLES, Soraia Sales. *De Coroados a Kaingang: as experiências vividas pelos indígenas no contexto de imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul do século XIX e início do XX*. UFRGS, 2011.

Foto: Família reunida (Aldeia Kaingang em Iraí, RS, década de 1930). Fotógrafa: Margauth Schöenyald. Fonte: Museu Antropológico do Rio Grande do Sul-MARS



Para melhor compreender o processo de ocupação do território brasileiro, rio-grandense e, especificamente da Região do Alto Uruguai, é necessário conhecer a dinâmica dos grupos originários que habitavam este território. Os indígenas foram fundamentais nesse processo, atuaram de diversas formas e foram uma constante nas políticas e estratégias de ocupação. <sup>26</sup>Ainda em 1808, colocou-se a questão indígena como um problema fundamentalmente de terras e com tal parâmetro estabeleceu-se um conjunto de políticas gerais a serem adotadas.

As políticas públicas foram amplamente embasadas na construção historiográfica, produzida ao longo de décadas e voltadas para justificar as práticas violentas e promover apagamentos culturais, ignorando o fato de que os primeiros povoadores já viviam nesse território há cerca de 12.000 anos <sup>27</sup>AP. Nos discursos da intelectualidade brasileira do século XIX, preocupada com a construção da nação, as narrativas do contato eram sempre aquelas que enfatizavam a violência e/ou a selvageria do agente indígena, discurso capaz de justificar as ações de colonização daquele período.

<sup>28</sup>Convém destacar, porém, que os imigrantes não possuíam conhecimento que as terras que compravam, as quais eram chamadas de devolutas, possuíam ocupantes antigos. Também não sabiam que os grupos que já ocupavam as terras que estavam sendo vendidas a eles possuíam uma compreensão diferente de uso da terra. Para o imigrante a terra era espaço fechado, cercado; para o Kaingang terra era o espaço de recursos para a sobrevivência do grupo. Além de se tornarem proprietários das terras outrora ocupadas por indígenas, os imigrantes também prejudicavam o acesso à alimentação dos kaingang, visto que derrubavam a araucária para a construção de moradias; a mesma árvore que era fonte alimentar dos indígenas, pois fornecia o pinhão. Os imigrantes não tomavam conhecimento de que a terra em que iriam se assentar já era ocupada há muito tempo por outros grupos.

Um dos fatores para esse desconhecimento era a propaganda divulgada na Europa, tanto pelas companhias colonizadoras quanto pelo governo brasileiro, na qual não se revelava que as terras que seriam destinadas aos imigrantes não eram totalmente devolutas, ou seja, que já eram ocupadas por grupos autóctones.

A supressão dessa informação era importante para que não houvesse influência negativa na imagem do país, a qual poderia ocasionar uma redução no número de imigrantes que viriam ao Brasil. Apesar da tentativa de esconder a presença de indígenas e caboclos nas terras que seriam para colonização, ao chegarem ao Brasil, invariavelmente os colonos se encontravam com esses grupos quando do seu assentamento nos lotes coloniais. Desse processo de alteridade muitas vezes não amistosas, é que reforçou-se a imagem de que os kaingang seriam elementos violentos.

---

<sup>26</sup>CARON, Márcia dos Santos. *Mapear, demarcar, vender... A ação da Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia Ltda no Alto Uruguai gaúcho – 1915/1930*. 2009.

<sup>27</sup> AP (Antes do Presente).

<sup>28</sup>SCHMITZ Kalinka de Oliveira e Rosani Maria Martinelli NUNES. *Comissão de Terras e Colonização de Passo Fundo e Palmeira: atuação nos toldos indígenas sob suas jurisdições*, 2018.



Isto posto, no início da República, a colonização estava ocorrendo de forma plena no Rio Grande do Sul. E é nesses primeiros anos de República que o governo criou a Diretoria de Obras Públicas, Terras e Colonização, com o Ato n.º 15 de 31 de janeiro de 1895, como forma de reorganizar a Secretaria das Obras Públicas, com a finalidade de administrar as Comissões de Terras espalhadas pelo estado. Em 1907 foi criada a Comissão de Terras de Passo Fundo e em 1917 a de Palmeira.

<sup>29</sup>Diante disso, é importante manter em vista que os indígenas ocuparam progressivamente todos os espaços do território do estado e foram classificados em tradições, de acordo com as suas características baseadas no modo de vida. <sup>30</sup>No século XVII foram registradas presenças de Kaingangs no curso superior do rio Uruguai e no século XVIII eles ocupavam as extensas florestas do alto Uruguai, numa área que vai do rio Piratini (Extremo Oeste) até a bacia do rio Caí, a leste.

<sup>31</sup>As relações entre os vários grupos da pré-história rio-grandense ainda não são bem compreendidas, mas desenvolveram características próprias.

	CLIMA	HOMEM
12 mil anos atrás	Fim da glaciação (período que cobriu a terra de gelo)	Primeiros caçadores e coletores.
10 mil anos atrás	Frio e seco	Caçadores-coletores de áreas abertas (Tradição Umbu).
6 mil anos atrás	Quente e úmido	Caçadores-coletores das florestas (Tradição Humaitá).
4 mil anos atrás	Quente e úmido	Pescadores-coletores do litoral (Sambaquis).
2 mil anos atrás	Clima atual	Ceramistas e horticultores migrados da Amazônia. (Tradição Tupi Guarani) Ceramistas que habitavam o Planalto. (Tradição Taquara). Ceramistas dos Pampas (Tradição Vieira).

<sup>32</sup>Os grupos da fase Humaitá eram caçadores, pescadores e coletores das florestas subtropicais. Os acampamentos mais antigos surgiram a 6.000 A.P e estão enterrados nos barrancos do Alto Uruguai. Nas margens do rio Uruguai, esses grupos encontravam quase que a totalidade dos recursos necessários para a sobrevivência, pescados, caça, também se alimentavam de larvas e alguns insetos, de aves e de répteis, bem como de mel de abelha, folha, raízes e dispunham de frutas nativas como jabuticaba, cereja, pitanga, entre outras.

Pode-se dizer, que os da Tradição Taquara são os ancestrais dos Kaingang e também uma possível evolução da Tradição Humaitá, caracteriza-se, principalmente, por possuir a tecnologia da cerâmica, e por seus trabalhos de engenharia de terra para construir suas casas "poço" ou casas subterrâneas.

<sup>29</sup> STEFANELLO, Belair Aparecida. MATTE, Dulci Claudete e Sandro Luckmann. Comunidades indígenas no noroeste do Rio Grande do Sul. 2015/16.

<sup>30</sup> Povos indígenas no Brasil: Kaingang. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang>

<sup>31</sup> SPONCHIADO Breno Antônio (Org.) Alana Maria da SILVA. Etnias e Culturas. Série CEDOPH – Centro de Documentação e Pesquisas Históricas do Alto Uruguai, v. 2. 2014.

<sup>32</sup> SPONCHIADO Breno Antônio (Org.), Alana Maria da SILVA. Etnias e Culturas. Série CEDOPH – Centro de Documentação e Pesquisas Históricas do Alto Uruguai, v. 2. 2014.



Acredita-se que faziam migrações de acordo com as estações do ano. Juntamente com a adaptação ao meio, a tradição especializou-se na exploração e disseminação de um importante alimento, a semente da Araucária, o pinhão. Nas proximidades do rio Uruguai, tinham à sua disposição: peixes, moluscos de água doce e animais terrestres. Sua agricultura era bem primitiva.

<sup>33</sup>A Tradição Tupi-Guarani, no Rio Grande do Sul, data cerca de 2.000 anos atrás, vinda da Amazônia, descendo pelos grandes rios. Pertencendo ao grande tronco Tupi. Com o poder de suas armas-lanças, tacapes, arcos e flechas, e a agressividade de suas incursões guerreiras, foram expulsando os povos das terras que queriam. Os homens cortavam e queimavam o mato (coivara) e as mulheres faziam o plantio e a colheita. Na qual a técnica de cultivo era rudimentar: Foram também os primeiros a formar povoados em quase todo o território.

Foram alvo principal da Companhia de Jesus e dos Bandeirantes caçadores de escravos para os primeiros engenhos e principalmente das doenças desconhecidas trazidas pelo homem branco.

<sup>34</sup>A Tradição Vieira, que tem indícios de ocupação no estado de aproximadamente 2.000 anos, criou um curioso estilo de vida sobre as terras. Chamados de Cerritos, essas construções podiam chegar até 100 metros de diâmetro e 7 metros de altura e estavam ao longo dos banhados, rios, etc., uma das unções era que durante as enchentes pudessem ali habitar.



A alimentação consistia em crustáceos que eram pescados com cestos e moluscos colhidos a mão. Esta tradição conhecia a cerâmica, que era uma técnica quase que exclusivamente feminina e tinha como finalidade o armazenamento e preparação dos alimentos coletados.

Os integrantes desta cultura estavam presentes quando chegaram os europeus no Rio Grande do Sul, só que rebatizados de Charruas e Minuanos, que ficaram conhecidos por lutarem contra a dominação europeia.

<sup>35</sup>No Alto Uruguai, por meio do site do IPHAN, identificou-se 144 sítios arqueológicos cadastrados nesta região, sendo que: 26 estão localizados no Município de Alpestre, 08 em

Caiçara, 08 em Frederico Westphalen, 40 em Iraí, em Palmitinho, 01 no Município de Rodeio Bonito, 01 em Pinhal, 05 em Rio dos índios e 33 no Município de Vicente Dutra. Analisando os artefatos encontrados em cada um destes sítios, percebeu-se o encontro predominante de artefatos cerâmicos.

<sup>33</sup>JUCHEN, Pedro Luiz. *Mineralogia, geologia e gênese dos depósitos de ametista da Região do Alto Uruguai, Rio Grande do Sul*. 1999.

<sup>34</sup>STEFANELLO, Belair Aparecida. MATTE, Dulci Claudete e Sandro LUCKMANN. *Comunidades indígenas no noroeste do Rio Grande do Sul*. 2015/16.

<sup>35</sup>SPONCHIADO Breno Antônio (Org.) *Etnias e Culturas*. Série CEDOPH – Centro de Documentação e Pesquisas Históricas do Alto Uruguai, v. 2. 2014.

Foto: Índios em Iraí (década de 1930). Fotógrafa: Margauth Schöenyald. Fonte: Museu Antropológico do Rio Grande do Sul-MARS



O desenvolvimento de pesquisas arqueológicas e antropológicas são fundamentais, pois sem os vestígios materiais, não é possível fazer a história das sociedades sem escrita, os vestígios e artefatos são importantes fontes de evidências da história cultural que possibilita a compreensão do funcionamento e transformação das sociedades humanas.

<sup>36</sup>No contexto de ocupação do território rio-grandense, é preciso lembrar que no decorrer dos séculos XVIII e XIX, o estado foi cenário de diversas guerras e revoltas (sendo a \*Revolução Federalista a que provocou maiores impactos na Região Norte e Alto Uruguai. Após a morte do líder Gumercindo Saraiva, muitos revolucionários se afugentaram para a região de matas e áreas de difícil acesso, escapando da morte, sansão certa para os revoltosos), em função de estado de guerra quase que permanente, o exército representou presença marcante em território gaúcho, e muito influenciou na ocupação da província. As autoridades militares incentivavam a instalação de estâncias ou lavouras para os oficiais e soldados das fortificações, com o objetivo de povoar o local e garantir as terras rio-grandenses. Esse “incentivo” vinha acompanhado de medidas legais sobre o território, o acesso à terra e sobre a população originária.

<sup>37</sup>Muitos autores da historiografia clássica apontavam esses “avulsos” como o “problema” nas colônias, entretanto, a maioria dos conflitos ocorriam por conta de descontentamentos, por promessas não cumpridas e pela exclusão de homens e mulheres (nascidos em solo brasileiro) do processo de ocupação e desenvolvimento do território.

<sup>38</sup>Nesse sistema a terra não era apenas mercadoria, mas elemento fundamental à produção no processo de racionalização capitalista. Assim, a floresta passou a ser vista explicitamente pelo governo como uma reserva de recursos comercializável e potencialmente renovável. Com a colonização gaúcha, teve início, entre outras, o ramo da atividade extrativa da madeira, cuja preocupação era explorar os recursos florestais e cultivar o solo agressivamente. <sup>38</sup>Nesse contexto, o rio Uruguai, formado pelas águas de diversos rios tributários. Importantes afluentes que formam sua Bacia, e a grande extensão territorial banhada por suas águas, determinam sua relevância econômica. Assim, na época da atividade econômica extrativa, o rio Uruguai, com suas cheias periódicas, ocasionava as enchentes e essas propiciavam as viagens com balsas de madeira.

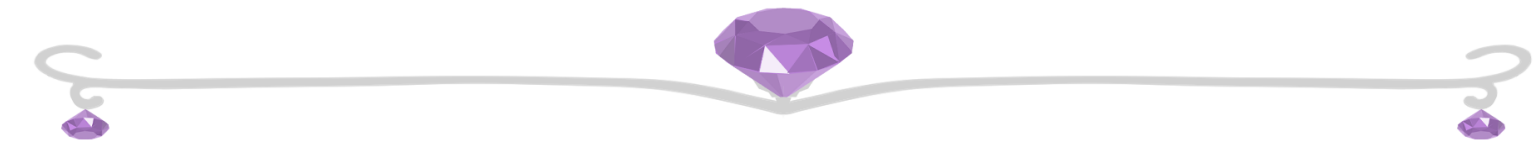
---

<sup>36-38</sup> CARON, Márcia dos Santos. **Mapear, demarcar, vender... A ação da Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia Ltda no Alto Uruguai gaúcho – 1915/1930**. 2009.

<sup>37</sup> MÜHLEN, Caroline. **Degredados e Imigrantes: Trajetórias de ex-prisioneiros de Mecklenburg-Scherin no Brasil Meridional (Século XIX)**. 2013.

<sup>38</sup> NUNES, Vanesa Fernanda Arduin. **A Floresta “Melhorada”: Uma Análise Sobre as Políticas de Reflorestamento no RS (1934-1965)**. 2018.

**Obs:** A Revolução Federalista foi um conflito ocorrido na Região Sul do Brasil, entre os anos de 1893 e 1895, que expôs a divisão entre os republicanos, isto é, entre os que defendiam maiores poderes para o presidente da República e os que apoiavam a descentralização do poder, com maior participação dos estados. Além disso, militares do Exército e da Marinha disputavam mais espaço no governo republicano. O conflito foi marcado pela violência e crueldade. A revolução foi derrotada pelas tropas fiéis a Floriano Peixoto, que se tornou o “Marechal de Ferro”, consolidando a República no Brasil de forma enérgica e violenta. Dois grupos opostos se formaram: um foi liderado por Júlio de Castilhos, aliado do presidente Floriano Peixoto e que defendia um governo federal forte, com poder centralizado; o outro grupo, liderado por Gaspar Silveira Martins, defendia a descentralização do poder e o parlamentarismo, ou seja, poder limitado ao presidente da República. Aqueles liderados por Gaspar Silveira ficaram conhecidos como maragatos, e os comandados por Júlio de Castilhos como pica-paus.



O rio Uruguai, serviu de caminho para o escoamento de madeiras para a Argentina. Essa prática extrativa fomentou um importante ciclo econômico na Região do Alto Uruguai e logo se inseriu no processo de exportação. Ela envolvia muitos trabalhadores e entre as espécies mais conhecidas e largamente exploradas estavam a araucária e os ipês, mas havia outras, como a grápia, planta que chegava até 35 metros de altura; o cedro, guabirobeira, louro-silvestre, camboatá, corticeira-da-serra, açoita-cavalo, bacatinga, guabiju, canela e angico.



<sup>39</sup>A madeira geralmente era comprada em pé, em propriedades de colonos e era feita por um responsável conhecido como patrão, que fazia a escolha das árvores que eram de seu interesse em uma determinada propriedade rural; depois de especificar quantidades e custos, os peões, que eram homens contratados para a derrubada e o transporte, acampavam durante dias em meio à floresta para promover a derrubada das árvores com machados e serras manuais. <sup>40</sup>Depois de cortar as árvores, as serrarias beneficiavam ou não as madeiras e depositavam na beira do rio, à espera da enchente. Quando se aproximava a época das chuvas, começava o trabalho de embalsar no rio Uruguai, esta atividade durou quase meio século, se encerrando no final da década de 50.

Em princípio, foi com os <sup>41</sup>piragueiros que surgiu a ideia de usar as cheias do rio Uruguai para transportar erva-mate à Argentina. Os ervateiros percorriam a mata para cortar ramos de erva-nativa; que sapecavam por lá mesmo, com lenha escolhida, de guabiroba. Transportavam a carga até o soque em lombo de mula, e acondicionavam a erva em bolsas, para embarcar na piragua: espécie de caixa flutuante, que lembrava casa com remos, e que flutuava infensa à fúria das águas. Assim, quando o rio enchia e se tornava navegável, desciam rumo à Argentina, onde vendiam a mercadoria e a madeira da piragua. Na volta traziam produtos manufaturados que revendiam em diferentes lugares.

<sup>42</sup>No estado positivista, implementado por Júlio de Castilhos/Borges de Medeiros e inspirado nos grandes mestres das ciências, os trabalhos das seções de terras e de colonização eram entendidos como órgãos que visavam a consolidação do lema positivista: “O amor por princípio, a ordem por meio, o progresso por fim”.

<sup>39-40</sup> CARON, Márcia dos Santos. **Mapear, demarcar, vender... A ação da Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia Ltda no Alto Uruguai gaúcho – 1915/1930**. 2009.

<sup>41</sup> BELLANI, Eli Maria. **Balsas e balseiros no Rio Uruguai (1930-1950)**.

<sup>42</sup> TEDESCO, João Carlos e Marcia CARON. **Intrusões no Alto Uruguai gaúcho – 1927-29: o caso do “bando de João Inácio”**.

Fotos: Canto esquerdo: Colonos alemães – corte de madeira em Santa Cruz do Sul (início do séc. XX).

Canto esquerdo: Balseiros do Rio Uruguai – Década de 1940

**Fotos:** <http://www.guiacrissiumal.com.br/noticias/27-09-2013-Assista-ao-documentario-recuperado-pela-Lab-Pesquisas-de-Santa-Rosa-que-conta-a-incrivel-historia-dos-Balseiros-do-Rio-Uruguai>

[https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Colonos-alemaes-da\\_fig2\\_240766106](https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Colonos-alemaes-da_fig2_240766106)

[posam-para-foto-junto-de-tronco-recem-abatido-no-interior-](#)



De acordo com esta visão positivista, a improvisação era a geradora do caos, da desorganização. E foi sob esta influência positivista que as chamadas colônias novas, no Planalto rio-grandense, foram organizadas.

Assim, neste modelo político, as intrusões desafiavam a organização e a metodicidade da ocupação da terra planejada pelos positivistas, uma vez que geravam ou poderiam ser geradoras de conflitos e desordens, significava descontrole e ausência do poder do estado sobre o bem natural e sobre os sujeitos que o apropriavam (cobrança de fisco, etc.). Os “intrusos”, no contexto histórico, eram os colonos, também chamados de caboclos e/ou nacionais, que incluía descendentes de imigrantes, que por não possuírem condições de adquirir terras nos moldes ditados pela Lei de Terras de 1850 e nem serem alvo das políticas de colonização oficiais, estabeleciam-se espontaneamente em terras devolutas ou em terras não aproveitadas e/ou consideradas não valorizadas.

<sup>43</sup>Anteriormente, a Lei de Terras de 1850 havia “disciplinado” o acesso à terra, bem como impediu/dificultou a população mais pobre e mesmo parte dos imigrantes de tornarem-se proprietários. Ao dificultar a posse da terra ao imigrante, o sistema evitava que eles se tornassem grandes proprietários, num país onde havia terras disponíveis em grande quantidade.

A dificuldade em adquirir a terra resultaria no fato de que a intenção é de que eles trabalhariam nas fazendas, ao invés de tornarem-se proprietários. No sul do Brasil, a imigração adquiria outros objetivos, entre eles, povoar o Extremo Sul, fronteiro com os países da Região do Prata e tornar o Rio Grande do Sul um celeiro para abastecer as regiões agroexportadoras.



<sup>44</sup>Em 1920, o processo de ocupação das terras do Rio Grande do Sul estava consolidado, as condições históricas de ocupação geraram duas regiões diferenciadas quanto ao uso do solo, estrutura fundiária e divisão político-administrativa. A Região Norte, ocupada por colonos (principalmente imigrantes), caracterizou-se por pequenos municípios e pela pequena propriedade onde se desenvolveu a agricultura familiar. Por outro lado, a Região Sul, que é composta de grandes municípios, grandes propriedades, pelo desenvolvimento da pecuária como principal atividade e dos produtos derivados dela.

<sup>43</sup>CARON, Márcia dos Santos. **Mapear, demarcar, vender...A ação da Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia Ltda no Alto Uruguai gaúcho** – 1915/1930. 2009.


<sup>44</sup>CESCO, Susana e Lisianne Pinto Sabedra **CEOLIN. Políticas públicas e inundações do rio Uruguai no Município de São Borja: o olhar dos atingidos e a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil.** 2017

Foto: Floresta transformada em lavoura. PI Ligeiro (RS) - SPI/IR7, 1944. Acervo do Museu do Índio/Funai – Brasil

A <sup>45</sup>tabela a seguir faz parte de um estudo sobre a evolução dos Sistemas Agrários nos Municípios de Frederico Westphalen, Caiçara, Iraí, Vicente Dutra e serve de ilustração, para os demais municípios próximos, visto que os processos históricos de ocupação e aplicação de tecnologias no desenvolvimento regional foram muito parecidos e compõem o histórico regional.

<b>Período Variáveis</b>	<b>Sistema Indígena (até1890)</b>	<b>Sistema Caboclo (1890-1930)</b>	<b>Sistema Colonial (1930-1970)</b>	<b>Sistema Atual (a partir de 1970)</b>
<b>Vegetação</b>	Basicamente floresta primária.	Floresta primária; área irrisória de vegetação pioneira, secundária ou cultivada.	Aceleração da substituição de áreas de florestas por lavouras.	Predomínio de lavouras anuais e pastagens; Floresta primária insignificante.
<b>Principais atividades agrícolas</b>	Caça, pesca e coleta (erva-mate, pinhão, frutas, mel); Agricultura de coivara (milho, inhame, feijão, mandioca, batata doce).	Agricultura de subsistência; Coleta de erva mate.	Policultivo autoconsumo e comércio (grãos, cereais, frutas, batata,mandioca); Extração e comércio de madeira (cedro, pinho); Criação animais de trabalho, consumo e comércio (suínos/ banha).	Monocultivo de grãos e cereais; Produção industrializada de suínos e aves; Policultivo para autoconsumo e comércio (milho,mandioca, frutas, leite, ovos).
<b>Modo de artificialização do meio</b>	Apropriação direta (caça, pesca e coleta); Agric. de coivara.	Sistema de cultivo de derrubada e queimada.	Sistema de rotação de terras melhorada com tração animal leve e pesada; Crescente especialização da produção.	Uso contínuo e intensivo da terra com insumos externos (fertilizantes, pesticidas e sementes melhoradas"); Motomecanização parcial.
<b>Elementos sociais chave</b>	Indígenas.	Caboclos miscigenação entre luso-brasileiros, hispano-americanos, negros e indígenas).	Predomínio de colonos de origem europeia; Caboclos em menor proporção.	Agricultores familiares; Agricultores empresariais; Proletários rurais.
<b>Acesso à terra</b>	Coletivo.	Coletivo com parcelas individuais (sem regulamentação).	Privado (regulamentado); Unidades em torno de 20ha.	Privado (regulamentado); Unidades de 15ha (média); Arrendamento.
<b>Aspectos da força de trabalho</b>	Livre; Organização tribal.	Livre; Mutirões para coleta de erva-mate.	Livre (familiar); Mutirões.	Livre (familiar e contratada); Escassez de mão de obra.
<b>Instrumentos e equipamentos de produção</b>	Manuais (machado de pedra, enxó, arco e flecha, lança, canoa).	Basicamente o uso de machado, foice, facão.	Equipamentos (machado, serrote, saraquá, foice, facão, enxada, arado de tração animal); Carroças e galpões de armazenamento.	Motomecanização (arados grades, colhedoras, semeadoras-adubadoras, motosserra); Equipamentos manuais.
<b>Excedentes agrícolas</b>	-----	Erva-mate; Eventualmente produtos da lavoura.	Milho, feijão, trigo, banha, suínos.	Soja, milho, trigo, suínos, leite e derivados, aves, fruticultura.
<b>Fatores de transição para outro Sistema Agrário</b>	Aumento gradativo da presença de caboclos.	Colonização oficial do território; Privatização das terras.	Esgotamento da fertilidade do solo; Crescimento demográfico; Saturação das áreas disponíveis.	Esgotamento da terra e dos recursos naturais e impossibilidade de substituí-los por insumos/tecnologias exógenos.

<sup>45</sup>ODERICH. Edmundo Hoppe e Lovois de Andrade MIGUEL. História e situação da agricultura e do desenvolvimento rural em quatro municípios do noroeste do Rio Grande do Sul. 2017.



<sup>46</sup>No decorrer do processo de ocupação do Alto Uruguai, outra política seguida com os indígenas, foi sempre a de obrigá-los a se aldearem e entre 1848 e 1852 os governos da Província criaram os Aldeamentos de Guarita, Nonoai e Campo do Meio, colocando os Missionários Jesuítas para administrá-los e catequizá-los. Mas, ao que consta estes religiosos, divergiam das ambições dos fazendeiros e dos planos dos governantes, foram obrigados a se retirarem, ficando os índios indefesos, sobrevivendo um período de muitas dificuldades para este povo.

<sup>47</sup>Nessa região, a priori, pode-se dizer que a demarcação das terras indígenas foi iniciada efetivamente em 1910 com a instituição do Serviço de Proteção aos Índios e ao Trabalhador Nacional (SPITN). Antes de 1904, esta região já vinha sendo ocupada por posseiros que vinham ao Rio Grande do Sul buscar o gado para vendê-lo em São Paulo; por fugitivos das Guerras Farroupilhas (1835-1845) e Federalista (1893); por caboclos seminômades que viviam da exploração da erva-mate nativa e por indígenas Kaingang. Essas terras oficialmente pertenciam ao governo do estado e foram por ele julgadas devolutas, ignorando a presença de diversos grupos sociais.

Para efetivar o projeto de ocupação dessas áreas mais remotas, a abertura de estradas foi vital para a sua incorporação ao território brasileiro, e sabendo que teriam de atravessar terras Kaingang, os responsáveis costumavam contratar lideranças indígenas para ajudá-los, não só por conhecerem os locais dos alojamentos, mas também para garantir segurança às expedições e fazerem o convencimento dos indígenas a se aldearem.



<sup>46</sup>SPONCHIADO Breno Antônio (Org.) Edinara Marliza KAMINSKI. *Etnias e Culturas*. Série CEDOPH –Centro de Documentação e Pesquisas Históricas do Alto Uruguai, v. 2. 2014.

<sup>47</sup>MARTINAZZO Luana Nunes, Neli Teresinha Galarce MACHADO, Jane Márcia MAZZARINO, André JASPER. *História Ambiental do Alto Uruguai, Rio Grande do Sul*, BRASIL. 2011.

Foto: <http://www.ferigollo.com.br/imagem/1191>

Fotos: Índios do Toldo de Nonoai (década de 1930). Fotógrafa: Margauth Schöenyald. Fonte: Museu Antropológico do Rio Grande do Sul-MARS. Arisoly Martelet, comandando funcionários da Cintia na construção da estrada Derrubadas até o Salto Yucuman em 1973/1974.

Nesse sentido também os missionários foram estratégicos na Região de Nonoai para promover o aldeamento e a catequese. Outra estratégia que garantiu a eficácia da conquista indígena, foi a de transformar os grupos aldeados em forças militares a serviço da conquista.

O estado também promoveu a desapropriação das margens das precárias estradas visando estabelecer agricultores, o que atingia, em boa parte, os latifúndios pastoris da campanha provocando descontentamentos.

A viabilização econômica do projeto que visava a inserção do Rio Grande do Sul em moldes de produção moderna, dependia não apenas de um incremento na produção agrícola do estado, mas também de um sistema viário que permitisse a circulação dos produtos no estado e a sua exportação.

<sup>48</sup>O encontro dos colonizadores europeus, com os povos tradicionais, levou a uma grande redução destas populações, que foram vitimadas de diversas formas: pelo apresamento por bandeirantes para escravização, por doenças novas trazidas pelos colonizadores, em inúmeras guerras ocorridas no Rio Grande do Sul (disputas em torno da Colônia do Sacramento, defesa do território dos Sete Povos, ampliação de fronteiras para o oeste e o sul do Rio Grande do Sul, Guerra Farrroupilha e outras), morte nas perseguições e nos conflitos com os colonizadores. A sua utilização como peões nas propriedades rurais, miscigenação com os regionais não-índios e pela migração a países vizinhos, também foram fatores de redução.

<sup>49</sup>De acordo com o censo de 2010 do IBGE, os indígenas somam 32.989 pessoas, sendo que os Kaingang ocupam 13 Terras Indígenas homologadas. Os Guarani em menor número, se comparados aos Kaingang, somam aproximadamente 2.000 pessoas, moram em 16 Terras Indígenas oficialmente reconhecidas. Os Charrua, estão assentados em uma área na zona rural de Lomba do Pinheiro em Porto Alegre, denominada Comunidade Polidoro, constituída por 40 pessoas, há famílias Charrua que vivem na Região Missioneira. Em dezembro de 2012, as comunidades indígenas ocupavam 77 áreas territoriais e somavam 36.488 pessoas.

Em 1930, ocorreu a Revolução de 1930 e aqui a Lei de Terras sofreu um acréscimo: autorizou-se a desapropriação de terra com interesse público e a propriedade deveria ser indenizada. Em 1934, os ganhos sociais foram consideráveis, mas, com a instalação do Estado Novo, as conquistas não se consolidaram devido à postura conservadora de Getúlio Vargas. Só em 1946 houve uma nova constituição, considerada democrática, quando atribuiu-se uma nova função à terra: ela deveria cumprir sua função social.



<sup>48</sup>LIEBGOTT, Roberto Antonio. Os Guarani e a luta pela terra. Coletivos guarani no Rio Grande do Sul territorialidade, interetnicidade, sobreposições e direitos específicos. Comissão de cidadania e direitos humanos-Assembleia Legislativa do RS. 2010.

<sup>49</sup>STEFANELLO, Belair Aparecida. MATTE, Dulci Claudete e Sandro Luckmann. Comunidades indígenas no noroeste do Rio Grande do Sul. 2015/16.

Foto: Formação de policiais indígenas. PI Guarita (RS), SPI - IR7, 1944



Em 1964 os Militares tomaram o governo, elaboraram e aprovaram o Estatuto da Terra, que ainda está em vigor. Foi a Constituição de 1988, que, enfim legitimou a desapropriação da terra para fins de reforma agrária e que foi regulamentada pela lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993. A mais recente lei de terras do Brasil é a lei 11.952, de 25 de junho de 2009, que dispõe sobre a regularização fundiária das ocupações incidentes em terras situadas em áreas da União, no âmbito da Amazônia Legal.

Como vimos, o processo de ocupação oficial na Região do Alto Uruguai ocorreu a partir do sistema de vendas de terras públicas, consideradas devolutas, com o objetivo de ocupar a região, para o progresso de todo o estado, além de gerar lucro com o comércio das terras. Nesse contexto, não se pode perder de vista, que em grande parte desse território sempre houve ocupação e movimentação humana, primeiro com os indígenas seguidos de caboclos e migrantes, muitos desses, por diversas questões, ficaram à margem, excluídos do sistema e das políticas oficiais de acesso à terra. Compreende-se então que o processo de povoamento e formação do Rio Grande do Sul não se constituiu de forma linear e homogênea, no espaço e no tempo.

<sup>50</sup>As circunstâncias sob as quais ocorreram a ocupação e a formação da região das chamadas “colônias novas” do estado, especialmente no Médio Alto Uruguai. Elas referem um processo desordenado de ocupação do território e a precariedade de acesso à terra, aliada à predominância de um relevo acidentado e solos rasos e pedregosos, pouco aptos à agricultura, assim como o isolamento geoeconômico da região.

Estas condições condicionaram significativamente a dinâmica agrária e o processo de desenvolvimento da agricultura na Região Norte e noroeste do Estado, especialmente na microrregião do Médio Alto Uruguai, na qual tais circunstâncias foram marcantes. Sob tais condições, a crise e escassez de recursos, especialmente na agricultura familiar, se prolongou até praticamente os anos 90 do século passado, e o chamado processo de modernização da agricultura não foi implementado integralmente na região. Somente a partir do final da década de 1990, no contexto dos programas e projetos de diversificação produtiva, é que a economia passou a ser desenvolvida.

Nas primeiras décadas do século XX, visando ter maior controle e aumentar a capacidade administrativa, o estado foi criando novos municípios e assim passou a acompanhar de perto as aquisições de lotes, intensificando e regulando a cobrança de impostos sobre produção e serviços, promovendo a implementação de obras públicas e aos poucos foi disponibilizando serviços voltados à educação, ao atendimento religioso, com doação de lotes para construção de igrejas, e mais tarde, à saúde.

Resumidamente, pode-se dizer que a <sup>51</sup>segunda fase de ocupação do território rio-grandense, teve o objetivo de diminuir a posse desordenada e aumentar a produtividade do solo, que desde a fundação da primeira colônia, em São Leopoldo, a ocupação foi progredindo em direção ao planalto formando lavouras.

<sup>50</sup> TONIN Jeferson. LIMA Arlindo Jesus Prestes De. PIOVESAN, Régis Trentin. OLIVEIRA, Cleber Francisco De. MACHADO, José Tobias Marks. GUBERT, José Eduardo. *Dinâmica agrária e estratégias de desenvolvimento da agricultura do município de Pinheirinho do Vale, Médio Alto Uruguai, Rio Grande do Sul, Brasil.*

<sup>51</sup> GASPARI, Valmor José. *O fortalecimento da economia dos municípios da Região do Alto Uruguai, pelo repasse da industrialização da soja em biodiesel, através da criação de lei municipal de 2009, do Município de Erechim.* 2010.

<sup>52</sup>Na década de 1870, o governo, procurando expandir a pequena propriedade, promoveu a colonização por italianos que vieram para ocupar as áreas da encosta até a borda do planalto. Estes imigrantes enfrentaram grandes dificuldades, pois tiveram que ocupar os territórios que restavam, ainda não ocupados, com topografias acidentadas, montanhas e com matas virgens. Após algumas décadas, aconteceu a ocupação com várias etnias, alemães, italianos, poloneses, russos, suecos, entre outros, nas demais áreas de matas do Alto Jacuí e do Alto Uruguai gaúcho.

Nesse sentido, existem afirmações que o norte gaúcho foi povoado basicamente, através da ampliação das áreas coloniais já existentes no estado e, posteriormente, a chegada de imigrantes poloneses e russos intensificou a ocupação, a partir do século XX. A ocupação da porção setentrional do Rio Grande do Sul com imigrantes serviria, inicialmente, para resolver o problema de isolamento da região, mesmo porque era necessário criar novas colônias de povoamento para abrigar o contingente populacional oriundo do crescimento das colônias velhas e a busca por novas terras, foi a grande causa para a marcha rumo ao Alto Uruguai.

### Ocupação e urbanização na região do Alto Uruguai do Rio Grande do Sul



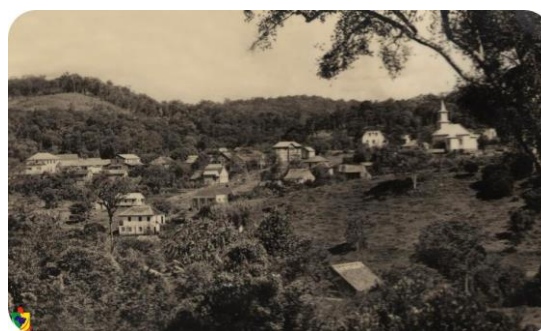
Erechim 1912



Planalto - 1963



Caxias do Sul - 1925



Iraí – Década de 1930



Sarandi - 1935

<sup>52</sup> CARON, Márcia dos Santos. **Mapear, demarcar, vender...A ação da Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia Ltda no Alto Uruguai gaúcho – 1915/1930.** 2009.

Fotos: <https://sarandi.websiteseuro.com/municipio/fotos-historicas.html>

<https://irai.rs.leg.br/fotos/2/irai-como-tudo-comecou>

Fotos Antigas Rio Grande do Sul: <https://www.facebook.com/fotosantigas/> - <https://www.sarandi.rs.gov.br/midia/fotos/6>



Seguindo o histórico da divisão política do estado, a região onde se localiza o território do Município de Ametista do Sul já pertenceu a Vila de Rio Pardo, quando do <sup>53</sup>início do estabelecimento das divisões municipais do Estado do Rio Grande do Sul, que se deu a partir de 1809, quando as povoações de Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha tornam-se vilas da então capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul.



Primeira divisão política do Rio Grande do Sul

O crescimento populacional e o fracionamento das colônias, somados à chegada de novos grupos étnicos, resultou na expansão das áreas coloniais em direção ao norte do estado. Em 1872, com a emancipação de Cruz Alta, o atual território de Ametista do Sul passou a fazer parte deste.

Em 1900, o Rio Grande do Sul possuía 65 municípios, sendo a maioria ainda localizada no sul do território, nesse período foi criado o Município de Palmeira, incluído o território de Ametista do Sul.



24 / 24

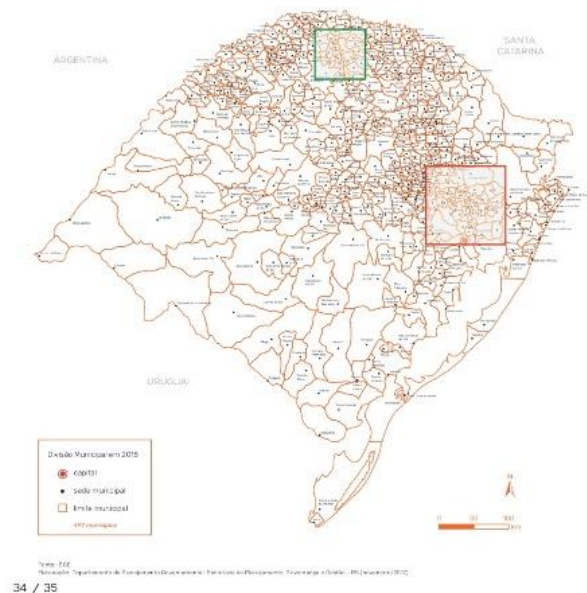
<sup>53</sup> MORAES Fernando Dreissig de, Laurie Fofonka CUNHA. Genealogia dos municípios do Rio Grande do Sul: 1809 – 2018. 2018.



Os processos de emancipação foram se intensificando, chegando, em 1933, a 83 municípios, foi quando emancipou-se o Município de Iraí com a área aproximada de 730 kms<sup>2</sup>, do qual a antiga localidade de São Gabriel, atual Ametista do Sul, passou a fazer parte sendo elevado a Distrito por meio da Lei nº 416 de 16 de agosto de 1958.

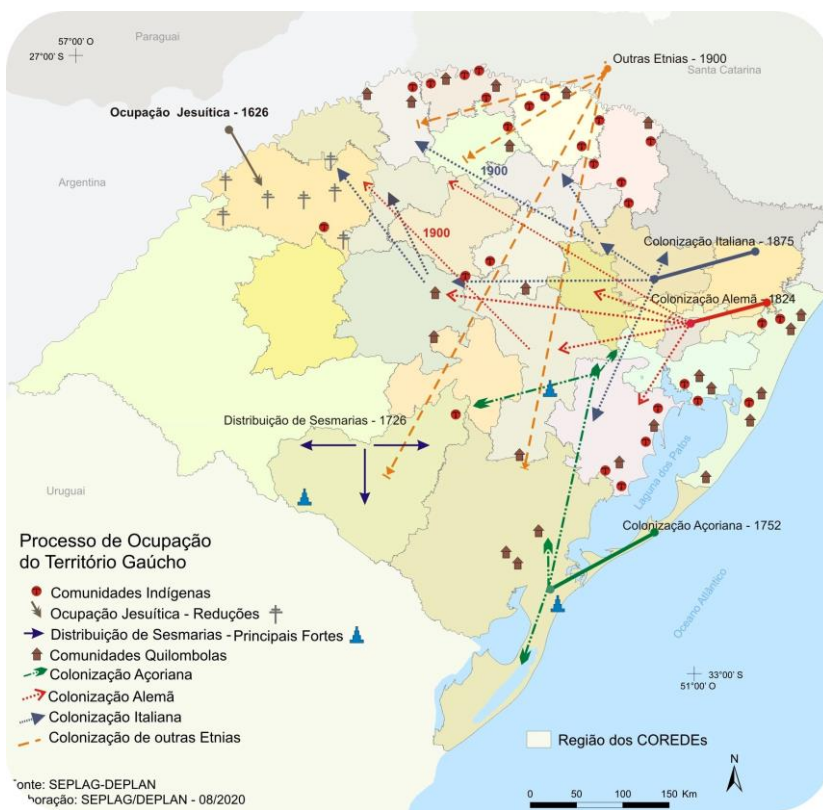
Em 26 de dezembro, pela Lei Estadual nº 4.692/1963, o antigo distrito de Planalto foi elevado a município e a localidade de São Gabriel passou a pertencer a este sendo elevado a distrito de Planalto, em 15 de julho de 1967, por meio da Lei 013.

<sup>54</sup>A década de 1980 marcou o início do período de maior profusão da criação de municípios em toda a história do estado. Em um intervalo de apenas nove anos, a partir de 1987, o mapa gaúcho ganhou 253 novos municípios, um aumento superior a 100%. Esse acréscimo viria em três “ondas”: a primeira em 1987-1988; a segunda em 1992; e a terceira em 1995-1996, concentrando-se principalmente nas regiões noroeste e nordeste do estado. É nesse contexto que em 20 de março de 1992, o antigo Distrito de São Gabriel se emancipou, passando a configurar uma nova unidade política do Estado do Rio Grande do Sul.



<sup>54</sup> MORAES Fernando Dreissig de, Laurie Fofonka CUNHA. Genealogia dos municípios do Rio Grande do Sul: 1809 – 2018. 2018.





Ao longo dos séculos que marcaram a ocupação do território rio-grandense, <sup>54</sup>as identidades étnicas passaram a ser diluídas na identidade nacional através de uma série de mecanismos que os órgãos e instituições pertencentes ao estado se empenharam em usar com o intuito de congregar as populações originárias ao redor de uma série de novos imaginários de viés nacionalista.

Embora visassem se tornar “comuns” para o “povo brasileiro”, tais imaginários eram, na realidade, a expressão de normas e valores ocidentais que passaram a ser ressignificados no contexto “nacional”. <sup>55</sup>Com o tempo, imigrantes de outras origens como poloneses, austríacos, russos, húngaros, franceses, judeus, ainda que em menor número, e outros se instalaram no RS, sob diversos contextos e desdobramentos e intensificando a dinâmica imigratória e migratória no território rio-grandense, como podemos visualizar no mapa ao lado.

Considerando o exposto ao longo deste capítulo, cabe-nos, no tempo presente, o compromisso com o futuro, onde todos estejam incluídos nas políticas públicas e na dinâmica social e cultural de cada lugar. Temos a responsabilidade de construir uma sociedade que valorize as especificidades de cada um ou grupo, modos de vida e a construção de uma história coletiva onde todos sintam-se pertencentes.

<sup>54</sup>QUINTERO, Pablo e Clémentine e MARÉCHAL. Populações kaingang, processos de territorialização e capitalismo colonial/moderno no Alto Uruguai (1941-1977), 2020.

<sup>55</sup>PIRAN, Nédio. Contribuição à caracterização do Alto Uruguai (RS): breve releitura e novos desafios. 2015.

Mapa: Fonte: Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul, 2021

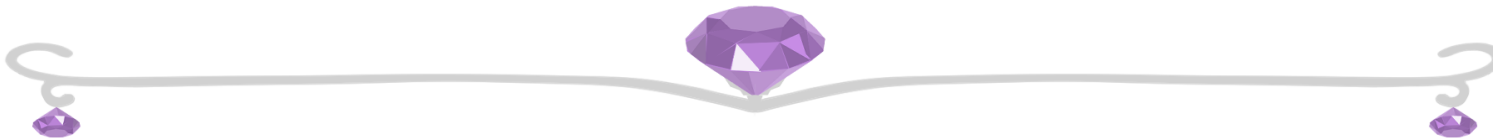
## AMETISTA DO SUL



### A ocupação

O Município de Ametista do Sul faz parte do contexto histórico da Região do Alto Médio Uruguai, no Estado do Rio Grande do Sul. O município emancipou-se em 20 de março de 1992, sendo o primeiro distrito a sede, o segundo distrito é Linha de São Valentim da Gruta e possui as seguintes localidades: Linha São Rafael, Linha Barreiro Grande, Linha Barreirinho, Linha Alto Barreirinho, Linha Santa Catarina, Linha Sangão, Linha Santo Antão, Linha Tajuva, Linha Pedra, Linha Santo Antônio, Linha Três Coqueiros, Linha Fátima, Linha Alta, Linha Curta, Linha Quebrinha e Linha São Roque. As distâncias entre a sede e as vilas variam de dois a 10 km, e o acesso é feito por estradas ensaibradas.

A ocupação recente do território que compõe o município se iniciou de forma mais efetiva no início do século XX, assim como a maioria dos municípios da região. Embasada pelas políticas do estado, sob a influência do positivismo, foi sistematizada a medição e procedida a venda de lotes, nessas, que constituíam as últimas terras, ainda não incluídas no sistema capitalista e que abrigavam diversos grupos sociais, nascidos na região e/ou oriundos de diferentes regiões do estado, migrados por motivações diversas.



Sobre as primeiras décadas de ocupação, as fontes para pesquisas são escassas, por isso, a partir daqui a oralidade será contribuinte essencial para a construção e registro da história da comunidade ametistense. Afinal de contas, <sup>56</sup>os laços culturais, que se encontram envolvidos principalmente nas memórias dos homens e das mulheres, são os que sustentam a vida em comunidade. Entende-se, portanto, a memória como uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente, registrada neste estudo por meio de entrevistas e pesquisas.

A História Oral é uma fonte identitária de uma comunidade, capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades. Esse tipo de fonte não só permite a inserção do indivíduo, mas coloca-o como sujeito no processo histórico produtor de histórias e feitos de seu tempo.

<sup>57</sup>É importante destacar que, trabalhar com história oral é, acima de tudo, não querer uma história totalizante, nem tão pouco provar uma verdade absoluta, pois, apesar de sempre atual, a memória não apresenta exatidão, pode não ter um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. <sup>58</sup>As fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época e contribuíram ativamente na construção de uma cultura local.

Para essa construção, também foram pesquisados os documentos constantes nos dois processos de emancipação, arquivados no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul- APERS, na cidade de Porto Alegre, os quais, por terem sido elaborados de forma minuciosa no que se refere aos dados das suas épocas, trouxeram grandes contribuições para este estudo. Também foram consultadas fontes bibliográficas, estudos anteriores, matérias de jornais e revistas, documentários, entrevistas e outros.



<sup>56</sup>FELIPE, Márcia Leyla de Freitas Macêdo e ALVES, José Willame Felipe. **A Importância da Fonte Oral como Instrumento de Resgate Histórico das Mulheres do Quilombo Sítio Arruda, do Estado do Ceará, 2016.**

<sup>57</sup>PORTELLI, A. **O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum.** In:

<sup>58</sup>FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Fotos: Documentos dos processos de emancipação de Ametista do Sul – APERS, entrevista com Antônio (Toninho) Tonet. Professores: Nair Carnin e Orélio Bertoletti. Fotos: Adriane da Cruz. Foto: TV Ametista News (documentário, “Nosso povo, nossa riqueza”

<https://www.facebook.com/tvametistanewsoficial/videos/928325744410815/>

Foto: Jussara Prates e fotógrafa Adriane da Cruz. Foto: Fábio dos Santos e Elaine Broglio, da Sec de Turismo selecionando fotos/pesquisa para o projeto.

Conforme a síntese histórica que compõe o processo de emancipação do ano de 1991, os primeiros migrantes que ocuparam de forma efetiva o território ametistense chegaram utilizando os rios, especialmente o da Várzea e do Mel, como via de transporte, e se fixaram nas áreas ribeirinhas no período entre o final do século XIX e início do XX. Nesse processo de ocupação, se utilizaram das antigas picadas e caminhos por entre a mata, como as que davam acesso às localidades mais antigas como “Barril”, Iraí, Planalto e Palmeira, para se deslocarem e fixarem moradia nas proximidades dessas picadas que aos poucos se consolidaram, tornando-se as avenidas e ruas principais do município.



Acesso para o município de Planalto.

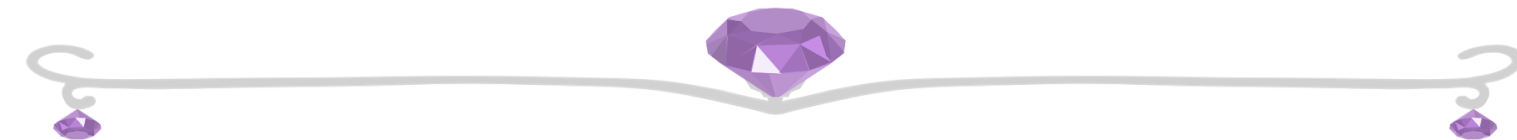


Principais avenidas.



Acesso para Frederico Westphalen e Iraí.

Fotos: Documentos dos processos de emancipação de Ametista do Sul – APERS – 1986.



Observemos que no processo de ocupação do território, <sup>1</sup>tanto as “estradas” principais quanto as secundárias, desde cedo, foram importantes vias de penetração e fixação no território, estendiam-se ao longo dos vales e dos rios, buscando as várzeas fertilizadas e as encostas pouco acentuadas, próprias ao cultivo e às pastagens. Em Ametista do Sul, percebe-se que as localidades rurais que compõem o município, desde as primeiras décadas do século XX já contavam com alguns moradores, assim como na região da zona urbana, na sede.

Os moradores mais antigos ainda lembram que seus pais reuniam-se com os vizinhos e parentes e, em <sup>59</sup>“puxirão” abriam picadas e estradas, as localidades eram isoladas umas das outras e isso dificultava a comunicação e o comércio/troca de produtos. Além disso, as vias se tornaram ainda mais necessárias quando a mineração começou a se desenvolver, visto que havia dificuldade para a chegada dos compradores de pedra, geralmente vindos de outros municípios. Foi com enxadas, picão, facão e pá que as primeiras vias foram sendo abertas, facilitando a locomoção, o escoamento e circulação de produtos, especialmente da mineração que era uma atividade praticamente artesanal.

Com base no conhecimento popular, a localidade rural chamada de Cordilheira teria sido a primeira a ser ocupada. É interessante mencionar que ao observar fotos aéreas, verifica-se que toda a região da sede, alongando-se em direção às saídas para Frederico Westphalen e Iraí, em termos geográficos, constituem uma espécie de cordilheira, especula-se, portanto, se este nome deriva unicamente por essa condição topográfica.

No entanto, devemos observar também que os registros documentais, referentes à compra das propriedades são relativamente recentes para a região, cujo controle e acompanhamento ocorreu de forma mais efetiva, principalmente a partir da década de 1930 após a emancipação do Município de Iraí (1933), município ao qual a antiga localidade de São Gabriel pertenceu de 1933 a 1963. Por isso, certas informações ficam em aberto instigando estudos futuros.



<sup>59</sup> Mutirão, mobilização de moradores para abrirem estradas e picadas.

Fotos superior: Documentos dos processos de emancipação de Ametista do Sul – APERS – 1990. Foto de 1991.  
Foto inferior: Abertura de estrada.



Enfatiza-se, nesse sentido, que não se pode relegar o conhecimento popular, pois ele é transmitido de geração em geração por meio da memória das famílias que, reunidas dão origem e forma à memória coletiva. Assim, considera-se neste estudo, de grande relevância o conhecimento popular.

Como vimos, a região do Alto Uruguai foi a última a ser incluída nas políticas de colonização do estado, mas isso não significa, necessariamente, que não havia ocupação as quais, certamente, eram esparsas e móveis, visto que é de conhecimento que tanto os indígenas quanto os caboclos ou nativos migravam constantemente em busca de subsistência.

Conforme a <sup>60</sup>síntese histórica presente no processo de emancipação de Ametista do Sul, provavelmente, nas proximidades das margens do Rio do Mel, se estabeleceram os primeiros moradores como o Sr. Daniel Poncio, Srs. Pedro e João Vieira e Chico dos Santos se assentaram na região denominada atualmente de Sangão. Neste documento encontra-se também a informação que teria sido pioneiro, na região da atual sede do município, o Sr. Martimiano residindo nessa área até 1945. Foi nessa época também, que se instalou o primeiro <sup>61</sup>“boteco” de propriedade do Sr. Joanim Jacomini.

Data da década de 1940 a chegada de outras famílias na região que faz parte da zona urbana do município, muitas se dedicaram ao trabalho de derrubada da mata para posterior queimada e plantio de milho, feijão e fumo. Entre essas famílias estão a de Pedro Castro, Izidoro Zanella, Aldo Piacentini, Adão de Chari, Ricardinho Freitas, Firmino Bertoletti, Atílio Sartori, Amâncio Monteiro, João Maria Rodrigues, Atanalgido dos Santos, Pedro Pereira, João Fernando de Oliveira, Aparício Ribeiro,



<sup>60</sup>Síntese Histórica do Processo de Emancipação, 1991. APERS.

<sup>61</sup> **Boteco:** A origem do boteco vem de botica, que literalmente, era uma caixa de madeira, tradicional em Portugal e introduzida no Brasil, nos tempos do Brasil Colônia. Nessa caixa de madeira eram colocados remédios e levados às cidades e vilas. Não existia na época remédios em cápsulas ou comprimidos. Eram medicamentos líquidos e colocados em vidros. No Brasil Colônia, as boticas eram levadas pelos mascates e tropeiros em carroças e carros de bois, cortando as estradas do nosso sertão.

Foto esq: Da direita para a esquerda: João Jacob de Castro, Romilda Cestari de Castro, Olivina Farias, Antônio Farias, Vivaldino Farias, Arlinda Maria Farias e Custódio Farias – Foto de 1958.

Foto dir: Família de João e Paulina de Castro: (Fila de trás). Da esquerda para a direita: Olga de Castro, João Carlos Conterno, Valdir, Valdemar, Teresinha, Osmar, Morena, Suzana (no colo), Edemiro, Nego, Vilma, Teresinha, Dilo, Clacir de Castro. (Fila da frente), Sonia, Sandra, Naia, Paulina, João, Joel e Solange de Castro.



João Ribeiro (considerado o médico da época), João Centini, Adão Alves, Osório Fogaça, Luiz Comunello, João Berlatto, Servirno Vinques, Laurentino Rodrigues, Ricardo José de Freitas, Ernesto Miranda, Juvelino Fabiano, Pedro Cadoná, Leandro Tindo da Rosa, Vico Pereira, Virgílio Fontana, Juventino e outros. Estabeleceram-se principalmente nas redondezas da atual sede.



Foto centro sup: Família de Aparício Ribeiro – Foto de 1946

Foto centro inf. Família de Antônio Reinaldo de Castro e Coraldina de Castro. Filhos Avelino, Laudelino, Gentil, Doralino, Terezinha, Pedro, João Maria, Augustinho, Cenilda, Romilda e José de Castro. (noras e netos).

Outras imagens não foram identificadas até o momento de finalização deste estudo. Optamos por publicá-las por considerarmos que as mesmas permitem diferentes leituras de um tempo remoto da história de Ametista do Sul. Elas constituem importantes registros históricos e estando publicadas podem ser acessadas por todos ampliando as chances de haver identificação das mesmas.

Segundo a obra, <sup>62</sup>Relatos de Experiências em Pedagogia de Projetos, desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação de Ametista do Sul, na localidade de São Valentim da Gruta, no ano de 1947, foi construída a primeira escola na terra do senhor Adelino Regazon, o que sugere que a ocupação tenha se dado pelo menos na década anterior. O primeiro morador foi Manoel João de Oliveira, segundo conhecimento popular ele teria matado uma “tigra” (tigre-fêmea) perto da gruta, passando a localidade a denominar-se de Linha da Tigra.



Escola Municipal Abrahm Lincoln, possuía 47 alunos e 3 professores. Comunidade São Valentim da Gruta. Foto de 1986.



Capela São Valentim da Gruta, possuía cerca de 40 famílias associadas. Foto de 1986.

<sup>62</sup>Relatos de Experiências em Pedagogia de Projetos. Secretaria Municipal de Educação de Ametista do Sul. 2004.

Fotos antigas: Documentação processo de emancipação de 1986. APERS.

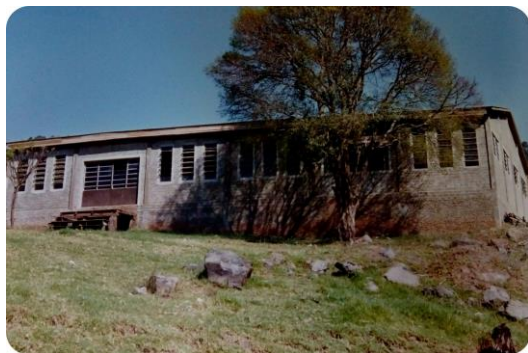
Foto inf. Esq. Padrinho do sino: Sr. João Augusto, segurando o violão está o Sr. Raul Ribeiro. Foto de Ricardo Ribeiro, fotógrafo na época. 1983.

Foto da Gruta: Adriane da Cruz, 2022.

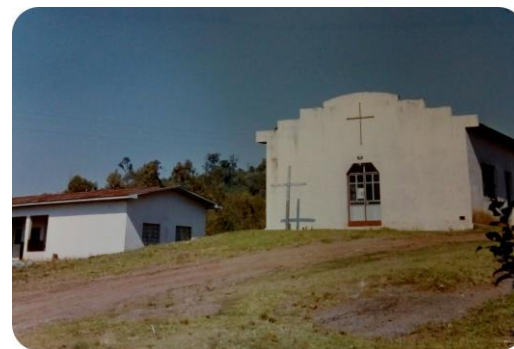




Na localidade Linha Alta, tem-se os anos finais da década de 1940 como referência de ocupação, especificamente o ano de 1948, ali moravam as famílias Lima, Vinques, Dinis, Damásio, Paiane, Fernandes, Silveira, Fronza, Corazza, Meazza, Vieira, Reginatto e outras. Nessa comunidade, a alfabetização das crianças se iniciou embaixo de uma árvore sendo a professora a esposa do senhor Armando Reginatto.



Pavilhão de Festas da comunidade de Linha Alta.  
Foto de 1986.



Escola Municipal Coelho Netto, possuía 35 alunos e 2 professores.  
Capela Nossa Senhora Aparecida da Linha Alta, possuía cerca de 50 famílias associadas. Anualmente é realizado a romaria em honra a padroeira. Foto de 1986.

Na localidade de Santo Antônio, em fins da década de 1950, chegaram as famílias Colussi, Ceratti, Zanella e Zatti, entre outras, famílias católicas, nos primeiros tempos rezavam o terço na casa de João Colussi. Anos depois organizaram-se e construíram a igreja nas terras de Orestes Ceratti e a utilizavam também como escola.



Escola Municipal Duque de Caxias, Linha Santo Antônio.  
Foto de 1986.



Capela Santo Antônio e pavilhão de festas, na Linha Santo Antônio. Foto de 1986.



Na localidade de São Rafael, os primeiros moradores foram João Beatto, Daniel Fontana, Luis Fontana, Vergílio Danelo, Ermínio Reginatto, Martielo Poltronieri, Valêncio Padilha, Germano Milla, Ezídio Abreu, João Fontana, Vergílio Fontana, Valêncio Braga, Rafael Santin, entre outros. Assim como nas demais localidades, as obras de infraestrutura e serviços eram realizadas pelos membros da comunidade.



Pavilhão de festas da Comunidade São Rafael. Foto de 1986.



Escola Presidente Costa e Silva, possuía 36 alunos e 2 professores.  
Capela São Rafael, possuía 50 famílias associadas. Foto de 1986.

A localidade de Santo Antônio, no passado, chamada de Linha do Pique, lugar de difícil acesso. Em meados da década de 1950 estabeleceram-se nesta comunidade as famílias de Paulino Flores, Vergílio Ferri, Rodolfo Densi, Jose Lopes da Silva, Nico Portes, Cezário Laranjeira, Abrilino Machado, Flor Rosa, Albino Dense, Leopoldo Dense, João Antônio Nunes dos Santos, Denis Nunes do Santos, Aristide Batista, entre outros.

A ocupação inicial, entretanto, é datada desde a década de 1930 visto que há registro que em 1938 a comunidade recebeu a imagem de Santo Antônio como Santo de devoção, o que sugere já haver, anterior a esse período, a formação de comunidade. Nos anos sessenta a escola da localidade recebia alunos de comunidades vizinhas como da Linha do Gancho, Banana e da Tigrinha.

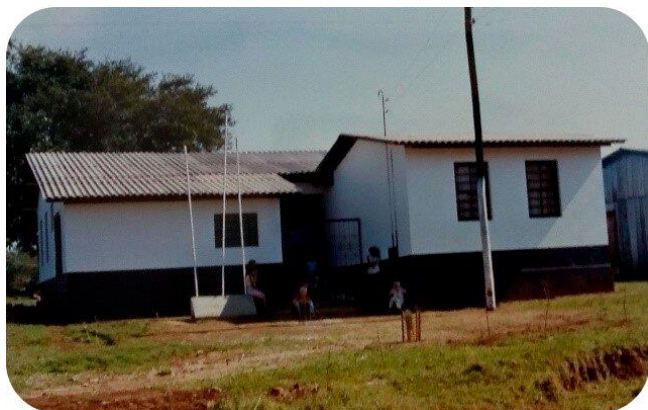
A Linha Santa Catarina registra a presença de escola desde o ano de 1938, o que indica que a ocupação tenha se iniciado nos anos anteriores. Conforme a localidade foi crescendo, demandou a necessidade de uma escola local. No ano de 1938 as aulas eram realizadas numa capela e em 1947 teve sede própria construída em terras de Antônio Martins. No estudo utilizado como referência para ilustrar a ocupação da localidade, não constam os nomes de outras famílias moradoras desses primeiros tempos.



Escola Municipal Ildefonso Simões Lopes, localidade de Santa Catarina, Município de Iraí. Foto de 1986.

Registra-se aqui, novamente, que a história é uma ciência em constante construção, sugere-se, portanto, a continuidade desse estudo junto às comunidades, a fim de complementar e ampliar o conhecimento acerca da história e memória de Ametista do Sul.

A Linha Três Coqueiros recebeu seus primeiros moradores por volta de 1935, famílias vieram de outras localidades de municípios vizinhos e abrindo picada entre o mato se fixaram e deram início às atividades de agricultura de subsistência. As famílias Verner, Alba, Telles, Machado, Souza, Fischer e outras.



Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Dr. Fernando Ferrari, Município de Iraí. Foto de 1986.



Capela São João da comunidade de Três coqueiros, possuía 50 famílias associadas. Foto de 1986.

Sobre a ocupação na localidade de Barreiro Grande, as informações não são precisas, que há cerca de 75 anos teria se iniciado, sendo os primeiros moradores as famílias de Gustavo Fischer, Gumercindo de Moraes, Adolfo Dunque, Guilherme de Souza, João de Souza, Teodoro da Silva, José da Silva, João Bandeira, Manuel de Souza, Chico Ramos, Pedro Bandeira, Mario Carlím, Otilia Fischer, Dilão Martins, Leopoldo Dentes, Guilherme Vandrúsculo, Adão da Silva, Jandir Figueiredo, João Dias, Maria Malvina da Silva, Gomercindo Alves, entre outras. Na década de setenta, segundo registros escolares, encontra-se alunos das famílias Fischer, da Silva, da Rosa, de Souza, Ribeiro, Bilíbio, Machado, de Azevedo, de Moraes, Gonçalves, Fiúza, Lourenço, Fernandes Cavalheiro, Grasiak, Posceniewez entre outros.



Escola Municipal Tomé de Sousa. Foto de 1986.

A Linha Fátima, antiga Volta da Banana, teve sua ocupação intensificada desde a década de 1930 com a chegada de colonizadores oriundos de municípios da região. As famílias Binello, Barbosa e Batista estão entre as mais antigas na localidade.

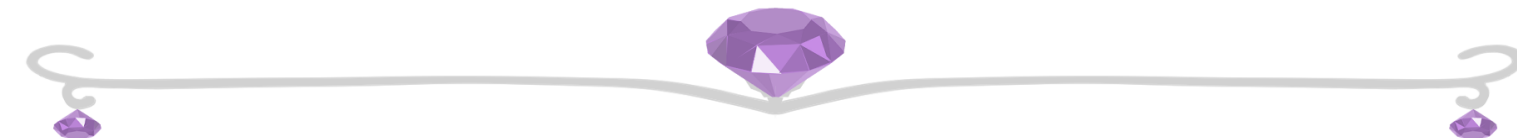
A comunidade já teve time de futebol e as atividades sociais eram mais vinculadas à religião e tinha comércio (Bodega da Dorva). Esta localidade sofreu o impacto do êxodo rural e sua densidade demográfica reduziu bastante ao longo dos anos.



Escola municipal de 1º Grau Incompleto José Loureiro da Silva, Linha Barreiro Grande, Município de Iraí, na época. Foto de 1986.



Capela São Brás e salão de festas da comunidade Barreiro Grande. Foto de 1986.



A ocupação na Linha Barreirinho data de fins dos anos da década de 1940 com cerca de oito famílias, na casa do senhor Manoel Ribeiro foi criada uma escola particular, a fim de oferecer instrução para as crianças e em 1949, foi construída uma pequena igreja que sediou as aulas abertas a todas as crianças sob responsabilidade do Município de Iraí. Em 1959 a comunidade teve uma escola com sede própria construída estando entre as primeiras professoras Lúcia Pilonetto e Ermida Zanardi.

No histórico da comunidade da Linha da Pedra, consta que por volta da década de 1940 chegaram as famílias de Alfredo Pinheiro e Pedro Rita, vindos de Soledade em busca de terras férteis e prosperidade. Tempos depois, outras famílias como as de Ciriaco Davila, Manoel da Rosa, Anselmo Rodrigues, Luciano Garlett, Sebastião e João Carnin, foram adquirindo terras, derrubando o mato e desenvolvendo a agricultura e a pecuária. Eram pequenas propriedades quase sempre voltadas à produção de subsistência.



Escola Municipal D. Pedro II, comunidade da Linha da Pedra.  
Foto de 1986.

Outras comunidades que fazem parte do Município de Ametista do Sul tiveram em seus processos históricos contextos parecidos com os demais e merecem que, futuramente, sejam mais estudadas, a fim de registrar suas histórias e memórias. A seguir insere-se as fotografias de outras escolas e que fazem parte do primeiro processo emancipacionista de 1986, a fim de ilustrar as comunidades e compartilhar as imagens daquele tempo.



Escola Municipal John Kennedy, possuía 48 alunos e 2 professores. Vista do salão de festas. Comunidade da Linha Curta. Foto de 1986.



Escola Municipal Luiz Meneghetti, na Linha Tajuva, pertencia ao Município de Iraí. Capela Nossa Senhora dos Navegantes, possuía 25 famílias associadas. Foto de 1986.



Escola Municipal Tiradentes da Linha Gancho.  
Foto de 1986.



Escola Estadual de 1º Grau São Gabriel com  
447 alunos, 25 professores estaduais e 1 municipal.  
Foto de 1986.

## A derrubada da mata

As histórias contadas pelos moradores mostram as adversidades, dificuldades e também as conquistas que viveram nessa região. Conforme relata a senhora Elvira Cadena Reginatto, carinhosamente conhecida na comunidade como “Maninha”, em <sup>63</sup>depoimento à TV Ametista News. Contou que em Ametista do Sul era tudo um “sertão” de mato com madeiras enormes e que era preciso serrar as toras para poder levantar uma casinha. Em 1952, seu pai, com a ajuda de um serrador, levantou um <sup>64</sup>estaleiro para cortar a madeira. Teria levado três meses para poder fazer uma casinha, nos dizeres de dona Elvira, um “ranchinho” no meio do mato. Após ele ter construído a casa, buscou a família em Estrela para morar no Iraí, município do qual a antiga São Gabriel pertencia e que apesar das dificuldades de acesso, a localidade já ganhava fama pelos achados de ametista, alimentando o sonho do garimpo, que, aliás, ainda povoa o imaginário local e regional.



No decorrer do processo de derrubada da mata e nos anos que seguiram esse período, é que foram sendo adquiridos os lotes de terra e aos poucos os pioneiros deram início às atividades agrícolas e a ocupação do território. É importante lembrar o que já foi dito anteriormente, <sup>65</sup>as terras do Alto Uruguai, cobertas por espessas matas, não estavam vazias à espera do braço imigrante/migrante. Ali, há décadas já havia instalados muitos daqueles elementos luso-brasileiros, mestiços e caboclos que não conseguiram tornarem-se estancieiros, buscando sobreviver através de uma pequena agricultura de subsistência.

Fotos antigas: Documentação processo de emancipação de 1986. APERS

<sup>63</sup>Documentário, “Nosso povo, Nossa riqueza” da Tv Ametista News, publicado no dia 20 de maio de 2021. Acesso: <https://www.facebook.com/tvametistanewsoficial/videos/928325744410815/>

<sup>64</sup> Suporte feito com forquilhas de madeira para amparar a tora a ser serrada e transformada em tábuas ou em toras menores.

<sup>65</sup> MARTINAZZO, Luana Nunes. *História ambiental do alto Uruguai, Rio Grande do Sul, Brasil*. <file:///C:/Users/User/Downloads/352-1142-1-PB.pdf>



Nesse contexto histórico, alguns desses pioneiros vieram sozinhos para desbravar o território e para trabalhar na derrubada da mata e retornaram posteriormente com as suas famílias, era preciso “fazer a vida”.

Muitas vezes antigos moradores foram expropriados e envolveram-se em conflitos. No processo secular de instalação de colônias em solo gaúcho, denotava a preferência dos agricultores por áreas florestais e dos criadores pecuaristas por áreas de campos. Essa foi basicamente a tônica em todo o Brasil colonial. Os maiores proprietários, em terras gaúchas, eram invariavelmente pecuaristas, preferencialmente voltados às áreas de campos, não disputando, a princípio, as mesmas terras com os pequenos lavradores.

Dito isso, retoma-se sobre o processo de derrubada da mata que foi o <sup>66</sup>primeiro ciclo econômico do Alto Uruguai. O comércio de exportação de madeira para a Argentina via rio Uruguai, gerava trabalho para os balseiros práticos que viajavam cerca de 15 a 20 dias e impulsionava a ocupação das áreas desmatadas e viabilizou o início da agricultura na região.

O Sr. Carlito Bertolotti, cujo pai Firmino, foi lenhador/balseiro antes de migrar em definitivo para Ametista do Sul, onde adquiriu terras na Linha Curta e se estabeleceu com a família, conta que havia empresa de corte de madeira e elas contratavam os “peões” para o corte das árvores. Vinham só os homens porque não tinha nada além de mato, cortavam “pé e ponta” (a raiz e a copada) e com 12 juntas de bois puxavam as toras, com um carretão regulável, até o rio da Várzea. Deixavam as toras no rio, amarradas com cipó e voltavam para derrubar mais, assim que acumulavam uma certa quantidade de toras formavam a balsa e no período de cheias do rio Uruguai, elas eram “guiadas” pelos balseiros através da correnteza até San Tomé, na Argentina.



---

<sup>66</sup> LOPES, Fátima Marlise Marroni Rosa. **Balsas no Rio Uruguai. Década de 1935 a 1945.**Exposição Memorial do Parque Estadual do Turvo, Derrubadas, RS. 2022.



Existe uma história conhecida e pitoresca que nos permite ter uma ideia do quanto a mata era fechada na região de Ametista. Contam, que o <sup>67</sup>grupo que trabalhava no corte de árvores, junto com o Sr. Firmino Bertoletti, ficava acampado na esquina das atuais Avenida Bento Gonçalves com a Estrada para o Barreiro Grande, onde havia uma árvore grande, antiga e seca, nela morava um bando de corvos. Para deslocarem-se até a área de corte onde estavam trabalhando, seguiam pelo Barreiro Grande, desciam até o rio da Várzea e andavam vários quilômetros.

Num dia, quando derrubaram as últimas árvores da área de corte, localizado em frente ao entroncamento das saídas para Frederico e Iraí (terras que posteriormente pertenceu ao Sr. Antônio de Castro), eles avistaram a árvore seca onde moravam os corvos a qual chamavam de “toco do corvo”. Só naquele momento perceberam que estavam acampados perto da área de trabalho e haviam caminhado vários quilômetros, todos os dias, sem perceber que o acampamento estava pertinho dali. A topografia acidentada em direção à Linha Curta, aliada à densidade da mata e à falta de equipamentos, dificultava o trabalho e impunha muitos desafios a esses lenhadores.

De modo geral, na região do Alto Uruguai, <sup>68</sup>foram duas as principais formas de devastação das matas: a derrubada excessiva, geralmente para povoar, construir casas, pontes e utensílios, desprezando o restante e o corte clandestino nas margens dos rios para a exportação por balsas. Alguns produtores eram acusados de cortar a madeira em época imprópria, de não tomar os cuidados necessários para fazê-la secar, de serrá-la irregularmente, de prepará-la em polegadas incompletas e também por transportá-las em péssimas condições.

A temática da história ambiental precisa e merece ser mais estudada. Ao longo da história da humanidade, a adaptação, a resistência ou dominação do homem em relação ao meio ambiente em que está inserido, define as particularidades de cada região ou lugar, e, em Ametista do Sul, não foi e não é diferente. <sup>69</sup>A cada tempo, em cada lugar, desenvolvem-se essas relações de maneiras específicas, em uma constante construção, em que “a natureza influencia e é influenciada conforme o modo de sobrevivência de cada grupo ou indivíduo e as modificações na paisagem também transformam a cultura e a visão em relação à natureza”.



<sup>67</sup>História contada por Orélio e Carlito Bertoletti, neto e filho de Firmino Bertoletti.

<sup>68</sup> **LOPES**, Fátima Marlise Marroni Rosa. **Balsas no Rio Uruguai**. Década de 1935 a 1945. Exposição Memorial do Parque Estadual do Turvo, Derrubadas, RS. 2022.

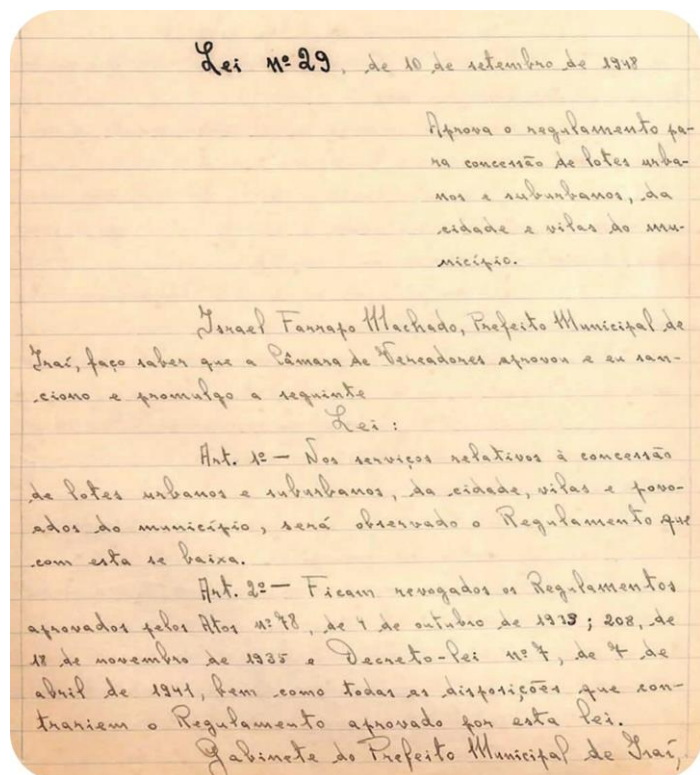
<sup>69</sup> **NUNES**. Vanesa Fernanda Arduin. **A floresta “melhorada”**: uma análise sobre as políticas de reflorestamento no Rio Grande do Sul (1934-1965). 2018.



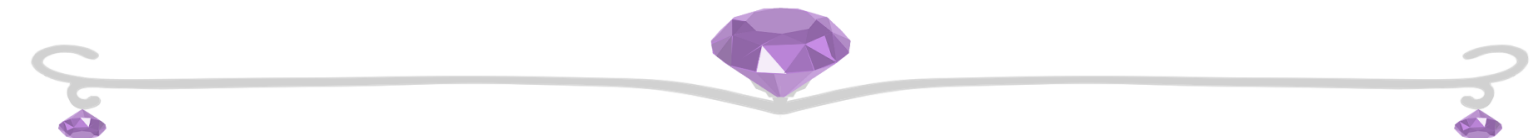
## O acesso à propriedade da terra

Para compreender as particularidades no processo de colonização é importante ter em vista que a busca por um lote de terras, na última região do estado a ser colonizada, demandou sucessivas políticas que normatizaram e viabilizaram a aquisição “legal” da terra junto aos órgãos públicos. Na busca desse entendimento, realizou-se pesquisas acerca dessas legislações, a fim de obter informações oficiais e para ampliar a compreensão desse complexo e emaranhado processo histórico.

No sistema eletrônico de armazenamento das legislações do Município de Iraí encontram-se as leis desde de 1933, importantes políticas que regularam e organizaram a ocupação da região. É o caso da Lei de nº29 de 10 de setembro do ano de 1948, que revogou as leis anteriores (Atos 78/1933 e 208/1935; Decreto-Lei nº7/1941) que tratavam das questões relativas à aquisição de lotes. A Lei nº29/1948, “aprova o regulamento para concessão de lotes urbanos e suburbanos, da cidade e vilas de todo o município, (naquele período a antiga São Gabriel pertencia ao Município de Iraí)”. Essa legislação “modernizou” o acesso aos lotes e incluiu demandas de serviços estruturantes, como o auxílio na abertura de estradas, por exemplo, nas obrigações dos novos proprietários.



Consta neste regulamento em seu Art. 17 a, “o pretendente solicitará por escrito a solicitação do lote, indicando a localização e número do lote”. É importante lembrar que neste período a maioria absoluta da população era analfabeta e essas exigências dificultavam o acesso aos lotes de forma oficial, assegurando-lhes a posse de “papel passado”. Nesse mesmo artigo, na alínea b, define que: “O interessado no lote indicará a sua nacionalidade, estado civil, idade, e quando estrangeiro prestará informações sobre a sua família”. Este tipo de dispositivo legal, nos municípios da região do Alto Uruguai, incentivou a procura por terra por parte das famílias migrantes das colônias velhas e é claro, de imigrantes recém-chegados no Brasil, alguns motivados pelo contexto após a 1ª Guerra Mundial e pelas convulsões políticas e sociais que antecederam a 2ª grande guerra na Europa.



Essa movimentação humana intensificou o crescimento demográfico na região alterando profundamente a paisagem natural e cultural.

Na mesma Lei, o Art. 19, informa que “o preço de venda dos lotes variará, com o valor das terras na ocasião, tendo-se em vista a qualidade, a situação, os meios de transportes e a riqueza da mata”. O Art. 20, define que “cada família poderia adquirir até 3 (três) lotes suburbanos” e o Art. 21, regulava que “aos filhos maiores de 16 e menores de 21 anos era permitida adquirir com a assistência do pai, tutor ou responsável, um lote”. No Art. 25, a Lei define que “o concessionário é obrigado a ter cultura mínima de uma terça parte da área do lote, dentro do primeiro ano de concessão”, o não atendimento desse artigo poderá implicar na perda da concessão.

Também consta, conforme o Art. 29, “a obrigatoriedade do proprietário de conservar os marcos divisórios, manter o roçado da estrada ou caminho correspondente à frente que ocupar, além da prestação anual de 3 (três) dias de serviço na conservação e melhoramento das estradas e caminhos de rodagens das circunvizinhanças.

Embasados nessas e outras condições, os novos proprietários foram chegando e ocupando o território da região que formava o imenso Município de Iraí, do qual a antiga localidade de São Gabriel, a atual Ametista do Sul fazia parte. Estabeleceram-se nas redondezas da atual sede, importante ponto de convergência entre as picadas e linhas que davam acesso a Frederico Westphalen, Iraí, Rodeio Bonito e Planalto. Como vimos, dedicaram-se ao trabalho de derrubada da mata para posterior queimada e plantio de milho, feijão e fumo.

No ano 1957 foi emitida a Lei nº 360, a qual, novamente, tratava sobre a concessão ou venda de chácaras e terrenos no Município de Iraí. No Art. 1º consta o seguinte:

“É o Prefeito Municipal autorizado a conceder ou vender as chácaras e terrenos pertencentes ao município, desde que demarcadas e divididas, atendidas as seguintes bases de preço:

- a) Os terrenos da Vila Operária – esquina, Cr\$ 10,00 o metro quadrado, centro da quadra Cr\$ 8,00 o metro quadrado;
- b) As chácaras das vilas sedes dos Distritos Rurais, Cr\$ 0,30 o metro quadrado;
- c) Os demais terrenos da zona residencial da cidade, Cr\$ 40,00 o metro quadrado;
- d) Os terrenos das vilas sedes dos Distritos Rurais – Planalto Cr\$ 6,00 o metro quadrado, Rio dos índios Cr\$ 4,00 o metro quadrado e Saltinho Cr\$ 4,00 o metro quadrado;
- e) Os terrenos do povoado de São Gabriel, Cr\$ 3,00 o metro quadrado.

**Parágrafo Único:** Da atenção às condições peculiares dos diversos terrenos e chácaras, o Prefeito municipal determinará, no despacho de concessão, o acréscimo que julgar conveniente e razoável ao preço mínimo e básico.

**Art. 2º-** O pagamento do preço da concessão ou venda do que trata o artigo anterior, poderá ser feito em três prestações iguais: a primeira, no ato da concessão e as outras, após doze e vinte e quatro meses, respectivamente.

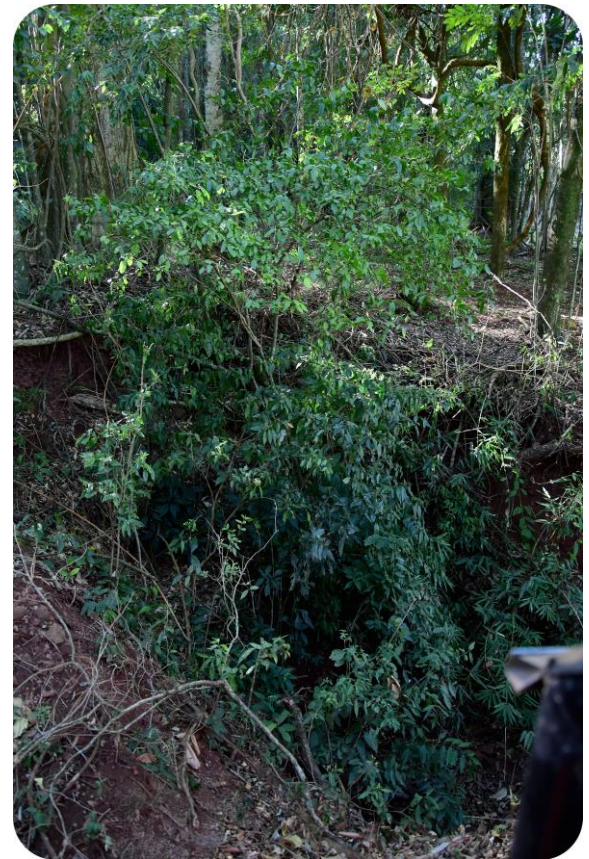
**Art. 3º -** Os terrenos transferidos para o município, já requeridos do estado e ainda não concedidos, mas já edificadas, manterão o preço proposto pelo estado[...]

Essa lei de 1957 nos fornece importantes informações; no final dos anos da década de 1950, do extenso Município de Iraí, a localidade de São Gabriel era considerada, pela administração municipal, apenas como um povoado, cujo preço do metro quadrado de terra era relativamente baixo, se comparado com outras localidades que compunham o Município de Iraí na época. Este baixo preço estaria associado às questões topográficas e geológicas cuja incidência de rocha aflorante dificultava a prática da agricultura, motivação principal do processo de colonização, ou teria sido as dificuldades de acesso e comunicação a condicionarem o preço? Provavelmente, esses e outros fatores coincidiram, se sobrepuseram e influenciaram nas decisões administrativas da época as quais atuaram decisivamente no processo histórico de Ametista do Sul.

Muitas perguntas surgiram ao longo da elaboração deste livro e certamente, outras surgirão a cada leitura, para algumas encontrou-se respostas, outras, entretanto, permanecerão povoando o imaginário e aguçando a curiosidade. Nesse sentido, é importante manter em vista que este estudo não tem como pretensão esgotar o tema acerca da história e da memória ametistense, pelo contrário, espera-se instigar debates, despertar para novas investidas na pesquisa histórica e historiográfica, e, sobretudo, promover o interesse da comunidade pela história local e regional.

### O garimpo em Ametista do Sul

Segundo os relatos e registros, foi durante a derrubada da mata e posteriormente, no reviro do solo, que os agricultores começaram a encontrar rolados de ametistas, ágatas e outras pedras semipreciosas. Encontravam-nas às margens dos rios, riachos e raízes de árvores, onde havia maior movimentação natural do solo, fosse provocada pelo crescimento das raízes de árvores, enxurradas ou pelo preparo da terra para o plantio agrícola. A natureza caprichosa surpreendeu este povo sofrido, que ocupavam essas terras, antes pouco valorizadas, depositando no subsolo a maior jazida de ametista do mundo, tornando este território único e promissor.



---

Antiga cava de rolado – Ametista Parque Museu  
Foto: Adriane da Cruz.



O garimpo literalmente nutriu o sonho desses pioneiros. Afinal, encontrar uma “pedra boa” representava, e ainda representa, a possibilidade de romper ciclos e melhorar a situação financeira da família.

As fotos a seguir são de diferentes épocas e ilustram a atmosfera de alegria e esperança que envolve a vida das famílias garimpeiras, o simples ato de registrar em fotografia já demonstra ser um momento único e importante, perpetuado em imagem os achados valiosos ou diferenciados, que há gerações, une famílias, amigos, curiosos e movimenta a economia.



Fotos:

Sup. Esquerda: Doraci Maria Vinques (dirigindo), Adorino Vinques (em pé do lado de fora da carretinha), Leandro Vinques e Rober Jone Vinques (filhos do casal) e Gustavo Vinques (o bebê, sobrinho do casal). Foto de 2002. Acervo da família.

Sup. Direita: Leonides Garlett (com cigarro na boca), garimpo em Getúlio Vargas de Bruno Sidoski (boné verde). Foto de 1987.

Inf. Esquerda: Descida para Três Coqueiros. Entre os presentes na foto estão: de chapéu Sr. Luiz Fontana (proprietário do garimpo), em pé de calça social Sr. Arthur Danielli, (comprador de Santa Cruz, já falecido), de chapéu e camisa escura aberta, Sr. Neldo Zatta, (falecido), Encostado no trator, de camisa de listras aberta Sr. Abílio Poncio (comprador de pedras).

Foto inf. Direita: Sr. Raul Ribeiro mostrando Ametista. Foto de 1977.

Acervo: Secretaria Municipal de Turismo.



A partir dos primeiros achados preciosos, os moradores passaram a diversificar as atividades, além do trabalho na agricultura, que garantia a subsistência, passaram a praticar também a “mineração”. De forma primitiva e intuitiva eles faziam a procura/prospecção de possíveis veios de pedra seguida de escavação no solo. Vale lembrar que as propriedades eram relativamente pequenas e que a possibilidade da mineração ampliou os horizontes econômicos na localidade.

Nesses primeiros tempos os garimpeiros eram desprovidos de conhecimentos técnicos, de ferramentas e equipamentos, assim como não conheciam o valor real das pedras para a comercialização. Além disso, havia poucas possibilidades de venda e ganho rápido, conforme <sup>70</sup>conta dona “Maninha”, os garimpeiros vendiam tudo muito baratinho, ninguém sabia preço, ninguém sabia nada sobre esse comércio, quando vinha um comprador, oferecia um troquinho, a “gente” vendia. Os garimpeiros não sabiam o valor da pedra, porque nunca tinham “lutado” (trabalhado), com a mineração.

Importante lembrar que o comércio de pedras era profundamente dificultado pela falta de vias e acessos consolidados para o transporte, situação agravada também pelo fato de que a localidade é cercada por dois rios (do Mel e Várzea). Ainda segundo “Maninha”, cerca de setenta anos atrás seu pai guardava as pedras que encontravam e só depois é que apareceu comprador de fora, eram de Lajeado e Soledade.

Comenta <sup>70</sup>Dona Maninha que é até difícil de acreditar como viviam a prática do garimpo se considerar como é a cidade hoje e a tecnologia empregada nessa atividade. Segundo ela, além da localidade ser um “sertão de mato fechado”, tinha animais ferozes, inclusive tigres e “tigras” que, até deram nome a localidades no município e que os garimpeiros enfrentaram muitas dificuldades e transformaram o garimpo numa “coisa linda de se ver”. Registra-se, que dona “Maninha” foi a primeira mulher a trabalhar com a compra e venda de pedras, anteriormente o comércio era realizado exclusivamente pelos homens. Atualmente, as mulheres atuam nas diferentes etapas do processo produtivo da mineração de pedras em Ametista do Sul.

Apesar das inúmeras adversidades, os mineradores foram trabalhando e buscando soluções, ainda que rudimentares, e aos poucos foram atraindo os compradores que, utilizando cargueiros de cavalos, faziam chegar as pedras semipreciosas até outras vilas e cidades maiores da região. Essa comercialização inicial logo deu fama à localidade, e isso, naturalmente, atraiu novas levas de migrantes, intensificando a ocupação, a procura por novos lotes, a criação de comércios, escolas, aberturas de estradas e compradores de pedra.

Em <sup>71</sup>depoimento, o senhor Eusébio Mateus da Rocha, morador de Ametista do Sul desde o ano de 1952, contou que, nesse período, os agricultores encontravam escavações antigas, provavelmente desde 1930 havia a prática de uma mineração mais primitiva feita no solo mole. Na procura por pedras ametistas, faziam prospecções utilizando uma <sup>72</sup>sonda com a qual perfuravam o solo em busca de pedras.

<sup>70</sup> Documentário, “Nosso povo, Nossa riqueza” da Tv Ametista News, publicado no dia 20 de maio de 2021. Acesso: <https://www.facebook.com/tvametistanewsoficial/videos/928325744410815/>

<sup>71</sup>Entrevista para a série Histórias do garimpo-episódio 3, produzido pelo jornal O Alto Uruguai no ano de 2018. Disponível na internet. [https://www.facebook.com/watch/?v=656295294770688&extid=WA-UNK-UNK-UNK-AN\\_GK0T-GK1C&ref=sharing](https://www.facebook.com/watch/?v=656295294770688&extid=WA-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C&ref=sharing)

<sup>72</sup> Sonda: barra de ferro com a qual cavavam a fim de encontrar geodo ou ouvir a batida em pedra.



Contou que garimpar era tão difícil quanto vender, muitas vezes o garimpeiro acumulava o lote e demorava até aparecer comprador. Com o tempo ele passou a se dedicar à compra e venda de pedra, sendo um dos primeiros compradores e exportadores de Ametista do Sul. Contou também que, com o tempo, ocorreu a inserção de tratores para abertura das “rampas” e a mineração cresceu, ganhando espaço, mercado e reconhecimento.

Seu Eusébio mencionou também que, inicialmente, os garimpeiros paravam de garimpar quando a “frente” chegava na laje, pois acreditavam que havia terminado o “veio” de pedra.



---

Foto: **JUCHEN**, Pedro Luiz. **Mineralogia, geologia e gênese dos depósitos de ametista da Região do Alto Uruguai, Rio Grande do Sul. 1999.**

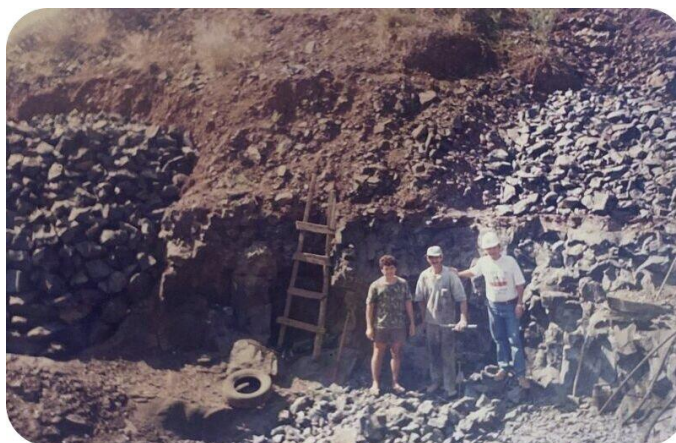


Sobre os primeiros tempos de garimpo, o senhor <sup>73</sup>Nerci da Silva Dutra, primeiro Prefeito de Ametista do Sul, contou que em 1952, tinha 12 anos, na roça, com a enxada viravam a terra, encontravam pedaços de pedras, iam cavando e quando este instrumento não dava mais conta, utilizavam o picão para cavar mais fundo, durante muitos anos a enxada, o picão e a pá foram os principais instrumentos de trabalho do garimpeiro. Na época, encontravam as pedras e juntavam até formar um “toro”, quer dizer, um lote de pedras, reunidas por qualidade, cor e tamanho. Na medida em que o solo foi ficando mais firme passando para rocha, começaram a utilizar também o ponteiro, a talhadeira e a marretinha.

<sup>74</sup>Relata a Sra. Irotides M. Ceratti, mais conhecida como “Ruty”, que nos anos da década de 1960 as crianças e as mulheres também trabalhavam no garimpo. Quando se encontrava o “rolado” começavam a cavar e quando a cava (uma espécie de poço), atingia uma profundidade que não dava mais para jogar a terra para fora, com a pá se fazia um carreado. Aprofundavam a cava em degraus, mais no fundo um trabalhava com o picão, outro “palheava” a terra dentro de um carrinho de mão feito de tábua e carregavam para fora, ia-se fazendo uns carreiros para conseguir sair com o carrinho. Conseguia-se chegar até o “tijolo mole” e quando o solo ficava duro demais, no cascalho ou na rocha, começavam outra cava em outro lugar.



Nessa mesma perspectiva conta dona “Maninha” <sup>75</sup>que toda a família trabalhava na cava, faziam um buraco tipo poço, tudo no braço sem a tecnologia de hoje. Conforme o poço ia ficando fundo (chegava a 7 a 8 metros), faziam uma escadinha de madeira amarrada com cipó para descer e cavar e puxavam a terra e o cascalho em latas de querosene. Lembra que seu pai fez um carinho de mão com tábua de “lascão” para trabalhar no garimpo, “não havia serraria” era tudo feito à mão. Cavavam até onde começava o cascalho duro ou quando chegavam na rocha, aí procuravam outro veio de pedra.



<sup>73</sup> Entrevista para a série Histórias do garimpo- último episódio, produzido pelo jornal O Alto Uruguai no ano de 2018. Disponível na internet. <https://www.facebook.com/OAltoUruguai/videos/200430997374001/>

<sup>74</sup>Entrevista realizada por telefone, pela autora, em dezembro de 2021.

<sup>75</sup> Documentário, “Nosso povo, Nossa riqueza” da Tv Ametista News, publicado no dia 20 de maio de 2021. Acesso: <https://www.facebook.com/tvametistanewsoficial/videos/928325744410815/>

Foto direita: antiga cava onde foi garimpado rolado. Ametista Parque Museu. Foto: Adriane da Cruz.

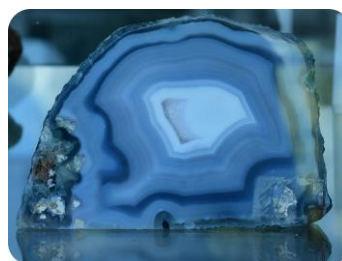
Foto esquerda: Garimpo a céu aberto, entre os presentes na foto está José Arceli da Rosa. Foto não datada, acredita-se situar-se entre fins de 1970 e início de 1980.



Consoante a isso, conforme o Sr. Nerci, antigamente, por falta de conhecimento quando os garimpeiros chegavam na rocha, muitos abandonavam a “rampa”, achavam que tinha encerrado o “veio”. Mais tarde começaram a colocar o trator para tentar ir mais adiante, virando o “tijolo”, dando início às escavações subterrâneas e introduzindo novos instrumentos de trabalho, como o da pólvora e posteriormente do martelo. Comercializavam a pedra bruta, sem beneficiamento e quase sempre a preços baixos. Sobre isso lembrou Dona Ruty, que seu pai, o Sr. Arvelino Prates, conhecido como seu “Bilino”, junto com outros moradores, trabalhavam numa antiga pedreira da Tigrá e que conseguiram tirar pedras boas, mas como não conheciam o valor comercial, vendiam muito barato. “Os garimpeiros, de modo geral, eram muito explorados, vinham os compradores de fora e ofereciam o que queriam. Como as propriedades eram pequenas, poucos agricultores produziam com sobra para vender, então, o dinheiro do garimpo era o único que circulava.”

Nesse contexto histórico, é importante mencionar que a história da mineração das pedras preciosas no Rio Grande do Sul foi bastante influenciada, ou pode-se dizer “incentivada”, por descendentes de alemães que já conheciam esse segmento econômico e dominavam as técnicas de lapidação.

<sup>77</sup>A história da extração das pedras preciosas no Brasil remete-nos sempre a <sup>78</sup>Idar-Oberstein na Alemanha, porque foi nesta cidade que se desenvolveu a indústria de lapidação de pedras preciosas, especialmente de ágata. Na Alemanha, os primeiros trabalhos das gemas remontam à primeira metade do século XVI. Em 1548, é citada em Idarbach, pela primeira vez, uma polidora de ágata. Todavia, 100 anos antes, já se escavava regularmente à procura de ágata, jaspe e quartzo, que seriam trabalhadas em outras localidades da Alemanha.



<sup>76</sup> Pólvora: A pólvora negra é um produto da mistura de 70% de salitre, e 30% de carvão (em peso).

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/8228/MULINARI%2C%20MARIELLI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. No Brasil, a pólvora é um produto utilizado desde o período colonial, sendo, no Rio Grande do Sul, largamente utilizado na abertura de estradas e em diferentes tipos de empreendimentos.

<sup>77</sup> PALMEIRA, Gilmar Afonso de Matos. **O setor de pedras preciosas e suas dinâmicas socioeconômicas – Soledade (1997-2006)**.

<sup>78</sup> **Idar-Oberstein** é uma cidade da Alemanha localizada no distrito de Birkenfeld, estado da Renânia-Palatinado. É conhecida mundialmente como a capital alemã da indústria de gemas.

Foto: Indústria de lapidação de ágata em Idar-Oberstein na Alemanha no século XVI. In. SCHUMANN. W. Gemas no Mundo.

Foto: Canto inferior esq. Adriane da Cruz.

Foto: Sup. Irotides M. Ceratti.





No Rio Grande do Sul, na região de Soledade, encontram-se registros que, antes mesmo de 1900, já havia extração, comércio e exportação de minerais para a Alemanha. <sup>79</sup>Em 1912, aportava em Soledade Hugo Walter Rassveiler, considerado como um dos pioneiros no garimpo, na lapidação e exportação de pedras de Soledade. A sua produção era exportada para Idar-Oberstein, na Alemanha, as pedras tinham o transporte de burros ou cavalos até Porto Alegre, e depois seguiam para o Rio de Janeiro em barcos a vapor, de onde eram exportadas para a Alemanha.

<sup>80</sup>No estado, a política imigratória, a partir de 1941, passou a beneficiar a indústria, garantindo certas facilidades para a mão de obra especializada e a quem trouxesse capitais. Com o crescimento industrial brasileiro ocorrido após a Segunda Grande Guerra, o processo passou a ser mais seletivo, restringindo a entrada da mão de obra não qualificada. Dessa forma, alguns dos imigrantes alemães, que chegaram à região de Soledade a partir dessa data, conheciam as técnicas de lapidação de pedras preciosas e sabiam que na Alemanha essa matéria-prima tornara-se escassa.

Esses imigrantes alemães descobriram as jazidas de ágata no Rio Grande do Sul e deram início à extração na região do Salto do Jacuí, com destaque para a ágata. A ametista, logo passou a ter grande aceitação em vários países, também foram sendo comercializadas citrino, jasper, opala, calcita, selenita entre outras. Esses minerais inicialmente foram explorados de maneira totalmente artesanal, com o uso de arados e escavações com pás e picaretas e exportados in natura (bruta) para Idar-Oberstein na Alemanha.



<sup>79-80</sup>PALMEIRA, Gilmar Afonso de Matos. **O setor de pedras preciosas e suas dinâmicas socioeconômicas** – Soledade (1997-2006).

Foto: Canto esq. Geodo incrustado na “laje” Basalto.

Foto: Sup. Centro de Mineralogia. Adriane da Cruz.

Foto inf: Internet.

Nesse contexto, dona Ruty relata que ainda menina ajudava o pai, seu “Bilino”, a fazer a queima da pedra. Como não tinham forno, ele preparava um quadrado de barro no chão e colocava cerca de quatro dedos de cinza, em seguida organizava os “florão” de ametista dentro de uma lata de pescada (uma lata redonda e maior do que as de hoje), para cada florão ele fazia um “lambari”, (uma lasquinha do florão preso num arame de cobre). Colocava tudo junto coberto com mais quatro dedos de cinza e faziam fogo em cima, com uma madeira que chamavam de “cerno de peixeiro”, considerada a melhor para essa finalidade. Depois de um tempo tiravam um “lambari” para avaliar a cor, controlar o fogo e o tempo restante para atingir o ponto certo da queima. Sobre o processo de queima, existem diversos relatos com algumas variações, o que denota que havia intercâmbio de técnicas e conhecimentos adquiridos com a prática.

Utilizando técnicas rudimentares e experimentais, os garimpeiros foram desenvolvendo conhecimentos, os quais foram sendo aperfeiçoados ao longo do tempo e incentivaram o desenvolvimento de tecnologias que aprimoram e facilitam o trabalho na atualidade. Ela recorda com carinho a importante tarefa que lhe era confiada por seu pai, a qual, certamente, contribuiu para nutrir a grande paixão que tem pelas pedras de Ametista. Quando questionada, por sua filha Renévia, sobre como teria surgido a ideia de queimar a pedra, ela respondeu: ele, assim como outros garimpeiros, ia em busca dos rolados no despejo e às vezes os encontravam, junto às raízes mais profundas dos tocos de madeira, onde colocavam fogo para a lavoura, era o rolado queimado que hoje conhecemos como o citrino. Achando bonito e tendo conseguido vender, veio a ideia de pôr a pedra no fogo.

Este relato é um dos tantos contados pelos garimpeiros e ilustra a engenhosidade desses trabalhadores, que a seu modo foram observando e interpretando as especificidades, limitações e adversidades do seu tempo, de cada cava, frente ou pedreira e utilizaram-se da aprendizagem cotidiana e transformaram a mineração na principal atividade econômica do distrito mineiro de Ametista do Sul.



<sup>74</sup>Entrevista realizada por telefone, pela autora, em dezembro de 2021

Foto: Canto esq. Citrino, Ametista Parque Museu. Adriane da Cruz.

Foto:, Canto dir. Geodo, Centro de Mineralogia. Adriane da Cruz.

Foto: Centro Forno de queima de pedra, por, bicos queimados. Ruty Ceratti.



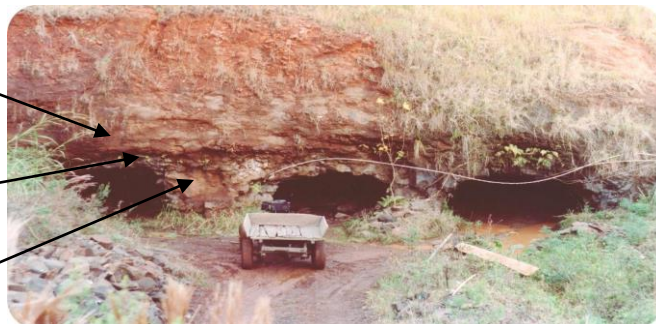
Com o passar do tempo, os garimpeiros perceberam que era na laje (basalto) que <sup>81</sup>estava incrustado o principal agrupamento de geodos de ametista, ágatas e outras pedras semipreciosas.



"Biju"

"Cascalho"

"Laje"



Considerando o histórico das primeiras décadas de mineração, pode-se dizer que os garimpeiros, da região do Alto Uruguai, trabalhavam “às escuras”, dependiam da capacidade de observação, aprendizagem prática e como costumam falar, precisavam contar com a “sorte”. O que se percebe é que a falta de suporte técnico/tecnológico e científico era uma realidade, aliada ao fato de que a maioria desses pioneiros da mineração trabalhava anteriormente, exclusivamente na atividade agrícola.

A mineração na região do Médio Alto Uruguai, principalmente em Ametista do Sul, representou uma nova possibilidade econômica vinculada ao comércio, rompendo a barreira das atividades de subsistência, era uma atividade nova, que precisava ser desbravada. O trabalho de garimpeiro sempre foi difícil, sobretudo nas primeiras décadas, e esses pioneiros tiveram que aprender minerando. Esse protagonismo foi muito importante e mudou o destino econômico e cultural desse território.

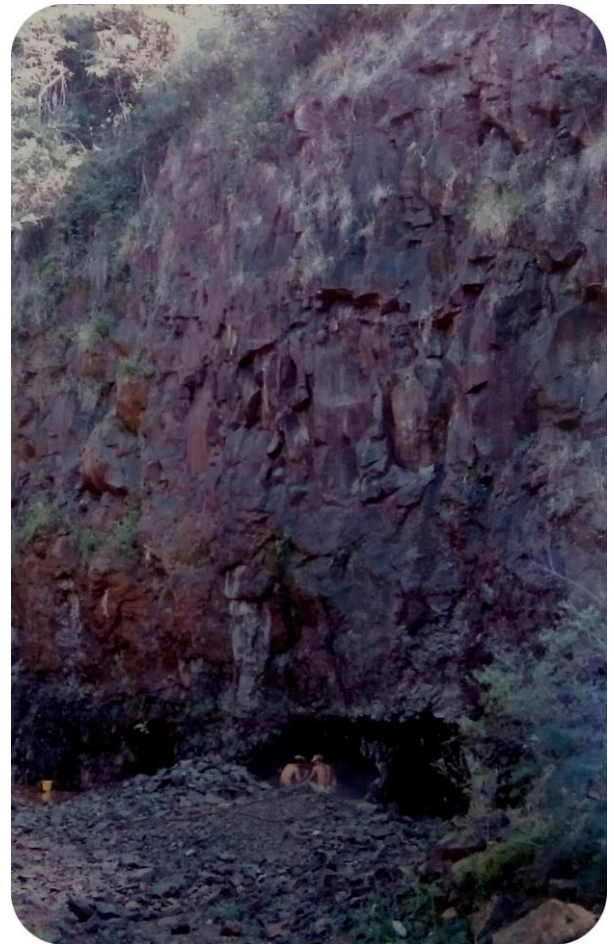


<sup>81</sup> Esquema representativo. JUCHEN, Pedro Luiz. **Mineralogia, geologia e gênese dos depósitos de ametista da Região do Alto Uruguai, Rio Grande do Sul**. 1999.

Foto canto esq. sup. Garimpo desativado. Adriane da Cruz.

Canto inf.esq. Início de garimpo na Linha Santo Antônio. Orlando Grana (a direita), seus filhos Neli de Fátima e Iraci Luiz Grana, seguidos de Olide Zatti, Binão, José Carlos de Mare (Zequinha) e Delonir Grana. Foto de 1977. Registra-se a participação e acompanhamento constante das mulheres e das crianças no trabalho do garimpo. Condição relatada por muitas famílias de garimpeiros.

Foto canto dir. Registra-se o uso de junta de bois para auxiliar na retirada dos geodos de dentro da broca. Delmir Potrich, ex-garimpeiro e ex-presidente da Coogamai. Foto da década de 1990.



Fotos de garimpos de Ametista do Sul, ilustram diferentes épocas e contextos demonstrando perfis geológicos, formas de trabalho, equipamentos e arranjos feitos pelos garimpeiros a fim de realizar o trabalho.

Foto: coluna à esquerda, segunda foto. Ricardo e Dirlei Ribeiro, chimarreando no acampamento do garimpo. Chama atenção o revólver pendurado na parede entre os dois, o uso de arma de fogo ou branca era comum nesse período.

Nos anos da década de 1960, a antiga São Gabriel já se destacava na produção de pedras, sendo a atividade de mineração, nesse período, tão relevante na economia local quanto a agricultura; o emprego da pólvora e de tratores ampliou as atividades e a produção de pedras.

Segundo o senhor <sup>82</sup>Antônio Moacir Tonet, conhecido na cidade como “Toninho”, nos idos de 1969, “os primeiros garimpos que evoluíram tecnicamente e passaram a fazer o uso da pólvora e respectiva detonação da laje, o que permitiu avançar basalto a dentro, foram os de Silvério Tonet, (linha Pique), de Delvino Lucietto, de Guilherme Pereira, (ambos do Barreirinho) e de João Francisco Vinques (Linha Peixeiro). Independentemente um do outro, pode-se dizer que eles foram protagonistas, ao utilizarem esse novo modo de garimpar eles revolucionaram o garimpo em Ametista.

No início, o trabalho era feito tudo no braço, levavam um meio dia para perfurar porque o processo para fazer o furo de detonação era com broca manual, iam batendo com a marreta até que atingisse cerca de 50 cm para poder colocar o explosivo e fazer a quebra do basalto, a detonação.

No início, para comprar a pólvora, era preciso ir até a cidade de Chapecó/SC, na loja Palácio dos Esportes, lá era vendido até dois quilos para cada garimpeiro”. Essa pólvora era muito “braba”, detonava com facilidade e por isso era muito perigosa, chegou a acontecer acidentes nesses garimpos”.



Um tempo depois, em 1972 os senhores Eugênio Padeco, Ari Salles e José Geraldo criaram uma fórmula própria de pólvora, eles dimensionaram de forma mais equilibrada os insumos a fim de atender a demanda da mineração local. Ensinaram outros garimpeiros a preparar essa nova pólvora e é essa que se usa até hoje com mais segurança. Eles deixaram um legado para Ametista do Sul porque, partindo disso, os outros garimpos também evoluíram.

Neste sentido, importa mencionar aqui, que a inserção da pólvora no processo de mineração de pedras, em Ametista do Sul representou um grande avanço e ampliou as perspectivas do garimpo, pois sua capacidade de “quebra” do basalto, da “laje”, viabilizou a perfuração de galerias horizontais permitindo o avanço das “frentes” de garimpo e hoje o subsolo do município forma um gigantesco labirinto de túneis, trazendo para a superfície toneladas de geodos de diferentes formações minerais, tamanhos e valores.

<sup>82</sup> Entrevista presencial realizada pela autora em janeiro de 2022.

<sup>83</sup> JELINEK, Andréa Ritter e SOMMER, Carlos Augusto. *Contribuições à Geologia do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina*. Sociedade Brasileira de Geologia. Porto Alegre, 2021.

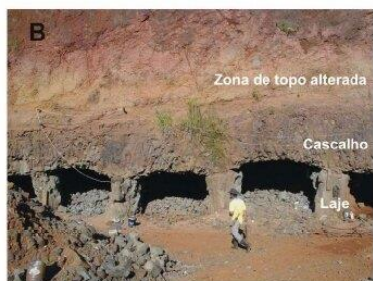
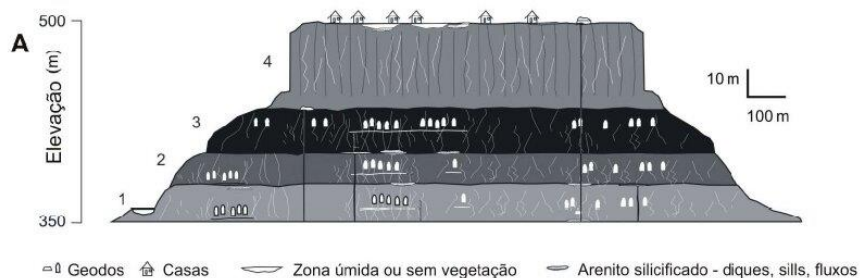
Foto: Pólvora secando ao Sol. Adriane da Cruz.

Nessa sequência, se percebe, que principalmente, a partir dos anos de 1970, a mineração já estava consolidada e chamava a atenção, não apenas pela questão econômica, mas pelo fenômeno em si.

Estudiosos de geologia e outras áreas da ciência passaram a desenvolver pesquisas nas universidades e com o tempo as publicações acerca desses estudos foram sendo divulgadas, dando suporte científico a toda cadeia produtiva da mineração de pedras preciosas e semipreciosas. Esses estudos foram e são importantes, tanto para o desenvolvimento de tecnologias voltadas para atender este segmento, quanto para o entendimento global dessa atividade. Conforme esquematização abaixo, encontrada na obra <sup>83</sup>Contribuições à Geologia do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, compreende-se melhor a distribuição dos geodos nas diferentes camadas geológicas, vindo de encontro com os relatos dos garimpeiros que muito contribuem para o conhecimento e melhor aproveitamento dessa atividade econômica.

Também a inserção do uso de explosivos, o aperfeiçoamento das técnicas e novos equipamentos, como o martelete, as serras e os fornos, havia modernizado e ampliado a capacidade produtiva do garimpo. O comércio se intensificava e as empresas e empreendedores locais se consolidaram no comércio das pedras.

Esse <sup>84</sup>perfil esquemático mostra também o empilhamento dos derrames mineralizados, com as principais estruturas relacionadas, a frente da lavra no sistema de mineração em galerias subterrâneas horizontais e o processo manual e delicado para a retirada de um geodo, incrustado no basalto, com o uso da talhadeira.



Nesse distrito mineiro, foram identificados três derrames de basalto toleítico. O maior produtor é o derrame Veia Alta, tendo, subjacentes a ele, os derrames Veia do Meio e Veia Baixa. <sup>84</sup>O nível dos geodos ocorrem em um basalto cinza a cinza esverdeado, com poucas fraturas horizontais e verticais, às vezes irregulares, mas sempre muito espaçadas, o que confere à rocha uma porção maciça, com 2 a 3 metros de espessura, denominada pelos garimpeiros de “laje”.

Acima da zona mineralizada, ocorre um nível cinza de basalto cinza-escuro a preto, com um sistema de fraturas

irregulares, denominado pelos garimpeiros de “cascalho” e que constitui o topo das galerias subterrâneas.

<sup>84</sup> JELINEK, Andréa Ritter e SOMMER, Carlos Augusto. Contribuições à Geologia do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Sociedade Brasileira de Geologia. Porto Alegre, 2021.



Na tese de doutorado de Pedro Luiz Juchen, intitulada “Mineralogia, geologia e gênese dos depósitos de ametista da região do Alto Uruguai, Rio Grande do Sul” o autor menciona a importância do conhecimento “prático” que os garimpeiros adquiriram ao longo do tempo. Segundo ele, é importante registrar que embora os garimpeiros sejam pessoas de <sup>85</sup>baixo nível cultural e, portanto, totalmente leigas em assuntos referentes à geologia, as observações que fazem nas rochas e nas mineralizações, são muitas vezes interessantes, fornecendo informações úteis para o entendimento de certos aspectos da geologia da região. As observações e descrições que os garimpeiros fazem sobre as características geológicas de determinados pontos foram e são fundamentais para o entendimento das especificidades das zonas mineralizadas, muitas vezes, comprovando teorias e, ou, levantando novas hipóteses.

Em entrevista à <sup>86</sup>série “Histórias do Garimpo” do Jornal O Alto Uruguai produzida em 2018, o Sr. Enio da Rosa conta que nos anos setenta começaram a aparecer os tratores de esteira para virar a terra nos topos dos morros, visando chegar onde se desconfiava que tinha a pedra ametista, aí fazia-se o corte no talude para abrir uma pedreira. Nesse trabalho, muitas vezes acontecia de o trator encontrar uma pedra (geodo) e o operador não via e jogava no despejo e ele, assim como outros, fazia essa triagem e frequentemente encontravam pedaços de ametista, “a gente ganhava dinheiro com isso”.

Contou que com sete/oito anos encontrou um pedaço muito bom de ametista e um vizinho ofereceu uma novilha em troca da pedra. Lembrou que depois de adulto migrou para outra região do estado para trabalhar em outra atividade, mas o garimpo “estava no seu sangue”, retornou para Ametista do Sul e continuou a trabalhar como garimpeiro.

Salta aos olhos o fato de que a história de vida dos ametistenses está incrustada na história da mineração. Muitas histórias pessoais se fundem com a história da cidade, o garimpo, suas memórias e o imaginário local nutrem a vida, a economia e a história coletiva da capital mundial das ametistas.



---

Foto: Abertura do garimpo de Romalino Pegoraro. Da esquerda para a direita: Adão Freitas, Romalino Pegoraro, Maristela Pegoraro, Leonilda Pegoraro, Maria Gaitikoski, Nilce Gaitikoski, Estácio Gaitikoski e Neri Perreira (em pé atrás). Datada de 1976. Acervo de Maristela Pegoraro.

<sup>85</sup> Interpreta-se como “baixo nível cultural” como uma referência a falta de estudos e formação técnica e científica sobre geologia da maioria dos garimpeiros na época em que desenvolveu seus estudos e pesquisas.

<sup>86</sup> Entrevista para a série Histórias do garimpo- episódio 1, produzido pelo jornal O Alto Uruguai no ano de 2018. Disponível na internet.

<https://www.facebook.com/OAltoUruguai/videos/236669760522518/>



Nessa sequência histórica, registra-se que na década de 1970 foi criada a primeira empresa de beneficiamento de pedras, comércio e exportação de grande porte, nascia a empresa LEGEP Minerações Ltda. A família Piovesan já trabalhava com pedras e garimpos desde a década de 1950, e com o crescimento da demanda de pedras preciosas no Brasil e no exterior, deram início à industrialização dos minerais extraídos de suas próprias minas. Logo ampliou e modernizou suas instalações e suas zonas de extrações, ainda nos anos da década de 1970 haviam expandido para além dos limites do Rio Grande do Sul. Esse empreendimento impulsionou o trabalho e o comércio de pedras em Ametista do Sul, pois, de modo geral, ampliou os horizontes dos garimpeiros despertando-os para outros mercados e a valorização das pedras.

Pode ser que, numa primeira impressão, fica a ideia de que foi “fácil” se tornar uma das maiores empresas exportadoras de pedras do Brasil, mas como muitas outras histórias vividas em Ametista do Sul, quando estudada, descortinam-se cenas de muito trabalho, protagonismo e confiança no poder econômico das pedras.

Partindo do tempo presente, fica até difícil imaginar que as primeiras investidas da LEGEP no comércio de pedras, realizadas pelo Sr. Leopoldo Piovesan, um dos fundadores, foram feitas sobre o lombo de cavalo incursionando pelo interior da antiga São Gabriel. Sobre isso conta-nos o Sr. Leopoldo:

“Meu início no mundo das pedras se deu quando eu tinha 12 anos, nas terras de meus pais, Atílio Piovesan e Cecilia Scapim, onde eu trabalhava na lavoura, foi ali que comecei a observar os cristais lilás e roxos. Aquela tonalidade lilás-azulada me encantava muito, devido ao seu brilho e beleza, eram os rolados em meio à lavoura, que posteriormente levaram ao surgimento das minas, que hoje se tornaram os garimpos de extração da pedra ametista.

Logo depois, comecei as minhas andanças à procura dos minerais a cavalo, eu fazia questão de juntar e acumular as melhores pedras e quando eu tinha um grande volume de cristais, eu levava até a vila central, São Gabriel, que hoje denomina-se Ametista do Sul, e vendia pelo melhor valor que eu conseguia no lote.

No decorrer do tempo, foi descoberto que aquelas que não tinham uma cor intensa roxa, sendo mais suave a tonalidade, ao se colocar no fogo em 400°C transformava o lilás-claro em uma tonalidade de cor amarelo-alaranjado, que quanto mais forte em cor, maior valor se obtinha. Essas pedras com tonalidade amarelo-alaranjado, inicialmente eram cobiçadas pelos compradores japoneses, a denominando como pedra citrino.

Sobrando aquelas partes que não tinham limpeza e não tinha comércio, eu juntava o “taião”, nome popular para as drusas de ametista, que até então não tinha valor comercial e procura de mercado, e mantinha essas pedras de baixo valor agregado em minha casa e as limpava.



Foto: Garagem atrás da casa de Leopoldo Piovesan e Zélia Panosso, onde preparava as mercadorias (pedras) para a venda. Da esquerda para a direita estão: Jose Maria Brera, um dos seus primeiros compradores, Leopoldo Piovesan e Zélia Panosso



Certo dia um indivíduo chamado José Belaver, da cidade de Concórdia, Estado de Santa Catarina, que vinha na região de São Gabriel vender queijo e salame, observou que eu tinha um lote de drusas de ametista e surgiu uma ideia em conjunto de viajarmos para o Rio de Janeiro, na qual ele venderia os produtos alimentícios e eu venderia as drusas de ametista.

José Belaver tinha uma caminhonete e dividíamos as despesas da viagem. Eu, aos 19 anos de idade, e ele, aos 28 anos, viajamos pela primeira vez ao Rio de Janeiro, com destino final a cidade turística, onde se encontravam as altas lojas de souvenirs que comercializam para turistas. Chegando lá, nós iniciamos oferecendo e mostrando os produtos para os estabelecimentos, alguns se encantavam, mas não acreditavam no produto comercialmente; já outros compravam e a colocavam para venda aos turistas.

Ao final da primeira viagem sobrou aproximadamente 20% dos materiais que levei, me deparei com uma loja que não desejava investir na compra, então tive a ideia de deixar meus produtos em consignação. Inicialmente não foi fácil para o diálogo, pois ninguém conhecia o produto e não sabia se existia demanda de mercado. Mas, após uma boa conversa com o proprietário da loja, consegui convencê-lo e deixei as ametistas em consignação. Anotei o preço; se ele vendesse, me pagaria o valor que foi estipulado ou caso contrário me devolveria os produtos.

Eu e José voltamos animados, pois ambos conseguiram voltar de viagem com o resultado positivo e já imaginando a próxima viagem, que ocorreria dentro de 90 dias.



Retornando às lojas do Rio de Janeiro, fui primeiramente na loja que havia deixado em consignação meus produtos. O proprietário da loja havia vendido todas as ametistas e devido ao sucesso me comprou 50% do segundo lote que havia levado na segunda viagem. Ao visitar as outras lojas que já haviam feito a compra da primeira amostra, os mesmos estavam animados, pois desejavam comprar mais quantidade. Dessa forma, foi fácil vender o restante das ametistas que eu tinha disponível.

A partir de então, passei a viajar não mais a cada 90 dias e sim a cada 45 dias, pois obtive resultado e

sucesso no meu objetivo e quando eu retornava na região onde eu adquiria os cristais, passei a investir cada vez mais na compra das ametistas, agora já em tamanhos diversos.

Aos meus 20 anos de idade, com o lucro conseguido, comprei um Jeep para facilitar as viagens no transporte de mercadoria.

---

Foto: Da esquerda para a direita: Jaime Piovesan, Adair Piovesan, Luís Piovesan, Waldemar Piovesan, Leopoldo Piovesan e Gentil Scapin. Montagem provisória para registrar o início das atividades de beneficiamento de pedras e a diversidade de produtos. Local: Fundos da casa de Leopoldo, anos setenta.



Após o sucesso no Rio de Janeiro, passei a visitar São Paulo com o mesmo objetivo: vender nas lojas de souvenirs e joias. Dessa forma o mercado de ametista para coleção foi se expandindo tanto por São Paulo, quanto pelo Rio de Janeiro e simultaneamente surgiram vários compradores e vendedores pelo mercado em geral. Assim como o mercado de ametista e citrino para coleção foi se expandindo, onde passou a encantar turistas e brasileiros cada vez mais.

Devido à alta demanda, comecei a aumentar o volume de produção de compras e vendas, levando a necessidade de um espaço maior, pois, inicialmente, eu realizava os trabalhos de martelação e lavagem das pedras no fundo da minha casa.

Com o crescimento do negócio, construí um galpão para trabalhar e passamos a manufaturar as ametistas, e introduzimos a pedra ágata, calcita e jaspe ao beneficiamento. Começamos a produzir inúmeros itens: porta-livros, cinzeiros, obeliscos, chapas, árvores e dessa forma fomos expandindo nossa cartela de itens para o mercado em geral, que já tinha destino certo: São Paulo e Rio de Janeiro.

Com o tempo, surgiram compradores estrangeiros à procura dos nossos produtos em grande escala, dessa forma começamos a realizar as primeiras exportações pela empresa.



Nossa família Piovesan é composta por 9 irmãos e 2 irmãs, e com o desenvolvimento da idade de cada um, passavam a trabalhar em conjunto no ramo dos cristais na empresa e dessa forma fomos unindo forças para crescermos em conjunto. Nos tornamos uma grande empresa com foco único no comércio de pedras e minerais. Com o crescimento financeiro abrimos filiais no Rio de Janeiro, Soledade e São Paulo e dessa forma tivemos êxito comercial, expandindo no ramo de pedras e cristais brasileiro e mundial.

Atualmente sou proprietário do Grupo LP MINERAIS do BRASIL (presente em Ametista do Sul, São Paulo e Taboão da Serra), que tem foco no mercado de varejo, atacado e exportações. Nossa fábrica de Ametista do Sul, se localiza no mesmo endereço do início de nosso primeiro galpão, atualmente com uma área muito maior, onde produzimos capelas, drusas, citrinos, pedras roladas, árvores e toda nossa linha de produção envolvendo minerais.

Foto: Canto sup. Geodo amarrado junto ao troco de árvore, fundos da casa de Leopoldo Piovesan.

Foto: Canto inf. Primeiro galpão da LEGEP Minerações, posando junto as ametistas, Leopoldo Piovesan.

# TRINTA MIL QUILOS DE PEDRA EM DEPÓSITO PRONTOS PARA ENTREGA



Em frente a sua casa, Leopoldo mostra uma pequena peneira de grande valor. Cr\$ 40.000,00



Em dez dias, Leopoldo Piovesam, garimpeiro de São Gabriel, distrito de Planalto, pretende inaugurar e por em funcionamento sua fábrica de cinzeiros. Esta fábrica aproveitará os pequenos "bojos" de pedra preciosa para a fabricação de cinzeiros que já possuem grande valor no comércio interno e com a exportação terá seu valor duplicado. Leopoldo é natural de Frederico Westphalen e é garimpeiro há 16 anos, desde os tempos de infância. Possui em seus depósitos trinta mil quilos de pedra para coleção, que ainda devem ser trabalhadas.

Estas pedras são tiradas de dez minas, por ele exploradas. O preço destas pedras dependem de sua qualidade.

"Há mais de 30 anos que as nossas pedreiras são exploradas. Quem iniciou foi os alemães, realizando grandes escavações. Escavações estas que ainda hoje a gente faz para encontrar a Ametista (pedra preciosa). A maioria de nossas escavações são realizadas a muque cavando dez metros de profundidade e removendo 1000 metros cúbicos de terras. As pedras por nós encontradas são vendidas para os japoneses e alemães. Eles mesmo vem buscar em São Gabriel" diz Leopoldo com um sorriso nos lábios. Concluindo a conversa, Leopoldo, faz pequena classificação de pedras e nos mostra um pequeno balaio num valor de Cr\$ 40.000,00; "As pedras são classificadas em Extra, 1a, 2a, e 3a, e segundo esta ordem adquirem o seu valor. Graças ao comércio da pedra, São Gabriel está se desenvolvendo uma coisa de louco nestes dois últimos anos.

Pois se não houvesse as pedras ninguém estaria aqui, pois a nossa área é uma área de minifúndios e o cultivo é fraco, devido aos grandes acidentes geográficos". O que nos dá a vida é a procura da pedra e o comércio da pedra. E este comércio está nos trazendo grande progresso". Nas duas fotos ao lado: um bojo e as pedras em depósito na residência de Leopoldo em São Gabriel.

**Com a idade de 23 anos, me casei com a Zélia Panosso e construí umas das primeiras casas de alvenaria no distrito de São Gabriel. Hoje, tenho 73 anos de idade e continuo trabalhando, na ativa com foco e mantendo um eterno objetivo de expansão.**

**Comecei muito novo e sempre acreditei no crescimento com pensamento positivo em primeiro lugar, seguido de muito trabalho e dedicação. Adquirindo experiência, conhecimento e profissionalismo, dessa forma sempre segui caminhando para frente e sem olhar os obstáculos para atrás.**

**Como empresário e ametistense, sempre acreditei no desenvolvimento da cidade de Ametista do Sul e que ela seria o maior centro comercial de ametista do mundo. O turismo hoje existente no município é uma consequência positiva no processo de desenvolvimento da cidade. "**

**Nas palavras do senhor Leonides Piovesan, irmão de Leopoldo: "temos gratidão por tudo que as pedras nos proporcionaram e por termos contribuído com o desenvolvimento de Ametista do Sul, de certa forma, por meio do comércio fizemos uma importante ponte entre as pedras de Ametista do Sul com o Brasil e, posteriormente, das pedras brasileiras com o mundo".**

## O QUE É SÃO GABRIEL



São Gabriel é distrito do município de Planalto. Situada a quarenta quilômetros de Frederico Westphalen. Em 1945, o primeiro morador de São Gabriel iniciou a construção de sua residência em São Gabriel e logo após fundou a capela que hoje é a Paróquia São Gabriel. O primeiro a chegar foi o Fermino Bertoletti (falecido) que com os demais associados a construiu, capelinha que contou com a assistência do Pe. Luis Esponquiado.

Hoje é o pároco da Igreja o Padre Evanir Matielo.

Na vila de São Gabriel residem hoje cerca de 500 habitantes. De 150 a 200 casas. Só na vila existem 200 carros, sendo a sua maioria ocupados no garimpo. Dois Postos de Gasolina, 3 casas comerciais e duas fábricas cinzeiros também fazem parte e se destacam em São

Há dois anos a vida em São Gabriel, Distrito de Planalto, mudou totalmente. Os seus moradores já trabalham desde 1950 nas pedreiras. Somente agora é que surgiu a corrida à pedra ametista, própria para coleção e até mesmo para fazer anéis, jóias e enfeites. A região de São Gabriel que é minifúndio, e com uma terra muito precária para a agricultura, agora só se preocupa com suas pedreiras, que estão dando excelentes resultados aos seus proprietários. Três meses atrás, um garimpeiro tirou de sua pedreira uma pedra no valor de Cr\$45.000,00. Maiores detalhes sobre a vila da fortuna estão nas páginas 2, 10, 11 e 12, em reportagem de Sideno Docena e Luiz Lavarda. Na foto, os garimpeiros talhando um "tatu".



João mostrando o "bojo" e como é realizado o trabalho



Jornal da terra de 26/10/1973 – Acervo de Lenon César Vinques

Foto canto sup. esq. Observa-se o poço que, segundo informações, ficava na Praça da Igreja, no qual abasteciam-se de água a comunidade do entorno e os que transitavam entre as zonas de interior e a Vila.

Foto canto inf. Esq. Observa-se o acampamento coberto de capim, característicos das moradias temporárias no garimpo.

Foto canto inf. Dir. observa-se a retirada de geodo em cava aberta, processo anterior a escavação de galerias horizontais.

JOÃO FRANCISCO VINQUES:

## NEM POR UM BILHÃO E MEIO NÃO VENDO A PEDREIRA BELA VISTA



Conselho Fiscal. Sua pedreira fica a 10 quilômetros de São Gabriel e cinco de sua casa. Na mina trabalha toda a família que chega às vezes permanecer a semana inteira acampada junto a pedreira.

É João Francisco quem nos conta uma pequena história de sua vida de simples plantador de fumo a bem sucedido garimpeiro de São Gabriel: "Quando eu abri a minha pedreira foi um sacrifício sem fim. Pois trabalhei dois anos a fio sem se quer tirar para minha despesa. E no início eu fazia tudo a moque e a terra eu carregava com carrinhos de mão, inclusive você ainda vê ali um esqueleto e (e nos mostrou com o dedo a nossa direita). Olha moço, foi brabo o meu início como garimpeiro. A partir de 1971, iniciei a trabalhar com máquina. Ou melhor estas tratores de esteira para desmontar barrancos e levar a terra adiante, mas eu pagava e ainda pago estas máquinas por hora. No início do que vem eu pretendo comprar

um trator, afim, o meu serviço vai facilitar". João fez uma pequena pausa, pediu um copo de água a sua filha e continuou: "Depois de a gente encontrar o "Bojo", explicando melhor esta pedra grande e oca onde se encontra em sua cavidade as pedras preciosas, "Bojo" foi nós que demo este título para pedra. Para a pedra sair da rocha em que se encontra encravada trabalhamos com talhadeira e maretá, para que ela saia perfeita e não estoure". Mas aqui junto comigo trabalham 40 garimpeiros. E devido a sua altura eu dei o nome de Pedreira Bela Vista na margem do Lajeado da Tigre," fazendo uma pequena pausa, João concluiu: "Eu não vendo a minha pedreira nem por um bilhão e meio de cruzeiros, por que ela é o ganha pão de muita gente. Pois tem muita gente que entra aqui sem nada no corpo e temos depois sair com até de fuca. E esta condição moral não me dá condições de vender a pedreira da Bela Vista".

## SIMPLESMENTE ESTAMOS PROTEGENDO O NOSSO GANHA PÃO

"Por ser um dos primeiros garimpeiros de São Gabriel é que eu me dediquei e levei adiante a idéia de fundar a Associação dos Garimpeiros. E esta idéia eu tive há uns dois anos. Expus a minha idéia e logo recebi o apoio em massa. Convocamos uma reunião, que foi realizada no mês de abril e contou com a presença de todos os garimpeiros de São Gabriel e região." Euzébio realizou pequena pausa e continuou relatando: "O nosso primeiro passo foi o de procurar um advogado em Porto Alegre. Depois disso, nos dirigimos ao Sindicato Nacional dos Garimpeiros, pedindo licença para a criação de nossa associação. Aí que veio o grande trabalho: associar os 536 associados da associação, que hoje são sócios e marcar o dia da Assembléia que foi realizada hoje (domingo, 21.10.73). Esta associação foi feita para garantir o futuro do garimpeiro. Pois até agora o garimpeiro trabalhou livremente, tudo em vista no código de Minas em vigor, e de que firmas interessadas em fazer mineração requereram todas áreas para pesquisa. Com esta pesquisa, os garimpeiros perderiam todo o direito de trabalhar no garimpo, que é o tradicional de nossa região e o sustento de nossas famílias, por se tratar a nossa região, uma região de minifundo e uma terra muito precária para a agricultura, e como não teríamos outro meio para ganhar o pão de cada dia criaria um grande problema social em nossa próspera vila de São Gabriel. E para tanto, concluiu Euzébio, nos damos um a mão ao outro para protegermos o que é nosso e nos dá condições de viver."

Falando sobre o que irá fazer, agora que a Associação Profissional Inter Municipal dos Garimpeiros do Alto Uruguai é uma realidade, Euzébio nos adiantou o seguinte: "O meu primeiro passo é ver se consigo o registro junto ao MTPS - Ministério de Trabalho e Previdência Social. O segundo é o de reivindicar junto às autoridades os direitos de livre garimpagem de nossas pedreiras e finalizando, Euzébio depositou o seguinte voto de confiança no governo: "Confiamos na justiça e nas autoridades de nosso país."



Euzébio Matheus da Rocha é primeiro presidente da Associação dos garimpeiros do Alto Uruguai, e diz que estão protegendo o que é seu



Com 7 anos de idade Raul Ribeiro foi residir com seus pais na cidade de Frederico Westphalen. Aos 14 anos mudou-se para a localidade de São Gabriel, hoje o distrito da pedra preciosa.

Raul é natural de Palmeira das Missões. Os seus pais foram a São Gabriel, para trabalhar na agricultura. Antes de casar comprou 4 terrenos, aonde ainda hoje mora, por apenas 265 cruzeiros da época.

Hoje eles valem Cr\$ 40.000,00 sem a linda casa de material e galpões sobre eles construídos. Tudo isto ao crescente progresso de São Gabriel nos últimos três anos. É a grande corrida da pedra amethysta.

Com sua calma que é natural, Raul inicia a falar de sua vida do garimpo: "Eu iniciei a trabalhar definitivamente no garimpo faz um ano. Trabalhando de vez em quando já fazem 20 anos. Agora eu só trabalho no garimpo. E neste um ano muita coisa melhorou em minha vida, tudo fruto da pedra preciosa aqui encontrada. Em minha pedreira já trabalharam 30 homens, mas agora eu estou colocando em funcionamento o trator pois o serviço rende muito mais. Além de mim ainda tenho três sócios que me ajudam no trabalho da pedreira. Por enquanto, graças a Deus, tudo está correndo muito bem. Uma das únicas pretensões que não possuo é a de comprar carro, pois já me acidentei três vezes e no último acidente há uns quatro meses eu perdi uma filhinha de um ano e oito meses. Não tem dúvida, eu teria até condições de sobra para comprar o carro e inclusive me faz falta, mas não quero eu chegar meio com medo e desconfiança ao mesmo tempo do carro, conclui Raul Ribeiro.

Euzébio Matheus da Rocha é o que teve a idéia de fundar a Associação Inter Municipal de Garimpeiros Profissionais do Alto Uruguai e hoje é seu presidente. Além de presidente da Associação, Euzébio é um dos mais antigos garimpeiros de São Gabriel. Natural de Júlio de Castilhos, se encontra a 20 anos e nestes 20 anos somente trabalhou no garimpo. Atualmente possui em sociedade 3 pedreiras de onde são retiradas as Druzas—de—ametistas e conforme a qualidade, transformadas em topázios. Mudam de cor. Atualmente, Euzébio possui em estoque cerca de 20.000 quilos de pedra, que nos próximos dias serão vendidas para São Paulo.

A maior façanha de Euzébio, nestes 20 anos de garimpo, lhe aconteceu a três meses atrás. É ele mesmo que nos conta: "A maior pedra que eu já tirei, maior em tamanho e preço, faz uns 3 meses. O custo desta pedra foi de Cr\$ 45.000,00 e foi vendida para São Paulo. Mas para se tirar uma pedra desta, por muitos sacrifícios a gente deve se sujeitar, pois todo o trabalho de remoção é manual. Em minha pedreira, trabalham 15 garimpeiros autônomos." Para Euzébio, o Distrito de São Gabriel está em flanco desenvolvimento e todo este desenvolvimento se deve à grande corrida da pedra preciosa, que é abundante nas minas de São Gabriel.



Com a presença de 315 associados que votaram, no último domingo, na localidade de São Gabriel — Distrito de Planalto, foi fundada a Associação Profissional Inter Municipal dos Garimpeiros do Alto Uruguai. A nova associação é composta por 536 associados, e dos 315 que votaram: 281 votaram com a cédula sim; 3 com a não; 1 em branco; e 30 abstenções.

A nova Associação, fundada no último domingo, abrange os seguintes municípios do Alto Uruguai: Frederico Westphalen, Iraí, Planalto, Rodeio Bonito, Seberi, Nonoai, Caiçara, Palmitinho, Vicente Dutra, Alpestre e Liberato Salzano.

#### A DIRETORIA

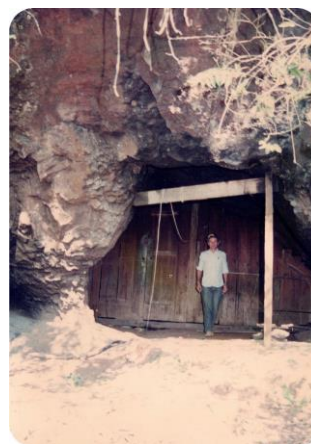
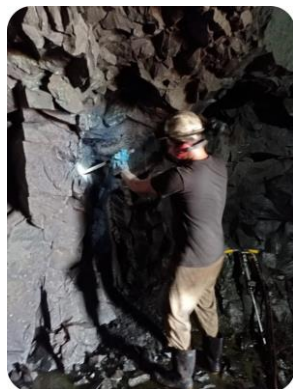
A Diretoria da Associação Profissional Inter-Municipal dos Garimpeiros do Alto Uruguai, ficou assim constituída: Presidente: Euzébio Matheus da Rocha; Vice Presidente: Leopoldo Provezan; 1o. Secretário: Edno Luiz Pizzolatti; 2o. Secretário: Nelson Rubi Schmidt; 1o. Tesoureiro: Rubens Veiga; 2o. Tesoureiro: Orozimbo Colussi e Superintendente Assistente Social: João Maria de Jesus.

Conselho Fiscal: Mariano Sroczinski, João Francisco Winkes, José Martins. Suplentes do Conselho Fiscal: Luiz Dionides Bortoluzzi, Moacir Demari e Anibal Bertoletti.

Suplentes da Diretoria: Setembrino Furlan, Aquilino Fontana, Arno Kloh, Francisco José Cassol, Adolfo Fontana, Guilherme Osvaldino Mezaroba e Genoino Bongiorno.

**Nesse percurso adentra-se na década de 1980, outras empresas do ramo de beneficiamento e comércio de pedras foram criando-se e, gradativamente, impulsionaram a economia local, regional e nacional. Com períodos oscilantes em função dos contextos econômicos nacional e internacional, o garimpo e seus desdobramentos consolidaram-se na atividade econômica principal na localidade, destacando-se mundialmente e atraindo pesquisadores, compradores, empresas nacionais e internacionais.**

## Recortes: Memória garimpeira



### Fontes:

Documentação dos processos de emancipação – APERS

Acervo José Arceli da Rosa

Site COOGAMAI

Fotos: Canto sup. Dir. Márcia Salette Saúgo. fotos tiradas na LEGEP, hoje LP Pedras, fotógrafo Carlos Ciprandi. Folder desenvolvido pela COOGAMAI com vistas a promover o comércio de pedras. 1993.

- Centro inf. Sr. José Arceli da Rosa visitando o stand Garlett.
- 2ª inf.. Trole utilizado para a retirada das pedras de dentro da broca, era transportado deslizando sobre trilhos.
- Canto sup. Esq. Garimpeiro Marciano Zuselski de Oliveira, Foto: Fabio dos Santos.
- Ferramentas utilizadas no garimpo. Foto: Fabio dos Santos.
- José Arceli da Rosa posando em frente ao acampamento subterrâneo no garimpo de Adorino Vinques. Anos noventa.

## Cenas de um cotidiano



Foto: Fusca branco; Sentado Valdir Zanatta, encostado na porta José Carlos de Mari e Ari Cracco (camisa azul).  
Foto à direita: Na volta para casa o garimpeiro carregando o martelete no ombro. Adorino Vinques.





Como foi visto, aos poucos, este importante segmento econômico foi se aperfeiçoando e, nas últimas décadas, os garimpeiros tiveram que aprender a lidar e se adaptar aos diversos elementos que regem o trabalho, os direitos minerários, às questões ambientais e de segurança do trabalho. No final da década de 1980, diante das mudanças relativas à mineração, trazidas pela Constituição de 1988, os garimpeiros se organizaram em associação embrionando a Cooperativa de Garimpeiros do Médio Alto Uruguai – COOGAMAI, criada em 26/06/1990. A partir dessa organização a atividade garimpeira entrou numa nova fase promovendo a regularização das atividades, reduzindo significativamente as mortes e acidentes de trabalho, deu início a ações de recuperação e proteção do meio ambiente com iniciativas de reaproveitamento de rejeitos, entre outras. A COOGAMAI foi a primeira cooperativa de garimpeiros do Brasil, marcando um novo momento histórico da mineração na região.

Nesse processo, a falta de conhecimento sobre os efeitos negativos, no que se refere à saúde, decorrentes da atividade garimpeira, levou muitas vidas vítimas da silicose e de acidentes de trabalho. A falta de orientação sobre a saúde, fiscalização e o não uso de equipamentos de segurança e proteção, provocaram uma situação preocupante. Era necessário haver mudanças visando melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores e dos portadores de silicose.

Nessa perspectiva, em 2008 foi criada a Associação dos Portadores de doença do garimpo – AMPARO, que vem auxiliando a comunidade em diferentes necessidades. Nesse contexto, pode-se dizer que Ametista do Sul novamente protagonizou nas questões voltadas ao garimpo e deu início a uma nova e moderna fase. Se num primeiro momento as preocupações se restringiam ao “fazer a vida”, agora os elementos norteadores da atividade garimpeira valorizam o “preservar a vida” e os elementos ambientais que a tornam possível.

### A necessidade da criação da COOGAMAI



Fotos: Dir. Atividades da Associação Portadores de doenças do garimpo – AMPARO.  
[https://www.facebook.com/AmparoAssociacaoPortadoresSilicose/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/AmparoAssociacaoPortadoresSilicose/photos/?ref=page_internal)  
Fotos: Esq. Atividades da Cooperativa de Garimpeiros do Médio Alto Uruguai – COOGAMAI.  
<https://www.facebook.com/cooperativadegarimpeiros/photos>

Desde os anos oitenta, o município vem ampliando olhares sobre suas potencialidades e desenvolvendo outras atividades econômicas mantendo a tradição do garimpo como elemento norteador. Ao fazer o reaproveitamento de antigas minas desativadas para empreender diversas iniciativas voltadas ao setor do turismo, os ametistenses estão promovendo um grande impacto na geração de emprego, diversificação de atividades e notoriedade regional e nacional. Vira-se assim, uma página e inicia-se mais um capítulo da extraordinária história garimpeira de Ametista do Sul.



Fotos: 1ª e 2ª canto sup. Dir: Andressa Zatti.  
Fotos: Adriane da Cruz.



## A educação, o comércio e as atividades sociais

Pelo exposto até aqui, compreende-se que grande parte do povoamento em Ametista do Sul ocorreu com a chegada de famílias oriundas das antigas colônias do estado, as quais, em sua maioria, já dispunham ou haviam vivenciado alguma ação educacional, fosse realizado por membros da comunidade, por escolas particulares (educação étnica), ou dependendo do município de origem, de escolas públicas. Observa-se que muitas famílias chegaram entre os anos de 1930 a 1960, período em que se inicia um processo de proliferação de escolas públicas no Estado do Rio Grande do Sul e as já existentes foram enquadradas no sistema nacionalista de educação, sendo prioridade o ensino em português, abolindo as línguas “estrangeiras” do contexto escolar. Explica-se assim a perda rápida dos antigos dialetos e “línguas estrangeiras” faladas e conhecidas pelos mais velhos, todos deviam suprimir esses conhecimentos e tinham a obrigação de aprender e ensinar rapidamente a língua portuguesa, uma perda inestimável sob o ponto de vista da diversidade étnica local.

<sup>88</sup>No contexto histórico da colonização, é preciso reconhecer o protagonismo das escolas particulares, especialmente aqui no Rio Grande do Sul, cujas políticas públicas e ações educacionais chegaram tardiamente. De modo geral, a educação no Brasil começou com a chegada dos padres jesuítas, quando foram expulsos de Portugal e de suas colônias, deixaram uma lacuna não preenchida nas décadas seguintes. Em 1808, com a vinda da família Real para o Brasil-Colônia, a educação e a cultura tomaram um novo impulso, com o surgimento de algumas instituições culturais e científicas de ensino técnico e dos primeiros cursos superiores, mas estes se restringiram aos Estados do Rio de Janeiro e da Bahia.

No Rio Grande do Sul, a educação teve uma condição periférica em relação ao resto do Brasil. As terras gaúchas tiveram pouca atenção das autoridades centrais, sobretudo na educação. Entre os efeitos negativos dessa situação, podemos observar a minguada proliferação de escolas, salvo o surgimento de alguns colégios particulares. Nas áreas coloniais, <sup>89</sup>para onde quer que o alemão se dirija, e onde construía sua cabana, por primeiro providencia pela escola, a escola alemã com língua alemã. Mesmo que no começo a vida fosse dura, se o trabalho era pesado e as mãos com calos, o colono alemão pela sua escola, providenciava os meios necessários. Com o tempo, a preocupação com o ensino se proliferou entre as colônias, independentemente da etnia, foram sendo criadas escolas, conforme a formação dos núcleos, condições socioeconômicas locais e disponibilidade de alguém que tivesse condições para desempenhar a função de ensinar nas comunidades.

---

<sup>88</sup>GIRARDI, Jussara Prates dos Santos. **Educação: das primeiras iniciativas à BNCC**. 2020.

<https://www.sinapsecultural.com.br/post/educa%C3%A7%C3%A3o-das-prim%C3%A9rias-iniciativas-%C3%A0-bncc>

<sup>89</sup>AMSTAD, Theodor. Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul. Ed. UNISINOS. p. 466. 1999.



Observa-se que <sup>100</sup>o Alto Uruguai é um território diverso. Vários grupos sociais ocupavam as matas dessa região quando se iniciou o projeto de colonização, planejado pelo Estado e que contava basicamente com a migração/imigração de etnias europeias. Dessa forma, como vimos, houve profundas transformações no território, tanto na sua materialidade quanto na sua imaterialidade. No período de colonização dessa região, no Rio Grande do Sul, assumiram o governo do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, sucessivamente. Os dois eram membros do Partido Republicano Rio-Grandense e adeptos ao positivismo político.

Eles reorganizaram o sistema político, econômico e social do estado, de acordo com as orientações do Partido, não podendo o Estado ter nem ciência, nem religião oficial, não poderia possuir orçamento acadêmico ou eclesiástico. Dessa forma, <sup>101</sup>as escolas, como já mencionado, estavam ligadas a uma instituição religiosa, sobretudo à Igreja Católica e à Igreja Evangélica Protestante, que foram as crenças predominantes entre os colonos. Com o tempo, pode-se dizer que as iniciativas das escolas particulares impuseram a necessidade de ações e investimentos por parte do estado, seja na ampliação do acesso à educação, seja no incentivo às inovações do processo de aprendizagem e no uso e desenvolvimento de tecnologias. Ao consolidarem suas estratégias de ensino, as escolas particulares foram transformando o conhecimento nas suas diferentes esferas.

No Município de Iraí, para o qual a localidade de São Gabriel pertencia, o <sup>102</sup>Decreto-Lei nº 53 de 24 de agosto de 1946, oficializa a responsabilidade pública com o ensino primário, firmando convênio junto ao governo do Estado do Rio Grande do Sul. Conforme o Art. 1º — “É aprovado e ratificado, no seu conjunto e em cada uma das suas partes, o Convênio estadual de Ensino Primário [...]”, na cláusula 1ª fica definida que, “O Estado terá a seu cargo, como até aqui, o ensino primário nas cidades, vilas e povoados em que se verifique a existência de pelo menos 100 crianças em idade escolar, num círculo de dois quilômetros de raio[...]”.

Como foi visto no início deste capítulo, a obra “Relatos de experiências em pedagogia de projetos”, produzida no âmbito da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município de Ametista do Sul em 2004, fez um interessante histórico escolar nas comunidades e zona central. Neste sentido, não cabe aqui repetir essas informações. Sugere-se, portanto, a leitura dessa importante obra local.

Na região da sede do município a primeira instituição escolar foi a Escola Estadual São Gabriel, ela foi criada por meio de um Ato de Criação datado do dia 11/02/1958, assinado pelo Prefeito de Iraí Primo Teston. Até que a <sup>103</sup>antiga sede fosse construída e estivesse em condições para receber os alunos a escola funcionou nas dependências da antiga capela católica São Gabriel.

---

<sup>100</sup>BEATRICI, Rodrigo Ferronato. **Educação, política e colonização: processos pedagógicos não formais na região do Alto Uruguai/RS no início do século XX**. <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2005/Rodrigo%20Ferronato%20Beatrici.pdf>

<sup>101</sup>KOHL, Paulo Rogerio. **Memórias de um passado: o cotidiano escolar da comunidade teuto-brasileira em Teutônia norte (1940 – 1968)**. 2017. <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1777/1/2017PauloRogerioKohl.pdf>

<sup>102</sup>Decreto-Lei nº 53 de 24 de agosto de 1946.

<https://cespro.com.br/visualizarDiploma.php?cdMunicipio=7578&cdDiploma=19460053&NroLei=053&Word=&Word2=>

<sup>103</sup> Depoimento da professora Nair Carnin.

Segundo a professora aposentada Nair Carnin. “No ano de 1958 eu e as professoras Shirley Wahis começamos a lecionar na Escola Estadual, logo depois, em 1959, juntou-se a nós, a professora Noeli Wahis que, além de trabalhar como professora, foi a primeira diretora. Na época, as turmas eram multiseriadas e havia duas turmas na parte da manhã e duas à tarde. No interior da igreja nós tínhamos um quadro fixado na parede da frente e outro na dos fundos e assim eram posicionados os alunos, uma turma virada para a frente e outra para os fundos, mas, todos dentro da mesma “sala”, ou seja, da igreja. Cada professora trabalhava utilizando um dos quadros.”

O primeiro prédio da Escola São Gabriel foi construído em frente ao atual, do outro lado da rua, era de madeira e as turmas chegavam a ter cerca de 40 alunos.



Fotos sup. e canto inf. Direito: Atos inaugurais do Grupo Escolar São Gabriel, ocorrido em 27 de dezembro de 1959. Localizava-se em frente aos prédios da atual Escola Estadual de Ensino Médio São Gabriel.

Foto canto inf. Esq. Atividades escolares.

A escola São Gabriel tem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e na construção da cidadania. Sua função ultrapassa a prática dentro das salas de aula, pois a atuação dos educadores influencia, ao longo do tempo, não apenas as crianças e suas famílias, mas a sociedade ametistense como um todo.

É o que verificamos no depoimento de Nelson Ceratti, ex-aluno e professor na escola e ex-Prefeito de Ametista do Sul. Conforme segue: “Estudei na Escola São Gabriel da 5ª à 8ª série. Eu morava na Linha Santo Antônio, cerca de quatro quilômetros de distância, na 5ª série estudei de dia e da 6ª à 8ª de noite. Meus pais eram agricultores e eu trabalhava na lavoura até o horário de ir para escola. Quando estudei à noite, levava um relógio despertador na lavoura e às cinco horas corria para casa, tomava banho, comia o que sobrou do almoço e pé na estrada. A aula terminava às onze horas e eu chegava em casa à meia-noite. No dia seguinte meu pai chamava no clarear do dia e tudo se repetia. Quatro Km para ir e quatro para voltar, não tinha conga que aguentasse.

É muito importante ressaltar que a grande maioria dos alunos que moravam no interior do município, iam para escola a pé. Fiz o ensino médio em Frederico Westphalen e antes de iniciar uma faculdade comecei a dar aula na Escola Duque de Caxias, na Linha Santo Antônio. Fiz a primeira faculdade e prestei concurso no estado e fui ser professor na Escola São Gabriel.

Quando cheguei para lecionar, reencontrei alguns professores meus e passamos a ser colegas de profissão. Hoje tenho vários ex-alunos colegas de profissão. Fui eleito diretor e exerci o mandato em 2001 e 2002. Muitas coisas mudaram de quando eu era aluno para quando iniciei a dar aula, o transporte foi a mais notória. Com toda certeza, a hoje denominada Escola Estadual de Ensino Médio São Gabriel, tem uma parcela considerável na História de Ametista do Sul, e assim será para sempre”.

## Registro de atividades escolares



Foto esq: Professora Clara Ligoski, década de setenta.  
Foto dir: década de oitenta

Por meio deste relato podemos visualizar o ambiente escolar e outras vivências que permearam a vida de diferentes gerações de ametistenses:

**“Eu, Maristela Pegoraro Garlet vou contar sobre minha escola: No ano de 1979 comecei a estudar na Escola Estadual São Gabriel. Iniciei meus estudos na Escola fazendo já a primeira série porque nesta época não havia o pré-escolar, já entrávamos direto na alfabetização... fui alfabetizada pela professora Ester Teston Pereira. Como sempre muito grudada nos meus pais, ia e chorava todo dia para vir para casa, mas com o passar dos dias fui me adaptando e logo comecei a fazer amizades aí só foi.**

**Com o passar dos anos a gente foi se aperfeiçoando mais e tendo novos colegas, nos divertíamos muito com muitas brincadeiras como as de roda, jogo de bolita, cantigas e pega como era conhecida. Eu sempre morei mais no interior, aí as amigas vinham da escola para a gente brincar, e comer pão com chimia que minha mãe fazia.**

**Quando já estava na 6ª série foi montada uma banda musical na escola. Eu estava toda eufórica para fazer parte da banda, mas, adivinhem só? No dia da seleção fiquei doente e não pude participar.**

**Os desfiles de sete de setembro sempre eram feitos com amor e carinho, nós participávamos mesmo e muitos empolgados.**

**Outro fato da minha época era que nós íamos a pé até a escola porque não havia meio de transporte, fosse chuva ou frio, lá estávamos nós todos os dias. Nas escolas, hoje, bate o sinal marcando a passagem de um período para o outro de forma automática, na época não, alguém tinha que bater a sineta. O sinal existe até hoje, mas na época tudo era diferente. Também o respeito era muito grande pelos professores e com os coletas e aí de nós se não tivesse.**

**As festas juninas também eram muito legais havia fogueira, casamento caipira, quadrilha e muito mais... Fiz meu primeiro grau ali, na Escola São Gabriel. Claro que nos últimos anos até gazeávamos alguns períodos para ir na antiga rodoviária tomar refrigerante e comer caramelo”.**





**Apesar de parecer redundante é preciso enfatizar a importância das escolas no processo de desenvolvimento das localidades, pois elas e os professores impactam a vida dos alunos de forma profunda e permanente. Como podemos verificar:**

**“Quando estava na quarta série tínhamos que escrever um texto, uma redação, passado uns dias a professora escolheu alguns e os colocou no mural da escola. Não lembro se foi um concurso de redação, acredito que não, pois não ganhamos prêmio, entretanto, eu me senti, e ainda me sinto premiada, pois gostava de ler e imaginava como deveria ser interessante escrever.**

**Naquele tempo, eu acreditava que escritores eram pessoas muito distantes do mundo real, daquele mundo que eu vivia, era como se fossem “de outro planeta”. Então brincava com a imaginação através da leitura e fazia de conta que um dia também poderia escrever. Foi essa atividade simples, que certamente passou despercebida para muitos, mas para mim foi o primeiro incentivo, pois me fez acreditar que eu “poderia escrever”. Fiquei tão orgulhosa que durante os dias que seguiram, durante o recreio, eu ficava sentada próximo ao mural para ver se os colegas estavam lendo.**

**Hoje, digitando esse relato, me emociono pela oportunidade de estar escrevendo e contribuindo para o registro histórico da minha cidade natal. Obrigada professores”! (Jussara Prates)**



## Economia: Interdependência de atividades

Com o passar dos anos, tanto o crescimento econômico quanto o demográfico, demandaram e impulsionaram o surgimento de novas atividades e serviços. Para abastecer a comunidade com produtos manufaturados e posteriormente industrializados surgiram os primeiros comércios, mais conhecidos localmente como bodega, boteco, bolicho ou armazém. Registra-se a bodega de Pedro Tasso, que ficava na descida da Linha Curta como sendo uma das primeiras, existindo desde os anos de 1945/46, na altura do atual empreendimento turístico “Garimpo em Atividade”.

Mais próximo à atual sede do município, ficava o comércio de Joanim Jacomini nos idos de 1945, posteriormente a bodega de José Castro, logo depois a casa de comércio do senhor Atílio Bassi, essa era uma referência na comunidade por ser de grande porte, para a época e pela diversidade de produtos que disponibilizava. Nesses comércios, compravam-se muitos produtos a granel, embalados em pacote de papel, especialmente os produtos oriundos da produção local, alguns ficavam armazenados em tulhas. Optou-se por citar esses mais antigos, devido à delimitação da pesquisa, certamente houveram muitos outros que fizeram e fazem parte da vida e da memória dos amestistenses.

Assim como na antiga localidade de São Gabriel, no Rio Grande do Sul, de modo geral, <sup>105</sup>os colonizadores, ao tomarem posse de sua propriedade, tiveram que se preocupar desde logo com a necessidade de produzir excedentes para serem vendidos, pois precisavam de recursos para pagar as terras e fazê-las produzirem. Assim, surgiram em todas as localidades as “vendas”, onde ocorria a comercialização desses excedentes, em forma de troca de produtos da agropecuária por mantimentos e vestuário. Os agricultores levavam à “venda” ovos, galinhas, manteiga, banha e em troca traziam tecidos, sal, açúcar e outros produtos não existentes na propriedade.



Em Ametista do Sul, o período de ocupação e desenvolvimento é mais recente, entretanto, a função das casas de comércios seguia o mesmo princípio que era fazer a ponte entre os moradores, com seus produtos locais, com os manufaturados de outros lugares, movimentando assim a economia e inserindo as localidades interioranas no sistema capitalista e comercial.

A confiança era parte dessas relações comerciais, muitas vezes, <sup>106</sup>os valores da venda e da compra eram registrados em uma caderneta, e o saldo ficava depositado, como uma espécie de banco no comerciante, sendo disponibilizado pelo mesmo em espécie quando surgia a necessidade do produtor.

Foto: Agricultor Orestes Ceratti, Linha Santo Antônio. (Falecido em 15/10/1993).

<sup>105</sup> - <sup>106</sup> WITT, Marcos Antônio. Em busca de um lugar ao sol: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul - século XIX). 2008. <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2546/1/397526.pdf>



Além de uma prosa, a “venda” também era um local ideal para tomar uma cachacinha, se informar das novidades, fazer um jogo de cartas e até mesmo negócios entre os frequentadores.



Foto sup. Esq: Bolão do laio, saída para Rodeio Bonito. Em pé Sr. Pequeno Almeida e sentado à direita Sr. Adones Almeida. Datada entre as décadas de sessenta e setenta.

Foto sup. Dir: 1º posto de gasolina. Da direita para esquerda, Paulo Almeida, Tonho Almeida e funcionário. Datada entre as décadas de sessenta e setenta.

Foto inf. Canto Esq: Casa de Comércio de Atílio Bassi. Datada dos anos setenta.

Foto canto inf. Dir: Carnaval em 1970. Ao fundo observa-se casa de comércio e açougue, entre eles o conhecido Bar do Dilo, tendo a árvore a sua frente.



Também de grande relevância foi a instalação da serraria, moinho e descascador de arroz do senhor João Lovato, em 1949, que funcionava com o motor de uma locomotiva. Este empreendimento foi uma inovação na comunidade porque modernizou a forma de beneficiar e aproveitar a madeira, facilitando a vida e agilizando o preparo das tábuas para a construção das casas que, obviamente, ficavam com melhor acabamento. Antes da serraria, muitos faziam as tábuas com a machadinha, o que exigia tempo e esforços maiores.

Enfatiza-se que <sup>107</sup>o uso da madeira como material construtivo, principalmente na forma de tábuas, não foi usual no início do ciclo migratório. O corte das toras era manual, tornando dispendioso o emprego da madeira na vedação de paredes externas. Foi só mais tarde, quando foram implantadas as serrarias em praticamente todas as colônias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e em especial durante o apogeu do ciclo madeireiro nesses estados, que o uso da madeira se alastrou por todas as regiões.



Para ilustrar a importância que a madeira e as serrarias tiveram na localidade e região, somente em 1958 é que foi erigida a primeira casa de tijolo (alvenaria) em Ametista do Sul, construída por Tomás Ligoski, a qual felizmente, com sua arquitetura característica das regiões coloniais, continua presente na paisagem cultural ametistense.

Outro empreendimento importante foi a instalação do moinho de Bepino Jabot, que fazia o uso de roda d'água para a moagem do milho, uma grande contribuição para o beneficiamento de um produto que era fundamental, o milho que anteriormente era socado no pilão. Este cereal era a base para o pão, cuscuz, bolos, bolinho frito e para a polenta, presenças constantes ainda hoje na mesa dos ametistenses. Também o moinho do senhor Eugênio de construção imponente e que funcionou até os anos oitenta.

<sup>107</sup>IPHAN, O patrimônio do imigrante.

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivImi\\_RoteirosNacionaisImigracao\\_SantaCatarina\\_v2\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivImi_RoteirosNacionaisImigracao_SantaCatarina_v2_m.pdf)

Foto sup: Antiga rodoviária onde também funcionava bar e lancheria, importante ponto de socialização. Acervo Sec.de Turismo. Fotos inf.: Adriana da Cruz.



É importante mencionar sobre os serviços relativos à saúde na localidade, uma vez que essas necessidades fazem parte do cotidiano das famílias, independentemente do tempo, espaço e condições, visto que essa é uma necessidade inerente à vida e ao bem-estar. Sobre isso nos conta a senhora <sup>108</sup>Maria Lurdes Cassol, conhecida como a Maria da Farmácia, a primeira instalada na localidade, em 1981. “Antigamente, fazíamos remédios caseiros, na época o Sr. Atilio Bassi tinha um armazém e continha certos remédios. Quando a situação era mais grave ele mesmo levava as pessoas nos médicos em Irai”.

Nos registros sobre os primeiros moradores encontrou-se referência ao senhor João Ribeiro sendo considerado “médico” na localidade e isso vem de encontro às práticas, comuns nas áreas coloniais, onde pessoas que possuíam algum conhecimento sobre remédios ou chás ajudavam da forma como podiam. Assim, na busca pela cura recorria-se às benzedeadas e curandores. Segundo Maria de Lurdes, “era muito procurada a Dona Ziloca Cadena, respeitada na comunidade pelas suas contribuições com as benzeduras.”

No que se refere às maiores dificuldades com relação à saúde, Maria de Lurdes comenta sobre a longa distância entre as cidades, a falta de estradas e o fato de poucas pessoas possuírem carros, utilizando, geralmente o cavalo como meio de locomoção.

“Me sinto muito orgulhosa de ter servido a comunidade, porque a saúde é o nosso bem maior, salvei muita gente, e fazia todo o possível, pois durante muito tempo, não tínhamos médico na localidade, era só em Irai e depois em Planalto. Muita gente até hoje lembra e me agradece. Eu me sinto feliz”.



Desde as primeiras décadas de ocupação, o qual perdurou por muito tempo, o transporte de pessoas e mercadorias era feito a cavalo, mula e em carroças puxadas com junta de bois. Sendo muito importantes, inclusive para fazer as mudanças que, não raro, fazia-se a de mais de uma família numa viagem só. Não se acumulava muitos móveis, a maioria se deslocava somente com as roupas e poucos pertences.

---

<sup>108</sup> Entrevista por meio de mensagem/telefone, em dezembro de 2021.  
Foto dir. Maria de Lurdes Cassol e Saete Bordin, 1984.



As mobílias eram feitas de madeira e quase sempre ficavam nas moradias. Tem-se a informação de que o primeiro a comprar uma carroça a cavalo foi o Sr. Modesto Bertoletti, <sup>109</sup>“ele adorava fazer uma mudança, na carroça conseguia carregar até 120 arrobas, quase sempre tinha mais crianças do que mobílias, as famílias eram muito grandes”.

Na medida em que a São Gabriel foi crescendo, as atividades sociais e as necessidades da vida foram ficando mais complexas e diversificadas. Surgiam assim, novas necessidades de consumo, de infraestruturas e de serviços. Visando atender parte dessas demandas, o comércio foi crescendo e se diversificando e a educação foi sendo ampliada. A agricultura e o garimpo, entretanto, continuavam sendo as principais atividades econômicas na localidade.

Assim, novos empreendimentos foram sendo implantados, os espaços vazios foram sendo ocupados com novas casas, comércios, entidades religiosas e espaços coletivos de lazer, esporte e de cultura.

### **Aspectos da Cultura Ametistense**

É imperativo pontuar que, neste estudo, a <sup>110</sup>cultura é entendida como sendo o modo de vida de um povo, o ambiente que um grupo de seres humanos, ocupando um território comum, criou em forma de ideias e instituições, linguagem e instrumentos, serviços e sentimentos. O homem como um ser de cultura que, no sentido antropológico do termo, é um conjunto complexo que inclui os saberes, as crenças, a arte, o direito, os costumes, assim como todas as maneiras e regras usadas pelo homem que vive em sociedade.

Em Ametista do Sul, os pioneiros precisaram dedicar todo o seu tempo ao trabalho e luta pela sobrevivência, cada grupo étnico e familiar exercia suas tradições orais, crenças, credences e modos de vida, alguns isolados e outros de forma mais coletiva. Afinal, a cultura é inerente ao indivíduo e se transforma a cada nova observação, mudança, apropriação e aprendizagem. As preocupações iniciais desses migrantes/imigrantes se concentraram em providenciar os meios de sobrevivência para a família num espaço curto de tempo. Adaptar-se ao contexto ambiental do seu lote e providenciar os meios para explorar os recursos e com eles, construir a primeira casa, muitas vezes um “ranchinho”, garantir produção e criação para a subsistência da família e com o tempo, prover o desenvolvimento da propriedade. No dizer popular, era preciso “fazer a vida”.

Nas áreas de colonização, depois de vencida essa primeira etapa, que consistia em construir a casa e derrubar a mata para realizar o plantio, iniciava-se as outras atividades, como erguer as cercas ou taipas, fazer o chiqueiro e outras estruturas necessárias, providenciar um local para rezar o terço e, com sorte, conseguir um espaço para instalar a escola. Nesse contexto, lembremos, como já foi citado em diferentes momentos ao longo deste estudo, a região de Ametista do Sul (assim como em outros municípios vizinhos) constituiu-se de um “caldeirão” étnico, um mosaico cultural, formado por diferentes grupos sociais e culturais que a partir das suas especificidades coexistiram e transformaram a antiga Cordilheira, de topografia íngreme e de difícil acesso, numa cidade próspera e promissora.

<sup>109</sup>Carlito Bertoletti, entrevista realizada pela autora, em dezembro de 2021.

<sup>110</sup>SPONCHIADO, Breno. *Etnias e Culturas*. 2014. <http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/publicacao/37.pdf>



O trabalho no garimpo constitui-se num importante elo identitário. O fascínio e a paixão pelas pedras semipreciosas, especialmente a pedra Ametista, permeia as histórias de vida, o imaginário e está presente no cotidiano. Uma cultura local visível e perceptível na decoração das casas, lojas e órgãos públicos onde os adornos de pedras ocupam lugares de destaques, expressando imponentemente o orgulho das origens “garimpeiras”.

Em torno do garimpo e da mineração, os ametistenses criaram uma cultura própria identificada de diversas formas, como no modo de falar, por exemplo. Expressões como, <sup>111</sup>“toro”, <sup>112</sup>“florão”, <sup>113</sup>“bojo”, <sup>114</sup>“tijolo-mole”, <sup>115</sup>chapinha, <sup>116</sup>“talhão”, <sup>117</sup>“massa”, <sup>118</sup>“biju”, <sup>119</sup>“picão”, <sup>120</sup>“broca” e tantas outras que possuem designações específicas, criadas e utilizadas num tempo anterior à chegada do conhecimento científico, perduram e continuam fazendo parte do dia a dia local. A presença constante das pedras na vida dos ametistenses, seja pelo trabalho no garimpo, negócios/comércios e mais recentemente pelas atividades turísticas, que possuem o garimpo como norteador, faz com que mesmo as gerações mais jovens compreendam e deem continuidade a esses conhecimentos e costumes de Ametista do Sul.

Além dessas referências concretas e materiais, identifica-se também elementos consolidados na cultura imaterial. O Saber Fazer em torno do garimpo constitui um conhecimento valoroso e que merece ser registrado e inventariado como um Patrimônio Imaterial do município, especialmente frente à recente inserção de novas tecnologias que alteraram o modo de fazer no garimpo. O trabalho minucioso, controlado e delicado dos garimpeiros são conhecimentos únicos adquiridos pela prática, observação e passados de geração em geração. Muitas são as histórias de garimpeiros que acompanhavam seus familiares no garimpo desde a tenra idade e que aprenderam vendo e minerando, ensinamentos e aprendizados passados de geração em geração pela prática e vivência.

A mineração e a lida no garimpo é também percebida no imaginário local, sendo inspiração para muitas histórias fantásticas envolvendo sonhos, adivinhações, assombrações e outros elementos que certamente renderiam bons estudos e que também merecem ser registrados e aprofundados. Sonhar com uma pedra significa acordar com a esperança renovada e a fé de que ela estará logo ali na frente.

“Quando eu tinha 11 anos de idade sonhei que tinha encontrado uma pedra muito boa e meu pai me levou para tomar uma cerveja preta, logo cedo, contei o sonho para minha mãe.

---

<sup>111</sup> Conjunto ou coleção de pedras com características parecidas, como tamanho ou cor.

<sup>112</sup> Parte mais limpa ou a mais valiosa de uma pedra (geodo) ou bico de pedra.

<sup>113</sup> Expressão designada para geodo.

<sup>114</sup> Expressão utilizada para identificar solo argilo-pedregoso que exige trabalho com o picão e o emprego de força.

<sup>115</sup> Pequeno pedaço de geodo.

<sup>116</sup> Pedaço grande de geodo.

<sup>117</sup> Geodo de ágata.

<sup>118</sup> Solo formado por diferentes tipos de rochas situado logo acima do basalto (laje) que se decompõe com facilidade.

<sup>119</sup> Nome atribuído a picareta, instrumento de trabalho utilizado para cavar.

<sup>120</sup> Cava horizontal feita no basalto, onde se faz a mineração em busca dos geodos.



Apesar da pouca idade, eu já trabalhava numa cava e naquela manhã eu encontrei uma pedra, como era no tijolo-mole, eu tirei um pedaço, depois foi tirada em forma de talhão. Era enorme e deu cinco cabeças num total de cerca de 800 quilos, o pai colocou outros para ajudar a tirar porque sozinho eu não conseguiria.

Assim que foi vendida, meu pai me levou para tomar uma cerveja preta no Bar do seu José Rocha. O mais interessante é que antes eu nunca havia tomado uma cerveja preta. Me senti importante!

Com o dinheiro da pedra, o pai comprou 12,5 hectares de terra e ficou com um pouco para capital de giro para fazer outros negócios. ” (Orélio Bertoletti).

Na <sup>121</sup>reportagem do Jornal Zero Hora de 27/09/2018, encontra-se o seguinte: “o garimpeiro Izaldir Antonio Sganzerla, em 1973, quando tinha 22 anos, sonhou com uma grande pedra preciosa reluzindo sobre a terra vermelha num barranco às margens de uma estrada. No sonho, ele reconheceu o cenário: era a via de acesso à mina da família, onde ele trabalhava, um ponto explorado por outros mineiros. A sensação de realidade foi tanta que Izaldir convidou o pai, Izidoro Sganzerla, na época com 46 anos, para irem ao lugar. Os dois caminharam por algumas horas até Izaldir cismar com a imagem de um cedro e de uma canela com raízes expostas e entrelaçadas em pedras-ferro, cuja trilha levava a um granito de 15 toneladas — o único trecho jamais explorado por quem trabalhava na região à procura de pedras semipreciosas. Havia escavações a 30 centímetros da rocha, mas a força humana fora incapaz de removê-la. Com um trator, eles arrastaram a grande pedra por cerca de um metro, o suficiente para Izaldir surpreender-se por estar diante de uma pedra avermelhada semelhante à do sonho. Com quase meia tonelada, era a maior e mais valiosa ametista encontrada pelos dois. Imediatamente, a notícia se espalhou entre os garimpos da região. Um grupo de compradores se uniu para adquiri-la. Com o dinheiro da venda, os Sganzerla compraram 25 hectares de terra e seguiram garimpando. O pai, que também costumava se basear nos sonhos para encontrar ametistas, guardou 24 pequenos pedaços da pedra para usá-los quando fosse preciso. Até agora, aos 91 anos, Izidoro mantém reservada uma pontinha como troféu.” (ZH, 2018).

É senso comum entre os ametistenses que “cada pedra tem seu dono”. Essas histórias são exemplos de vivências e experiências que alimentam o imaginário local e regional dando forma aos elementos imateriais que compõem uma linda parcela do folclore rio-grandense.

Além disso, a cultura em torno dos poderes, energização e influências positivas das pedras, vem ganhando destaque na cultura local. Percebe-se, entretanto, que, independentemente da divulgação recente sobre elementos esotéricos, que atualmente alimentam um importante mercado, os ametistenses sempre acreditaram nos “poderes” das pedras e principalmente da Ametista, cujo fenômeno natural que a constitui reflete, sobretudo, o poder e a grandiosidade da natureza deste lugar. Afinal, há décadas, é ela que alimenta a mesa e os sonhos dos ametistenses.

---

<sup>121</sup> <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/09/ametista-do-sul-garimpeiros-sonham-com-as-pedras-cjlqufe9x016r01mnu9fp0gkn.html>



Essa cultura se reflete também nos eventos locais. Em tempos passados o garimpo inspirou a realização de uma grande carreata chamada “O ronco das carretas”. Dezenas de carretinhas em desfile, percorrendo as principais avenidas da cidade, exaltando o trabalho e a cultura garimpeira. Este evento ocorreu somente em algumas edições, suficientes para cristalizar na memória dos moradores que lembram com muito carinho deste evento e almejam que o mesmo, em algum momento, seja reorganizado e retomado, reconhecendo a valoração do garimpo e do “ser garimpeiro”.

A Expopedras - Feira Internacional da Pedra Ametista, que acontece de dois em dois anos desde 1998, tornou-se o ápice dessa cultura. Tanto pelo volume de transações comerciais, que naturalmente movimentava fortemente a economia, quanto pela exaltação da cultura local e exposição de grandes coleções de pedras. Este evento foi organizado com o objetivo de potencializar a indústria e o comércio de pedras, proporcionando aos expositores a oportunidade de mostrar seus produtos e realizar negócios com compradores e parceiros do Brasil e de outros países. A Expopedras tem um caráter comercial, entretanto, em cada peça exposta seja bruta, beneficiada, lapidada ou transformada artesanalmente, carrega consigo a técnica, o conhecimento e a cultura local.



Fotos sup. Pirâmide. Adriane da Cruz.

Desfile de carretinhas, foto não datada. Acervo Secretaria Municipal de Turismo de Ametista do Sul.

Corte da Expopedras 2022. Ana Paula Simioski, Rainha, Tainá dos Santos, Primeira Princesa e Manuella Farias, Segunda Princesa.



# Pedra ametista é eleita o mineral símbolo do Rio Grande do Sul

Projeto de lei foi aprovado no dia 4, pelos deputados estaduais do Rio Grande do Sul

Bruna Perazzoli  
brunap@me.com.br

O município de Ametista do Sul é conhecido nacionalmente e internacionalmente pelos seus pontos turísticos, pela extração e comércio de pedras preciosas, mais especificamente a pedra ametista e já é considerada a Capital Mundial da Pedra Ametista. Dessa forma, visando reconhecer ainda mais tanto o trabalho dos garimpeiros quanto a pedra preciosa, foi aprovado, na tarde de terça-feira, 4, pelos deputados estaduais do Rio Grande do Sul, o Projeto de Lei 101/2013, de autoria do deputado Gilmar Souza (PDT), apresentado em 2013, que institui a pedra Ametista como mineral símbolo do Estado. A ideia do projeto foi sugerida à Somoela pelo atual prefeito da município, Gilmar da Silva (PDT) e pelos vereadores Laury Ribeiro (PDT) e Agostinho Zanatta (PDT).



Além de valorizar a pedra ametista, esta conquista também será um reconhecimento à profusão de garimpos.

uma pedra fantástica, a maior jazida do mundo está aqui no Rio Grande do Sul. É uma pedra que o mundo inteiro está buscando e este reconhecimento é justo para um Estado tão rico em cultura e em histórias. Então, ter uma pedra que representa o Estado, a riqueza, ter uma pedra símbolo que vibra lá, para nós, é uma grande vitória. Porque se olhar bem, o Rio

será mais respeitada e valorizada. Esta conquista também servirá como uma divulgação, porque existem pessoas e regiões do próprio Estado que ainda não conhecem a pedra ametista", ressalta Spangherla. Além de Spangherla, o secretário de turismo de Ametista do Sul, Claudemir Capra, também acredita este marco ser mais importante. "Este é um momento histórico para o município de Ametista do Sul, mas também para a região como um todo", afirma Capra.

A visão dos trabalhadores

Ao longo dos anos, os garimpos já conseguiram diversas conquistas no que diz respeito à sua profusão, principalmente em termos de segurança. É o que reflete o proprietário de garimpo, Valdir Garlet, que já possui a profissão há 25 anos. "A oportunidade que temos de encontrar, todos os dias, uma pedra diferente, uma ametista diferente, é muito gratificante para nós que trabalhamos com isso. É hoje, a pedra ametista ser o símbolo do Rio Grande do Sul, nos dá uma perspectiva mais vontade e mais prazer em trabalhar. Saber que a nossa pedra está sendo mais valorizada, que pode alcançar um maior valor, faz com que sintamos mais amor por ela. Não é somente um privilégio para o município de Ametista do Sul, mas também para a região como um todo", afirma Garlet.

Para o proprietário de garimpo, Dirceu da Rocha, que trabalha na área há 20 anos, toda conquista é bem vinda para um setor que é solidário. "Tanto o dono de garimpo quanto os trabalhadores, somos a pedra ametista nós e isso valorizada como deveria ser

Em 2015, por meio do Projeto de Lei 101/2013, a pedra Ametista e sua representatividade econômica, natural, mística e cultural extrapolou os limites geográficos da região garimpeira. Ela foi a escolhida para se tornar o mineral símbolo do Estado do Rio Grande do Sul, enfatizando oficialmente e reconhecendo a importância desta pedra para os gaúchos.



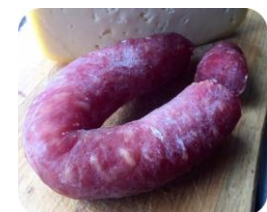
Fotos: Adriane da Cruz.  
Jornal O Alto Uruguai/2015.



Além dos aspectos culturais derivados das atividades garimpeiras, Ametista do Sul apresenta diversidade étnica e por consequência de costumes.

Como vimos, o município formou-se a partir da chegada de famílias de diferentes regiões do estado.

Desses primeiros tempos, percebe-se que alguns costumes, mais tradicionais, perduram mesmo na zona urbana; é o caso da culinária, o hábito de produzir domesticamente pães, cucas, bolachas, torresmo, linguiça, doces de fruta e outros alimentos, muitas vezes fazendo o uso do fogão à lenha e de receitas passadas de geração em geração.



Fotos: Adriane da Cruz, Fabio dos Santos, Jussara Prates e internet.

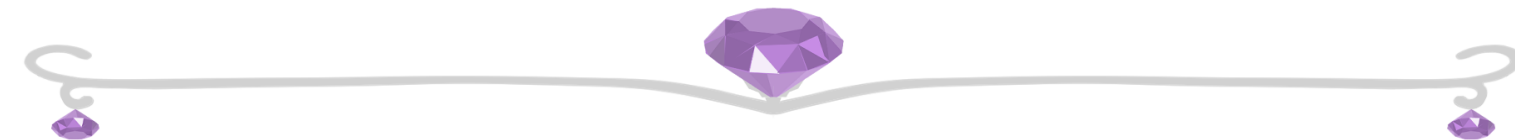
Costumes também percebidos nas zonas rurais onde as famílias cultivam para a subsistência com excedente para o comércio e agroindústrias. Se num primeiro momento a produção era artesanal, hoje se verifica a variação de culturas, aplicação de novas técnicas e tecnologias e a integração direta com indústrias, seja de beneficiamento da produção agrícola e hortigranjeira ou a criação pecuária.

Essas inovações alteraram o modo de vida tradicional das zonas rurais, promoveram maior qualidade e produtividade no campo e reduziram significativamente o êxodo rural.



Algumas mudanças se conjugam com as iniciativas voltadas ao turismo rural e à produção de uvas vinculadas com o desenvolvimento da vitivinicultura local e regional, configurando novas paisagens culturais, enraizadas, entretanto, nas origens de muitas famílias ametistenses.





Ressalta-se que<sup>122</sup>a cultura do vinho, foi trazida pelo imigrante italiano, inicialmente, tinham o costume de cultivar a videira para consumo próprio, sem fins comerciais. No Brasil ele teria desenvolvido a cultura do vinho, a ponto de poder comercializar o produto. Com a técnica portuguesa da tanoaria (construção de barris de carvalho), ele melhorou a qualidade do armazenamento do vinho, que antes se estragava facilmente, uma vez que as viagens de transporte, dos produtores até o mercado consumidor, chegavam a durar três ou quatro dias.

A vitivinicultura, em Ametista do Sul, cujas características específicas do solo possibilitam a formação de <sup>123</sup>terroirs exclusivos que favoreceram a migração da instância familiar para a produção em larga escala, incentivando a tradição do cooperativismo, dos processos produtivos permeados pelo “Saber Fazer” e inovando nos processos de maturação, envase e distribuição. Este segmento vem crescendo de forma integrada com o turismo e hoje se mostra como uma diferenciada opção para vivenciar e conhecer a cultura garimpeira e a vitivinicultura local que vem ganhando mercado e apreciadores.



Fotos: Adriane da Cruz. <https://sebraers.com.br/vitivinicultura/setor-vitivinicola-enfrenta-desafios-no-brasil-e-no-exterior/>

<https://vinicolaametista.com.br/> - <https://coperametista.com.br/>

<sup>122</sup> SALES, Fabiana de Lima. **O desenvolvimento econômico de Caxias do Sul na perspectiva do acervo do Museu Municipal**. 2006.

[https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_4/arquivos\\_4\\_seminario/GT07-5.pdf](https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT07-5.pdf)

<sup>123</sup> **Terrois (pl) Terroir**: Segundo a Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV) é “o conceito que remete a um espaço no qual está se desenvolvendo um conhecimento coletivo das interações entre o ambiente físico e biológico e as práticas enológicas aplicadas, proporcionando características distintas aos produtos originários deste espaço”. Falar de terroir é falar de um conjunto de fatores como: Topografia; Geologia; Pedologia; Drenagem; Clima e microclima; Castas; Intervenção humana; Cultura, história e tradição. Todos esses aspectos juntos, somados e engarrafados, definem o terroir. Algo como um DNA daquela bebida, ou até mesmo a preservação de uma biodiversidade sociocultural. Ou seja, cada pedaço de terra possui seu próprio terroir.

## Religiosidade, fé e sociabilidade

Assim como na maioria das comunidades de colonização, em Ametista do Sul a religiosidade <sup>124</sup>compôs um importante elo, unindo as famílias e fortalecendo-as, sendo que quase a totalidade confessava-se católicas. Entre as linhas e picadas, nas visitas ocasionais no domingo, quando vizinhos há pouco chegados encontravam-se para fugir da solidão, rezar o terço e comentar os fatos da vida, alimentavam a esperança de tempos melhores. Essas práticas foram aos poucos se institucionalizando e os grupos acabavam sentindo a necessidade de construir uma capela como ponto de referência, ao redor do qual passava a girar não só a vida religiosa, mas também a vida social.

Em idos do ano de 1947, as espaçadas famílias que habitavam a antiga Cordilheira basáltica, assim como as das comunidades longínquas do interior que compõem o atual município, viviam isoladas e desprovidas de atendimento religioso. Um pouco acima da encruzilhada de acesso a Iraí e para Frederico Westphalen (antiga Barril), na descida da Linha Curta, habitava um pequeno núcleo de moradores, as famílias Bertoletti, Rodrigues, Da Silva, Fogaça, Batista, entre outras.

Ao se aproximar o Domingo de Ramos daquele ano, 1947, o senhor Firmino Bertoletti montou uma mini capelinha de tábuas “aplainada” com machadinha e a posicionou à beira da estrada, próxima do <sup>125</sup>boteco de Pedro Tasso, este foi o primeiro capitel em Ametista do Sul. Dias depois, a cavalo, ele foi até a paróquia de Frederico falar com o padre, foi pedir que viesse rezar uma missa porque a comunidade estava desassistida. <sup>126</sup>Chegando lá ele encontrou o padre Luís Sponchiado, era recém-formado, prometeu que se a comunidade se organizasse e fizesse uma capela eles viriam atender, e combinou de vir visitar e conhecer a localidade no Dia de Ramos.

“Se aproximando o dia 30 de março de 1947, o Dia de Ramos, o pai matou uma rês e espalhou o convite entre as famílias para que viessem participar do terço, que o padre viria na comunidade. No dia de Ramos, como não tinha uma imagem para colocar no capitel, ele foi até a cabeceira da cama e pegou o crucifixo que havia sido trazido da Itália pelo seu avô e colocou na capelinha para aquele dia especial. Ele arrumou uma mesinha como sendo o altar, uma toalha branca, 2 velas, 1 pires e o crucifixo. O padre chegou, estavam alguns moradores ali, nunca vou esquecer que o pai deu uma moedinha para cada filho e nós ficamos segurando e na hora da oferenda colocamos as moedas no pires. Foi a primeira coleta feita para a igreja, a gente era criança e ficamos orgulhosos com isso.



<sup>124</sup> MANFROI, Olívio. *Emigração e identificação cultural – A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. In: Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, 1975.

<sup>125</sup> O boteco de Pedro Tasso se localizava nas proximidades do acesso de entrada do empreendimento turístico “Mina em Atividade”.

<sup>126</sup> Entrevista com Carlito Bertoletti, filho de Firmino Bertoletti.



Passada a missa, que mais parecia um terço, se comparar com as de hoje, uns moradores ficaram por ali e começaram a organizar o churrasco no gramado do Pedro Tasso. Passado um tempo apareceu um pessoal, uns nunca tinham sido vistos, tinham faca, adaga e arma de fogo na cintura, ficaram todos 'meio assim', até o padre ficou receoso e falou em italiano para meu pai, 'vamos cantar, alegrar para verem que é uma festa da igreja', começaram a cantar, tudo em italiano, e eles acompanharam e almoçaram juntos e foi muito bonito de ver.”

“Mais tarde, o pai e o padre subiram a lomba da estradinha em direção à área do senhor Atílio Bassi e o padre achou o lugar muito bonito, era mais plano e sugeriu que futuramente fizessem uma capela por ali.”

“Como aquele pequeno capitel foi feito de forma precária, logo depois o pai fez um novo, utilizou uma caixa de madeira, daquelas que vinha duas latas de querosene dentro e sobre ela fez uma cumeeira de tábuas. Essa foi posicionada mais para cima, na encruzilhada da Linha Curta sobre um toco de uma árvore. Ainda não tinha imagem daí foi comprado um crucifixo novo porque aquele era uma relíquia de família que agora eu tenho comigo, pois herdei de meu pai.”



Logo após contar essa linda história, o senhor Carlito buscou na gaveta um pacote enrolado numa sacolinha e com muito cuidado desembalou o crucifixo e o emprestou para que o pudéssemos fotografar e registrá-lo na história de Ametista do Sul.

Na face, a expressão de orgulho de quem compreende o peso da confiança que seu pai, Firmino, lhe depositou quando o escolheu para ser o guardião dessa importante peça religiosa e de família. Relíquia digna de fazer parte de uma instituição pública de memória, que esperamos que Ametista do Sul venha a ter, num tempo próximo.

<sup>127</sup>Chama a atenção para a importância que teve a religião católica sob a forma de religiosidade popular para o imigrante italiano no Rio Grande do Sul, o qual, afastado de toda a sociedade, sem recursos, nas longínquas linhas, precisou se manter unido ao seu grupo para sobreviver e ajudar-se mutuamente. A religiosidade sustentou os imigrantes italianos durante a viagem e nos primeiros tempos, frente ao trabalho na floresta e nos campos, a religião foi o fator de integração social, que permitiu aos colonos manter a coesão e a identidade cultural na nova realidade que viviam.

<sup>127</sup> MANFROI, Olívio. *Emigração e identificação cultural – A colonização italiana no Rio Grande do Sul*. In: Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, 1975.

Crucifixo utilizado no Dia de Ramos de 1947, ocasião em que foi rezado o terço no primeiro capitel da localidade. Pertencia a Firmino Bertoletti. Foto: Jussara Prates

“No ano de 1948 foi construído outro capitel do outro lado da rua, diria que sua posição ficaria ao lado do antigo comércio dos Bassi, esse era um pouco maior, sobre quatro esteios, onde cabiam apenas o Padre e o Sacristão, mas o padre ainda não vinha com frequência e meu irmão, o Modesto, às vezes rezava o terço. Ainda no ano de 1948 começaram a construir a capela em frente à casa de comércio e na terra de Atílio Bassi”. (Hoje a família mantém uma capelinha (capitel) registrando e perpetuando esse período da história local).



“Quando começaram a Igreja, o senhor João Lovato já tinha a serraria, aí foi mais fácil e meu pai trazia madeira para ele serrar e aplinar. A capela tinha mais ou menos 5x6 metros e era de madeira, mas para ter um padre ela tinha que ter 5x9, aí como ela era muito em cima da estrada, tiveram que desmanchar o coro atrás e aumentar ela.”

A comunidade juntou-se a essa importante “missão”, todos ajudaram, mobilizaram recursos e mão de obra até que a localidade estivesse com a estrutura para receberem da paróquia de Frederico, a designação de um padre para atendê-los de forma mais efetiva. Conforme informações contidas no site da Paróquia São Gabriel, o vilarejo era chamado São Gabriel, e havia também uma forte devoção a este Arcanjo, e por “providencia divina”, veio morar nestas terras o Sr. Cassiano Fontes, ferroviário aposentado, que cedeu a primeira imagem do Arcanjo São Gabriel.

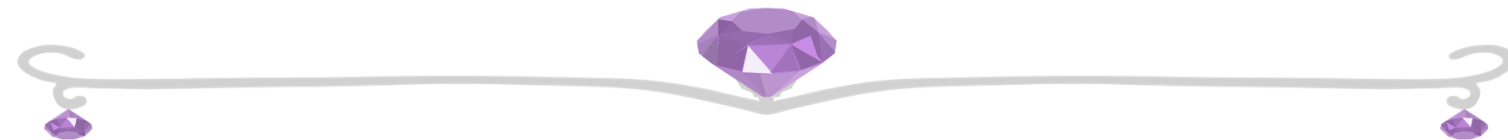
---

Entrevista com Carlito Bertoletti.

Foto canto dir. Capitel construído em memória a primeira Capela de 1948.

Foto sup. Interior da antiga Capela que também foi escola no ano de 1948/49, até que o prédio próprio da escola ficasse pronto.

Foto inf. A informação coletada é que essa teria sido a primeira vez que foi realizada a 1ª Comunhão na localidade, até a publicação deste livro não se conseguiu-se a data exata.



Com base nessas informações, é importante contextualizarmos que, nas zonas coloniais no interior no Brasil, o <sup>128</sup>governo local somente reconhecia a existência de uma povoação a partir do momento em que a capela presente fosse elevada à categoria de freguesia (paróquia). Essa cultura ultrapassou o período colonial, perdurando ao longo dos anos e independente dos aspectos jurídicos serem outros, a capela era o ponto que embrionava a povoação, o primeiro símbolo de oficialidade de uma localidade que se estabelecia. Em muitos casos, também a primeira edificação do local, a edificação que atraía as pessoas para se fixarem em suas cercanias, atraindo moradores que formariam uma nova comunidade ao seu redor. Por isso, a construção da capela era uma das primeiras atitudes tomadas. Se houvesse escassez de rendas na localidade, erigia-se uma provisória até que fosse possível construir-se a igreja definitiva. Características culturais percebidas nas primeiras décadas de formação de Ametista do Sul.

Em 1957, por meio da Lei nº 400, o executivo de Iraí fez a doação, para a Mitra de Santa Maria, dos lotes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 da quadra 6, do povoado de São Gabriel com área total de 7.735m<sup>2</sup>. Segundo o Art 2º da Lei, “Os lotes doados deverão ser utilizados na construção da Igreja, Casa Canônica e outras dependências do interesse da Mitra, não podendo ter outro destino que o referido, sob pena de retornarem ao domínio e posse do município, independente de quaisquer indenizações”. Em 1968 foi construída a igreja e em 1970 foi elevada a paróquia dedicada ao Arcanjo São Gabriel. Seu primeiro Pároco foi o Padre Evanir Matiello.



Foto esq. R.João Hofmann e P. Ivanir Matiello ato designação à Paróquia de São Gabriel. Datada de 1970. Acervo de Nair Carnin.

Foto dir. Atividade da comunidade de São Gabriel, não datada. Ilustra o contexto da localidade. Acervo Sec. De Turismo de Ametista do Sul.





Com vistas a expressar a gratidão pelo bem mineral que alimentava a comunidade e o poder da fé que os fortalecia, no ano de 1975 a comunidade de São Gabriel uniu-se e erigiu na praça da igreja um importante e representativo monumento. Os ametistenses trouxeram o garimpo para o centro do distrito, construíram uma linda gruta de pedras, composta de pedras de basalto, tiradas dos garimpos locais, geodos de ametistas e ágatas reproduzindo uma “broca” onde assentaram imagens de santos, elementos importantes de caráter cultural e coletivo. As imagens ilustram este projeto, cujas memórias remetem ao orgulho de gerações que cresceram vendo aquele patrimônio, referência de fé e de coletividade.



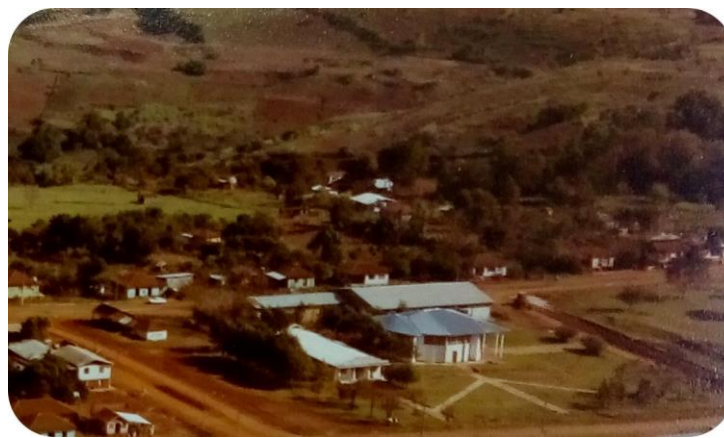
Lamentavelmente, este patrimônio foi destruído negando parte do passado para as futuras gerações. É importante lembrar que o patrimônio cultural registra a caminhada de uma sociedade, perpetua a

trajetória dos que vieram antes de nós que dedicaram seu trabalho, sua fé e sua vida para nos reservar um futuro. Futuro, que deve, inevitavelmente, coexistir com o patrimônio do passado, sem isso jogamos por terra a dedicação de nossos antecessores e perdemos nossas referências de identidade e de pertencimento.

---

Fotos: ilustram o carregamento das pedras e geodos que foram utilizados na construção da gruta, na praça da Igreja, o trabalho de construção e a inauguração que ocorreu em 27 de janeiro de 1975. Acervo Sec. De Turismo de Ametista do Sul.

No ano de 2003, os ametistenses, novamente uniram-se em prol da reconstrução da nova Igreja, conciliando os dois elementos fundantes dessa comunidade: a fé e o garimpo. A Igreja São Gabriel foi revestida com 40 toneladas de ametistas. Sua ornamentação reflete todo o trabalho e a força desse povo garimpeiro que, por meio de doações e trabalho, viabilizaram o revestimento interno com pedras preciosas, fazendo desse espaço coletivo um lugar único e representativo. Uma reverência à mãe natureza que lhes presenteou com a maior jazida de ametistas do mundo, de onde, por meio do trabalho, o garimpeiro provém o sustento da família e o desenvolvimento econômico e ao Pai, que por meio da fé alimenta a vida espiritual, o senso comunitário e a esperança dos ametistenses.



Fotos sup. Esq. datada de 1986. Acervo, 1º processo de emancipação. APERS.

Foto sup. Dir. datada de 1991. Acervo, 2º processo de emancipação. APERS.

Foto inf. Dir. Reforma da Igreja, 2003/04. Acervo. Sec. De Turismo de Ametista do Sul.



## A tradição dos Capitéis e Grutas em Ametista do Sul



Foto canto esq. sup. Praça e Igreja. Nessa imagem é possível visualizar a presença da antiga torre e gruta de pedras, construídas na década de setenta, ambas demolidas. Acervo: Sec de Turismo de Ametista do Sul.

Foto canto sup. Dir. Configuração atual da igreja e praça. Foto de Adriane da Cruz.

Capitéis presentes junto às comunidades, beira de estradas no interior das caves de mineração. Expressam a religiosidade e devoção do povo ametistense. Existem outras, não retratadas aqui, que valem a pena serem visitadas.

Fotos: Adriane da Cruz.

## Diversidade Cultural

Levando em consideração a diversidade apresentada desde o processo de ocupação inicial, a cultura em Ametista do Sul é um tema que merece estudos mais detalhados e aprofundados. Há muito para conhecer sobre as manifestações e atividades, como o Saber Fazer relativo ao artesanato, a culinária e práticas agrícolas, por exemplo.

Atividades sociais como os antigos bailes e matinês, os jogos de carta, de bocha, o terno de reis, as rinhas de galo (hoje proibidas), as pescarias, banho de rio, romarias, esportes, carnaval, atividades ligadas ao tradicionalismo e tantas outras manifestações trazidas de tradições seculares pelos imigrantes, assim como as dos povos originários da região que em cada lugar e geração foi sendo adaptada, que, pela fusão natural da sobrevivência e das vivências, ganharam novos formatos e leituras, tornando esta localidade, um lugar único, culturalmente diversificado e interessante.



Foto canto inf. Dir. Time de futebol da Linha Santo Antônio. Em pé da esquerda para a direita: Hesidório Zanella, Vitalino Zatti, Almerindo Talvino Grana (Mindo), Olivina Farias, Nelsi Souza, Horosimbo Colussi. Arnaldo Zatti (Naldo) e João Segundo Zatti. Agachados, da esquerda para a direita: Alécio Ceratti, Ledir Zatti, Antônio Colussi (com a bola), Orides Zatti (lide), e João Antonio de Souza.

Foto canto sup. Dir. Bloco de carnaval. Com Lurdes Castelli, Neila Castelli, Marli Bassi, Idelma Cassol, Catarina Rocha, Maria Rocha, Sisse Rodrigues. Foto de 1972, no antigo pavilhão da igreja.

Foto centro inf. Banho no rio do Mel. Foto de 1986.

Foto canto inf. Esq. Reunião de amigos em festa. Da esquerda para a direita: Mário Carnin, Adolfo Fontana, José Bilibio e Tamarino Vargas. Datada entre os anos de 1960/65.

Fotos: Artesanato e decoração em pedra ilustram o saber fazer e a tradição do uso de pedras para a decoração e ornamentação dos lares, pátios e até do cotidiano chimarrão. Fotos de Adriane da Cruz.

Foto: Chimarrão de Renêvia Ceratti.



## A Emancipação de Ametista do Sul

O Município de Ametista do Sul emancipou-se em 20 de março de 1992. Essa foi uma conquista empreendida desde meados da década de oitenta, a comunidade, mobilizada, vinha em busca do sonho de tornar a localidade de São Gabriel num município autônomo, independente. O primeiro processo Pró-emancipação, encaminhado ao estado, não foi exitoso, mas quando se estuda essa documentação, compreende-se que na realidade, independente dos desdobramentos que cada um teve enquanto tramitavam na Assembleia Legislativa, os dois processos se complementaram e ambos foram decisivos para o nascimento de Ametista do Sul. Registra-se que os estudos desenvolvidos pelas Comissões Pró-Emancipação foram minuciosos e importantes para a história do município, pois reuniram dados que se apresentam como uma espécie de “radiografia” local, apresentando-se como importantes fontes para pesquisas.

A partir daqui, este livro traz algumas dessas informações com a finalidade de compartilhar com os ametistenses o contexto econômico-social e cultural da localidade no período que antecedeu a emancipação do município. Esses processos de emancipação estão arquivados no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre e podem ser acessados mediante solicitação e agendamento. Como já foi dito, tratam-se de importantes e detalhados estudos acerca do município, o que permite “visualizar” e compreender, sob vários aspectos, a localidade naquele período.

No processo protocolado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, datado de 29 de agosto de 1985, solicitando o credenciamento da Comissão de Emancipação consta, na íntegra, a Ata de eleição e posse da Comissão Pró-Emancipação, ocorrida no dia 02 de fevereiro de 1985, conforme segue.

“Nas dependências do clube local (União), reuniram-se populares e autoridades residentes no distrito [...] estavam presentes o vereador Nerci da Silva Dutra, ex-vereador Belmor José Toazza, suplentes de vereador, o ex-vice-prefeito, Eusébio Mateus da Rocha, o subprefeito local, além de lideranças, grande número de populares. Faziam-se também presentes Dr. Otacílio Vanzin convidado para assessorar essa reunião, o Secretário Municipal da Fazenda de Planalto, Sr. Adelir Pavan e o Senhor Francisco Natal Signor, Dr. Taborda, assessor da assembleia Legislativa do estado]...].

Foram feitas diversas explanações pelos presentes e convidados, relativamente ao processamento, suas fases e etapas, bem como seus requisitos exigidos em lei. O Sr. Atílio Bassi, que presidia provisoriamente a reunião, encaminhou a reunião sob a modalidade de votação para a comissão ser escolhida, tendo sido decidido que os presentes pertencentes ao distrito votariam em um nome nas cédulas a serem distribuídas e o nome mais votado seria o Presidente da Comissão, o segundo mais votado seria o Vice-presidente e assim sucessivamente para o 2º Secretário, Tesoureiro, 2º Tesoureiro e cinco colaboradores para as tarefas específicas que a Comissão lhes designar. Procedida a reunião o resultado foi o seguinte: Presidente: Belmor José Toazza; 1º Vice-Presidente: Nerci da Silva Dutra; 2º Vice-Presidente: Valdir de Castro; 1º Secretário: Adelmo Cadena de Assumpção; 2º Secretário: Genésio Piovesan; 1º Tesoureiro: Eusébio Mateus da Rocha; 2º Tesoureiro: Isaldir Antônio



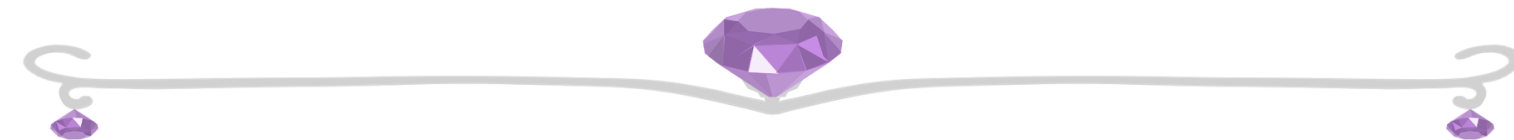
**Sganzerla. Os cinco colaboradores (conselheiros fiscais) foram: Raul Ribeiro, Alécio Cerratti, Atílio Bassi, Estanislau dos Santos Brizola, José Carlos Miranda.[...]**”

**“Foi sugerido o nome de ‘São Gabriel do Cristal’ para o novo município, ficando, porém, para outra oportunidade a decisão definitiva para a denominação.”**

No contexto dos anos oitenta, registrou-se que São Gabriel tinha um posto avançado do Banco do Rio Grande do Sul – Banrisul e um Posto Avançado do Banco do Brasil. Quatro estabelecimentos industriais sendo eles: um alambique de Aquilino Fontana, em São Rafael; duas fábricas de esquadrias de Antonio Fainello e Irmãos Toniozzo LTDA e uma de industrialização de pedras semipreciosas a LEGEP Mineração. Na área da saúde já havia a Fundação Hospitalar de São Gabriel (em fase embrionária), o posto de saúde na vila (atual sede) e em São José (em fase de conclusão).

No que se refere às associações recreativas e esportivas, havia a Sociedade Esportiva Granada, Sociedade Esportiva, Beneficente e Cultural União, Esporte Clube São José (São José), Esporte Clube Onze Amigos (Linha do Gancho), Esporte Clube Colorado (Linha Cordilheira), Esporte Clube Canarinho (Linha Alta), Esporte Clube Ouro Verde (São Roque), Esporte Clube Renovador (São Rafael), União Atlético do Sangão (Linha Sangão), Grêmio esportivo Barreirinho (Linha Barreirinho) e CTG Estância do Cristal.

Neste primeiro processo Pró-emancipação consta uma Certidão Narratória fornecida pelo município sede, Planalto, informando acerca das unidades educacionais que abrangiam todas as localidades intencionadas para aquela proposta inicial de formação do município. Eram elas: Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Abraham Lincoln, na Linha São Valentim (Decreto de criação nº 94/49 e nº07/65), Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Breno Caldas, na Linha Sangão (Decreto de criação 01/84 com efeito retroativo ao ano de 1955), Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Castro Alves na Linha São José (Decreto de criação nº 01/84 com efeito retroativo ao ano de 1947), Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Coelho Neto da linha Alta (Decreto de criação nº 05/52 e nº 07/65), Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Duque de Caxias da Linha Santo Antônio (Decreto de Criação nº 01/84 com efeito retroativo ao ano de 1957), Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Eurico Gaspar Dutra na Linha do Pique (Decreto de Criação nº 107/51 e 10/65), Escola Municipal Jonh Kennedy na Linha da Curta (Decreto de Criação nº06/65), Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Machado de Assis da Linha Jacutinga (Decreto de Criação nº 06/52 e 07/65), Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Monsenhor Victor da Linha São Roque (Decreto de Criação nº06/52 e 07/65), Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima Tigrinha (Decreto de Criação nº 03/84 com efeito retroativo ao ano de 1983), Escola Municipal Osvaldo Cruz da Linha Alto Barreirinho (Decreto de criação 09/74), Escola Municipal de Primeiro Grau Incompleto Presidente Costa e Silva da Linha São Rafael (Decreto de Criação nº 01/84 com efeito retroativo ao ano de 1950), Escola Municipal de Primeiro Grau incompleto Tomé de Souza da Linha Volta da Banana (Decreto de Criação nº01/84 com efeito retroativo ao ano de 1959), Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Tiradentes da Linha Gancho (Decreto de criação nº 08/65), Escola Municipal 31 de Março da Linha Salto Velho (Decreto de Criação 09/76).



A Prefeitura de Iraí concedeu as seguintes informações a respeito das comunidades que faziam parte do seu território que, caso fosse aprovada a emancipação, passaria a compor o novo município. Sobre Indústrias: moinho Colonial de Adão Moreira no Barreiro Grande; Associações recreativas e desportivas: Esporte Clube São Luís em Barreiro Grande; Esporte Clube Ipiranga em Linha Santa Catarina; Esporte Clube Cruzeiro em Linha Tajuva, Grêmio esportivo Barreirinho em Barreirinho. Sobre estabelecimentos comerciais: Bar e Armazém de Aristides Barbosa, Bar de João de Vargas em Barreiro Grande, Armazém de Manoel da Silva em Barreiro Grande, Bar e Armazém de Sebastião de Camargo em Barreiro Grande e Armazém de Luiz Gelsi Winques em Barreirinho.

Sobre a pecuária, o setor de Inspeção veterinária informou que a criação de bovinos era de 4200 cabeças de bovinos, 4.000 suínos, 220 caprinos e 100 equinos.

Este primeiro processo de emancipação apresenta também um importante registro fotográfico e informativo acerca das atividades econômicas e culturais na região “urbana” estando algumas imagens já ilustrando as páginas deste estudo. Outras seguem abaixo, a fim de ampliar o entendimento do contexto na época.

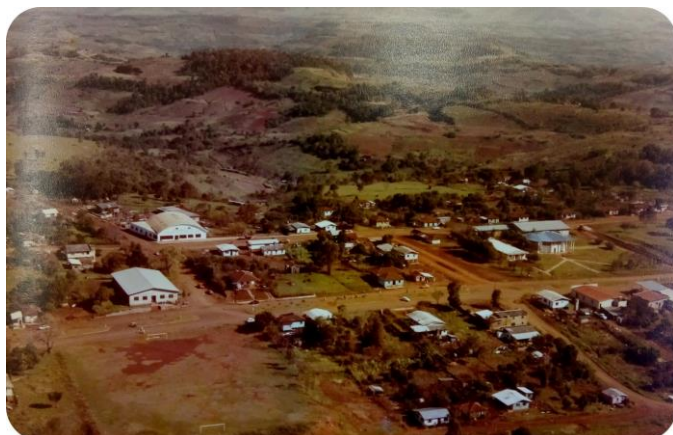


Foto sup. esq. Vista área da região central do Distrito São Gabriel. 1986

Foto sup. esq. Sede da Sociedade Esportiva, Beneficente e Cultural União, do Distrito de São Gabriel, criada em 19 de janeiro de 1964. (Possuía nesse período 230 associados). 1986.

Foto inf. Esq. Vista parcial da Avenida Brasil. 1986.

Foto inf. Dir. Prédio do Posto de Saúde de São Gabriel. 1986.

Acervo: APERS



**Na Ata de posse da segunda Comissão Pró-Emancipação, consta o seguinte:**

**“Aos vinte e oito dias do mês de janeiro de 1990, tendo como local o Pavilhão da Igreja Paroquial, no Distrito de São Gabriel, Município de Planalto no Rio Grande do Sul, reuniram-se as lideranças do Distrito e da comunidade em geral com a finalidade de eleger a Comissão Emancipacionista do futuro Município de ‘Ametista do Sul’. Após vários debates e explanações procurando sempre analisar as reais condições confrontadas com a Lei Complementar 175/89 de 05/04/1990, a qual estabelece as condições mínimas para a criação de novos municípios, chegou-se à conclusão que a localidade possui todos os requisitos necessários à criação de novo município. Em virtude dessa constatação, por aclamação geral de todos os presentes, foi eleita a Comissão Emancipacionista, composta pelos seguintes membros: Presidente: José Carlos Alves, Vice-Presidente: Antônio da Rocha, 1º Secretário, Jorge Bassi, 2º Secretário: Izaldir Sganzerla, 1º Tesoureiro: Valdomiro Toniazzo,**

Foto sup. Esq. Vista aérea do estabelecimento de grande porte de Atilio Bassi e na área dos fundos propriedade rural com criação de porcos.  
Foto inf. Dir. Vista do início da construção do Ginásio de Esportes da Sociedade Esportiva Granada. 1986.

Foto inf. Esq. prédio dos Trabalhadores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Planalto. Sub, sede no Distrito de São Gabriel (Funcionava nesse prédio, consultório odontológico, médico e Caixa Avançado do banco do Brasil. 1986.

Acervo: APERS





**2º Tesoureiro: Antônio Camargo. Conselho Fiscal: Euclides Laranjeira, Atílio Bassi e Valdir Antônio de Castro. Suplentes: Balduino Brombilla, Belmor José Toazza e José Osmar Cadena de Assumpção. De conformidade com a Lei Complementar nº 175/89 e em obediência aos demais diplomas legais existentes, tanto na área federal quanto estadual, participaram da reunião 108 pessoas, todos residentes e domiciliados na área, favoráveis à emancipação, para logo após requerer as credenciais junto à Assembleia Legislativa do estado. Nada mais havendo a tratar, eu Jorge Bassi, como secretário, lavrei a presente Ata, que será assinada por todos os presentes.**

**O segundo processo Pró-emancipação tramitou e cumpriu os desdobramentos legais, por meio do Projeto de Lei 258/91 obteve autorização para proceder a consulta plebiscitária, a fim de que a comunidade se manifestasse dando seguimento no processo de emancipação. No Projeto de Lei nº 258 consta o seguinte: “Art. 1º É autorizada, nos termos das leis complementares n.º 9070 de 02/02/1990 e 9089 de 02/06/1990, a realização de consulta plebiscitária no distrito de São Gabriel, pertencente ao Município de Planalto, Iraí e Rodeio Bonito. A sede será em São Gabriel com o nome de Ametista do Sul”.**

**No dia 10 de novembro de 1991, reuniu-se a Junta Apuradora para a apuração dos votos da consulta plebiscitária, autorizada pela Lei Estadual nº 9030 de 17/09/1991. Conforme a contagem dos votos obteve-se o seguinte resultado: Votos SIM, 2.327; Votos NÃO, 67; Votos em BRANCO, 04; Votos NULOS, 10. Um total de 2.408 votos. A comunidade votou favorável à emancipação sendo a partir dali procedidos os trâmites legais.**

**Os dados estatísticos registram o crescimento econômico da localidade, no período que antecedeu a emancipação, mas, quando comparados com a atualidade, possibilitam compreender com bastante precisão o rápido desenvolvimento econômico, demográfico, tecnológico, de infraestrutura e de oferta de serviços públicos e privados, conforme segue:**

**“No tocante à comunicação, o distrito é servido por dois canais telefônicos DDD, os dois estão instalados em prédio próprio municipal, onde também está instalada uma central com capacidade de 100 telefones que atende os serviços dos 48 aparelhos instalados.**

**A localidade é servida com cinco linhas de ônibus (Unesul, Arco Íris, Pioneira, Marisul e São Gabriel), são oferecidos 10 horários diários sendo do Distrito para os municípios de Planalto, Iraí, Frederico Westphalen, Rodeio Bonito, Palmeira das Missões, Carazinho e Porto Alegre. A sede do Distrito conta com a Escola Estadual de Primeiro Grau Incompleto, com 34 professores, 673 alunos, 25 turmas matriculadas desde o pré-escolar até a 8ª série, na área a ser abrangida pelo novo município, funcionam ainda 15 escolas municipais, sendo 13 de 1ª a 4ª série e 02 de 1ª a 5ª série com 31 professores e 481 alunos.**

**Sobre os aspectos econômicos, os documentos asseguram que Ametista dos Sul possuía um excelente potencial econômico, voltado principalmente para o extrativismo, agricultura e agropecuária. “Somos o maior produtor de ametista do mundo”, com produção mensal de 200.000 quilos, sendo ela comercializada em 90% para o exterior e 10% para o mercado interno.**



Somos também produtores razoáveis de produtos agrícolas como milho, soja, feijão e trigo. O comércio é sustentado por cerca de 100 estabelecimentos comerciais de pequeno e médio porte, microempresas e 13 indústrias, sendo que 5 são de grande porte exportadoras. Contamos com taxa zero de desemprego e sendo que o garimpo emprega 70%, a agricultura 20% e o comércio 10%. Conta ainda com 360 veículos automotores, correspondendo a automóveis, caminhões, utilitários e motos, havendo ainda quatro concessões de aluguel-táxis e 50 carretas agrícolas.”

“Na área de lazer há 17 entidades entre esportivas e religiosas e diversas sociedades e associações comunitárias e círculos de pais e mestres a destacar a Associação dos Garimpeiros e a Cooperativa dos Garimpeiros do Médio Alto Uruguai que representa cerca de 8.000 garimpeiros de 5 municípios (Planalto, Iraí, Frederico Westphalen, Trindade do Sul e Rodeio Bonito). ”

“A sede do município é servida por água potável captada do Rio do Mel, através do tratamento administrada pela Prefeitura de Planalto em fase de encampamento pela Corsan, a área rural possui cerca de 95% de água encanada através de fontes naturais e reservatórios. É servida pelo Banco do Brasil em seção externa em fase de agenciamento e com atendimento normal, todos os dias e pelo Banco do Estado do Rio Grande do Sul, com atendimento três vezes na semana. Todas as propriedades urbanas e rurais estão servidas com energia elétrica.”

Neste processo de emancipação, consta uma declaração de que no futuro Município de Ametista do Sul, 90% da população desempenha função relativa, ou relacionada, ao garimpo e agricultura, sendo o documento oficial do garimpeiro e do agricultor o bloco nº 4. “Por levantamento efetuado, atingimos índice de receitas primárias, nos seguintes percentuais, Planalto 40%, Iraí 10% e Rodeio Bonito 2%”. Segundo a Certidão nº000012 emitida pela Secretaria da Fazenda de Planalto, o Distrito de São Gabriel possuía 487 residências. Outra Certidão informa que na localidade existia iluminação pública contando com 200 lâmpadas instaladas.

Através da Lei Estadual nº9.570, de 20 /03/92, foi criado o Município de Ametista do Sul, (publicada no DOE nº57, de 24 de março de 1992), assinada pelo governador do Estado do Rio Grande do Sul, Sr. Alceu Collares. No ART. 1º consta, “É criado o Município de Ametista do Sul, constituído pelo Distrito de São Gabriel, pertencente ao Município de Planalto, e parte dos municípios de Iraí e Rodeio Bonito. No Parágrafo Único, define que, ‘É sede do novo município a localidade de São Gabriel, e sua instalação será no dia 1º de janeiro de 1993’”.

Essa Lei e outras documentações podem ser acessadas nos processos originais no Arquivo Público do Estado-APERS e, como já foi dito, são estudos que constituem importantes fontes de pesquisas, possibilitando diversas abordagens acerca da história, da memória e da cultura ametistense, com elementos vastos e complexos, os quais merecem novos olhares e interpretações. Neste sentido, reitera-se, que não há a pretensão em esgotar a temática da história ametistense neste livro. Aliás, o que se quer é exatamente o contrário, a intenção desde sempre foi a de promover o conhecimento histórico, incentivar a leitura, provocar reflexões, discussões e, num plano utópico, inspirar o desenvolvimento de novos estudos, pesquisas e publicações.

Por constituírem informações precisas, interessantes e até curiosas sobre as questões econômicas e culturais da cidade é que apresenta, a seguir, imagens de recortes de páginas do processo de emancipação. Essas, não puderam ser aprofundadas neste estudo, especialmente pela necessidade de delimitação, recorte histórico e volume de páginas. Mas, pela riqueza poderiam nortear novos projetos historiográficos sobre Ametista do Sul, promovendo o diálogo, a apropriação, a identidade e o pertencimento, elementos essenciais de cidadania.

SUPERINTENDENCIA DA ADMINISTRAÇÃO TRIBUTÁRIA  
 FINº 01  
 FREDERICO WESTPHALEN- RS.

Certificamos a pedido da Comissão Pró-Emancipação de "Ametista do Sul" do Distrito de São Gabriel, Planalto RS., que o NÍVEL DO COMÉRCIO concentra no seguinte:

#### PEDRAS PRECIOSAS

Legep Mineração Ltda  
 Irmãos Lody Ltda  
 Irmãos Portoluzzi & Cia Ltda  
 Estanislau dos Santos Rizola  
 Capra Pedras Preciosas Ltda  
 Capeli Camargo Ltda  
 Deves Ametista do Brasil Ltda  
 Euzébio Mateus da Rocha  
 Hovistones Mineração Ltda  
 LICC-Com.Exportação de Pedras Ltda  
 Alberto Prates

#### SUPERMERCADOS

Dalbosco Toniazco & Cia Ltda  
 Mauro Volmar Zankoski  
 Luiz Gelcy Winques  
 Poncio & Dagios Ltda  
 Fernandes Passi  
 Mercearia Alves Ltda

#### AÇOUGUES

Mercearia Alves Ltda  
 Açougue e Mercado Ametista Ltda  
 Alougue Pinheiro  
 Fidelis Meazza  
 Moacir de Castro

#### Confecções

Comercial Ametista  
 Lajusti Modas Ltda  
 Confecções Mari Mari Ltda  
 Dalbosco Toniazco & Cia Ltda  
 Poncio & Dagios Ltda  
 Vanderley Bonfanti  
 Jose Adelar Duarte  
 Lurdes Terezinha Castelli  
 Leonides Lourdes de Lima  
 Idemar Jordani  
 Cerealista Danielli Ltda  
 Comercial de Calçados Alpestre Ltda  
 Mairy de Fatima Dias

#### CEREALISTAS

Dalbosco Toniazco & Cia Ltda  
 Sebastião Camargo

#### MEDICAMENTOS

Genir Antonio Cassol  
 Dorval Américo Passi

#### FERRAGENS

Dorval Américo Passi  
 Dalbosco Toniazco & Cia Ltda  
 Mauro Volmar Zankoski  
 Genir Cadena de Assunção

#### BAR E ARMAZEN

Odilo Vicente de Castro  
 Romeu Kerber  
 Arvelino Prates dos Santos  
 Celso Luis Castelli  
 Orides Guergen  
 Luis Martini  
 Antonia Salvoldi Ues  
 Dalice Mariani Carnetti  
 Jose Antonio da Rocha  
 Francisco Machado  
 Jose Lisiak  
 Nerci da Silva Dutra  
 Teodoro Pavieikievitz  
 Darcy Luis Bonal  
 Albino Cirino dos Santos  
 Altair Grana  
 Fermino Machado  
 Getulino dos Santos Oliveira  
 João Dias  
 Jose Hildo de Oliveira  
 Sadi Antonio Zatti  
 Valcir Antonio de Castro  
 Vitor Constantino de Castro Gemelli  
 Valdir Fiori

#### AUTO PEÇAS

Alcides Pedro Zanelatto & Cia Ltda  
 Lair Antonio Santini  
 Marcelo Antonio Dalbosco  
 Moto Loro Ltda  
 Auto Mecânica Gival Ltda

#### CALÇADOS

Comercial de Calçados Alpestre Ltda  
 Jose Adelar Duarte  
 Vanderley Bonfanti  
 Dalbosco Toniazco & Cia Ltda

#### MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Ues Materil de Construção Ltda  
 Dalbosco Toniazco & Cia Ltda  
 Centro de Compras São Gabriel  
 Valdir Ruani  
 Meotti & Cia Ltda  
 Dorval Américo Passi  
**MOVEIS E ELETRODOMÉSTICOS**  
 Central de Compras São Gabriel  
 Meotti & Cia Ltda  
 Creluz-Cooperativa de Energia Médio Alto  
 Antonio Fainello  
 Ametista Eletro Moveis Ltda

#### PEDRAS PRECIOSAS

Ametista Cortada e Polida....20 Toneladas Mensais  
 Agta Cortada e Polida.....15 Toneladas Mensais  
 Cinzeiro de Ametista..... 1 Toneladas Mensais  
 Geodo Agta Cort.Polida..... L/2 Tonelada Mensal  
 Porta Livre de Ametista..... 1 Tonelada Mensal  
 Porta Livre de Agta..... 2 Tonelada Mensal  
 Cinzeiro de Agta..... 200 Unidades Mensais  
 Achos de Pedras Diversos.... 50 Unidades Mensais  
 Chaveiros em Pedras Div..... 200 Unidades Mensais  
 Cinzeiros Pedras Diversos.... 100 Unidades Mensais  
 Colares em Pedras Div..... 50 Unidades Mensais

MOBILIÁRIO

Moveis e Aberturas ..... 25 mts"3" Mensal



## Ametista do Sul – 30 Anos: Nossa História

Ao longo desses trinta anos de emancipação, a cidade de Ametista do Sul vem passando por diferentes processos em seu desenvolvimento, em cada gestão, homens e mulheres dedicam seu tempo e esforços em prol do coletivo. Tornam-se, pela vontade do povo, gestores públicos. Em cada período, esses gestores viveram situações parecidas ou diferentes que exigiram posicionamentos, ações e decisões que nem sempre agradaram a todos, mas que se acredita, foram necessárias.

Na construção historiográfica podemos utilizar diferentes fontes, cada uma nas suas especificidades, contribuem de diferentes formas, permitem análises, estabelecer relações com outras fontes, fazer conclusões e reflexões. Entretanto, é a oralidade que nos permite “viver a emoção” da fonte, do entrevistado(a), ver ou imaginar o brilho no olhar, sentir a emoção da voz embargada e perceber, nas expressões da face, a satisfação de estar revivendo e compartilhando as suas histórias, o seu olhar sobre determinado fato ou período.

É sob essa perspectiva que se convidou todos os gestores que assumiram o importante desafio de levar Ametista do Sul um pouco adiante, conduzindo-a e avançando no seu processo histórico. Nenhum documento ou fonte traria registrado em suas linhas, ou entre linhas, as histórias a seguir, contadas pelos próprios protagonistas do executivo municipal, ao longo desses 30 anos de emancipação.



Foto sup. Esq. Mobilização da comunidade em prol da emancipação e em favor do “SIM” no plebiscito. Foto sup. Centro, carreta da vitória do pleito municipal. 1992. Foto sup. Dir. Posse do primeiro Prefeito e Vice-Prefeito, com a posse dos Secretários, cobertura da Rádio Marabá de Iraí. 01/01/1993. Foto inf. Esq. 1º dia de mandato da 1ª gestão executiva de Ametista do Sul. Gabinete do Prefeito, a mesa e duas cadeiras foram emprestadas da Escola São Gabriel, por 90 dias. Ao lado do Prefeito Nerci da Silva Dutra estão os pais do Governador (na época), Alceu Collares. 1993. Foto inf. Dir. Ex-Prefeito Nerci entregando a chave do município para o Prefeito eleito Silvio Cesar Poncio, seguido do Vice-Prefeito Valmor Binello. Uma imagem emblemática que representa todas as passagens de governos ao longo desses 30 anos de emancipação do Município.

## Nerci da Silva Dutra

### Ex-Prefeito - 1ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (1993-1996)



1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?

Muito orgulho! Ametista surpreende a cada dia, a cidade “deslanchou”, dá gosto de ver.

2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?

Fomos a primeira gestão e as cobranças eram muitas. Foi muito difícil esse começo, não tínhamos quase nada se falarmos em infraestrutura, os acessos para a cidade, nem dá para acreditar o jeito que eram, e a saúde muito complexa e cara para lidar e era uma grande necessidade para a comunidade. Não tínhamos carro/ambulância para levar os doentes para outros municípios,

na Santa Casa de Porto Alegre, por exemplo. Até que conseguimos uma Veraneio usada com o Governador Alceu Collares, tivemos que dar uma arrumada nela, mas serviu, por uns tempos era o que tínhamos.

3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?

Me orgulho de ter sido muito incentivado para a política por várias pessoas que eu admiro aqui da cidade que me levaram a concorrer a Vereador e depois a primeiro Prefeito, confiavam e acreditavam em mim.

Também fui o primeiro, antes mesmo da emancipação, em 1982/83, a receber turistas aqui no garimpo, acredito que isso tenha contribuído a despertar essa vocação em Ametista. Como Prefeito, me orgulho da construção da Casa da Criança que agora é a Escola Municipal John Kennedy a qual, na inauguração recebemos a visita do Governador Alceu Collares.

4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?

Ametista do Sul é onde quero viver até o fim da minha vida, é a minha cidade. Desejo sucesso para o turismo, que os gestores melhorem cada vez mais e que a cidade seja boa para todos.

5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?

Tive a oportunidade de ir a Brasília duas vezes, na primeira vez foi organizado pelo deputado Aldo Pinto, era para o Presidente Fernando Henrique Cardoso nos receber, mas não pôde, aí fomos recebidos pelo Delfin Netto. Foi uma experiência e tanto, mas achei muito caro. Na segunda vez que fui, organizei tudo por conta própria, levei alguns projetos e conseguimos o posto dos correios e encaminhamos o projeto para a construção do ginásio.

6- Durante a sua gestão o senhor vivenciou alguma situação inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada? Poderia contar?

No dia da inauguração da casa da Criança recebemos a visita do governador Alceu Collares, ele e a primeira dama Neusa Canabarro chegaram de helicóptero no campo do União. Fui recebê-los pessoalmente e levei-os no Del-Rey da Prefeitura, fui dirigindo, eu mesmo até o local e fomos conversando, me senti muito à vontade, pude ser eu mesmo, foi tudo simples e tranquilo.

**José Salles dos Santos**  
**Ex-Vice-Prefeito - 1ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (1993-1996)**



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

**Sinto-me agradecido, pela confiança que a maioria da população depositou em mim e com a certeza que fiz o meu melhor como Vice-Prefeito.**

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

**Foram muitas! Não tínhamos praticamente nada. Compramos com nossos recursos materiais de expediente, mesas e cadeiras para poder atender nossos munícipes. Entre outras coisas, quando íamos à capital atrás de recursos, usávamos nossos próprios veículos ou íamos de ônibus.**

**3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?**

**Meu maior orgulho foi ter cumprido a promessa que fiz para a comunidade Santo Antônio, trazer na época a CINTIA para abrir as estradas, não havia condições de escoar a produção agrícola. Puxava tudo com carroça de boi.**

**4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?**

**Prosperidade com planejamento para que continue sendo uma cidade boa de se morar e que sua população tenha qualidade de vida.**

**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de ametista do Sul, qual seria e por quê?**

**A construção da primeira Creche - Casa da Criança com atendimento integral das crianças de 6 meses a 6 anos para as mães que estivessem trabalhando. Sua inauguração contou com a presença do governador do estado, Alceu Collares.**

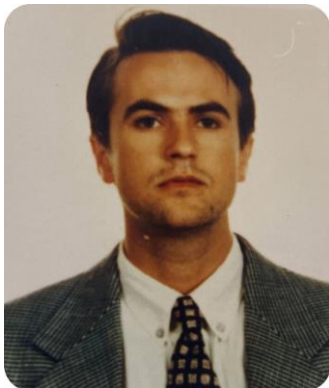
**6- Durante a sua gestão o senhor vivenciou alguma situação inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada? Poderia contar?**

**Não conhecia Porto Alegre e fui para uma reunião de ônibus, cheguei na rodoviária, era para estar me esperando um assessor para me acompanhar e a pessoa não apareceu, na época não se tinha celular, esperei até às 8hs da manhã ninguém apareceu. Comprei passagem e voltei para Ametista.**

## Silvio Cesar Poncio

Ex-Prefeito - 2ª e 3ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (1997-2004)

5ª Gestão como Vice-Prefeito (2009-2012)



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

Me sinto orgulhoso, são 30 anos de emancipação, mas Ametista do Sul é uma “adolescente”, tem muito ainda para crescer e melhorar. Quando entrei na administração a economia no país estava muito difícil, os planos econômicos da época, a inflação e o dólar baixo deixaram o preço das pedras baixo, muito desvalorizada. Na época a economia de Ametista era muito mais dependente da venda de pedras, a crise dificultava muito o nosso trabalho. Hoje Ametista está avançando e se tornando uma referência na região, dá muito orgulho ter feito parte e ainda fazer, agora como membro da comunidade e empreendedor.

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

Era preciso fazer tudo, quando a localidade era distrito, não foi investido em infraestrutura, as dificuldades de acesso e logística eram um entrave para o desenvolvimento da cidade, também a falta de água e os serviços básicos necessários para a comunidade. Havia vontade de fazer, mas as limitações de recursos exigiam que a gente pensasse com ousadia para continuar a acreditar que conseguiríamos. Houve tempo que a arrecadação não nos permitia manter a folha de pagamento em dia, não foram tempos fáceis. Apesar disso, eu sempre acreditei em Ametista do Sul.

**3- Quais foram as ações de que mais se orgulha de ter ajudado a realizar no município?**

Me orgulho de várias coisas, principalmente por ter conseguido despertar a cidade para o turismo, não foi fácil porque era algo novo e as pessoas tendem a resistir ao que é novo. Levou tempo até ganharmos a confiança e o engajamento das pessoas, mas eu tinha certeza de que a cidade precisava diversificar a economia, que não poderíamos depender tanto da mineração e da agricultura.

Fui a Brasília e meu amigo Osmar de Castro me levou para visitar a pirâmide da LBV e ali eu despertei para essa oportunidade, voltei convicto para construir uma pirâmide na praça e ampliar as possibilidades dos minerais de Ametista. Hoje o turismo já representa cerca de 20% da arrecadação do município, emprega e assegura a permanência das pessoas aqui, não precisam migrar para outras cidades por falta de trabalho. Com isso tivemos a oportunidade de mudar o destino de Ametista, e isso é muito gratificante.



**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

Um fato marcante ao mesmo tempo engraçado aconteceu em 1998, o governador Antônio Brito era candidato à reeleição, veio até Ametista e desceu no campo União de helicóptero, veio para fazer uma reunião/comício no Clube União. Quando chegou, eu entreguei uma pedra para ele, era uma pedra pesada de uns 20 quilos, quando eu a entreguei ele quase caiu.

Depois, durante o discurso, o governador me perguntou o que nós iríamos fazer com o recurso que o Estado havia liberado em financiamento, era R\$35.000. Aí eu respondi que iríamos dar início a um projeto turístico no município, construiríamos uma pirâmide revestida internamente de pedras, uma pirâmide esotérica.

Ele começou a rir e me disse: — Prefeito, você deveria pegar este dinheiro e fazer umas dez casas populares, porque pirâmide não vai te dar voto, se eu fosse você, faria casa popular com este dinheiro.

Na época, no calor do discurso e da ocasião eu achei engraçado. Respondi que estávamos pensando pra frente, tínhamos um sonho e acreditávamos nele e este recurso, investido no turismo, foi o pontapé inicial e hoje estamos colhendo os resultados.

Entre amigos às vezes a gente comenta esse momento, naquele dia rimos junto com o governador, ele achou muito engraçado e talvez estranho, aplicar um recurso público, que não era muito, para fazer uma pirâmide esotérica. Pelo processo e resultado este fato foi marcante para mim.

**6- Durante a sua gestão o senhor vivenciou alguma situação inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada? Poderia contar?**

Uma situação que às vezes lembro e fico rindo, aconteceu quando fui a Brasília acompanhado de outros políticos, estava pleiteando recurso para a escola de lapidação de pedra. Fomos no Ministério de Ciência e Tecnologia para apresentar o projeto, estava uma dureza para conseguir este dinheiro, havia pouco recurso e Ametista era pouco representativa para o Ministério, uma cidade pequena e de interior.

No calor da discussão um colega da comitiva disse: — Olha, ministro, o Silvio que é o Prefeito, ele é um garimpeiro também e olha só a mão dele, trabalhando no garimpo sofreu um acidente, tem os dedos todos cortados pela metade. Eu fiquei numa situação difícil, não sabia o que dizer, porque, na verdade, este acidente aconteceu quando eu tinha dez anos de idade, o Grêmio ficou campeão e eu fui largar uma bombinha de um foguete e acabei estourando na mão.

Na hora não tive como desmentir ele. Pensei: bem, se vai ajudar isso. Aí ele me pediu para mostrar a mão para o ministro e eu acabei mostrando a minha mão, o ministro olhou e acredito que se sensibilizou e acabou arrumando esse recurso para nós. No fim, essa situação inusitada nos ajudou e conseguimos fazer a escola de lapidação de pedras onde foi realizado treinamento durante um ano para cerca de duzentas pessoas e agora ela é uma empresa onde fazem as semijoias.



**Valmor Binello**

**Ex-Vice-Prefeito - 2ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (1997-2000)**



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

**Me sinto feliz em ter contribuído para que Ametista do Sul pudesse ser livre e independente de outros municípios, administrando os seus próprios recursos e vendo o progresso surgindo anualmente. Há tempos vem despertando a curiosidade dos demais municípios, tornando-se a pequena Ametista reconhecida mundialmente pelo seu potencial econômico.**

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

**A maior dificuldade foi na época da crise da comercialização da pedra, fazendo com que os municípios procurassem grandes centros para morar e trabalhar.**

**3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?**

**Entre outras, me orgulho da minha contribuição pelo Município de Ametista do Sul na elaboração da Lei Orgânica e elaboração de projetos que resultaram em benefícios para a cidade.**

**4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?**

**Meu desejo é que Ametista do Sul continue se desenvolvendo economicamente e se torne uma cidade na qual seus municípios sintam orgulho em dizer que são Ametistenses.**

**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

**Um dos fatos marcantes durante a gestão foi a construção do Hospital São Gabriel, porque ele trouxe muitos benefícios para a cidade. Antes, todos os atendimentos eram realizados em outras cidades e isso gerava transtornos tanto para a gestão quanto para os ametistenses.**

**6- Durante a sua gestão o senhor vivenciou alguma situação inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada? Poderia contar?**

**Na época, acredito que era a difícil tarefa de conscientizar o povo que não éramos mais uma vila e sim um município. Era importante promover essa mudança de pensamento, de cultura e se unir para fazer a cidade crescer.**

**Claudiomir Capra**  
**Ex-Vice-Prefeito - 3ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (2001-2004)**



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

**Me sinto realizado por trabalhar e ajudar a sociedade ao longo de 25 anos no município como Vice-Prefeito, Vereador, Secretário da Saúde, da Fazenda e de Turismo. Sensação de dever cumprido.**

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

**Na época o município carecia de tudo, não tinha infraestrutura e havia insuficiência de recursos para fazer mais pela comunidade. A cidade era pequena e a arrecadação não vencia todas as necessidades. O hospital estava iniciado, mas não em funcionamento e isso era bem complicado, pois a saúde é uma demanda que só cresce.**

**3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?**

**Como secretário de saúde, trabalhei e contribuí para conseguirmos o credenciamento de nosso hospital, não é fácil, muitos ajudaram e conseguimos colocar em funcionamento. Para mim foi o auge poder fazer pela saúde da comunidade. Também me orgulho, enquanto secretário de turismo, ter começado a divulgação de nossas potencialidades turísticas e ver que Ametista só evoluiu nesse segmento e tem condições de crescer ainda mais.**

**4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?**

**Desejo que a cidade continue nessa caminhada de desenvolvimento e com qualidade para nosso povo ter orgulho da cidade onde vivemos. Que os que estão e os que vierem futuramente a comandar a cidade, que cuidem e, de uma forma ou outra, contribuam e façam o máximo que puderem. Que Ametista do Sul seja cada vez mais uma referência na região.**

**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

**A construção e credenciamento do nosso hospital, porque era uma necessidade urgente e importante. Era muito triste ver as pessoas tendo que sair daqui para outros lugares até para atendimentos mais simples. Até me emociono de saber que hoje nossos filhos, amigos e as novas gerações terão acesso à saúde perto de casa e com atendimento de qualidade.**

**Também o dia que me elegi vereador, eu era jovem e acreditava mesmo que podia mudar o mundo, o voto de confiança da comunidade fez daquele dia marcante na minha vida.**



**6- Durante a sua gestão o senhor vivenciou alguma situação inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada? Poderia contar?**

**Quando Ametista se emancipou não havia estrutura nem para os vereadores se reunirem, nada mesmo. Nós vereadores, tínhamos que elaborar a Lei orgânica do município. Nunca ninguém tinha feito, não sabíamos por onde começar. Fomos pesquisando as leis de outras cidades daqui de perto e nos sábados nos reuníamos cada vez na casa de um vereador para poder estudar e aprender a fazer. Estudávamos um trecho, avaliando, discutindo e quando havia divergência de ideias, fazíamos a votação para aquele item. Depois que já havíamos avançado, a Câmara contratou uma assessoria jurídica, devido às questões legais e, desse jeito conseguimos fazer a Lei Orgânica de Ametista do Sul no primeiro ano de gestão. Foi um feito, com certeza. As dificuldades eram muitas, tivemos que nos unir e trabalhar.**

**Paulo Mezzaroba**

**Ex-Prefeito - 4ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (2005-2008)**



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

Quando a gente assume uma gestão se depara com diferentes situações, algumas afetam diretamente o bem-estar do cidadão, outras se restringem mais na instância administrativa e jurídica e é preciso atender a todas essas demandas. Além das atividades e atendimentos diários é preciso fazer os investimentos pontuais, observando as restrições e exigências legais, cuidando para não priorizar um setor em detrimento de outro. Isso exigiu dedicação e disposição em tempo integral e o olhar atento e sensível sobre as necessidades da comunidade.

Logo, identificamos que nós ametistenses tínhamos vocação empreendedora, se observarmos nossos trabalhadores tem muitas habilidades para negociação e comércios, entre outras e focamos em formação que ajudaram a prepará-los para novas oportunidades. Quando elas chegaram, muitas em função do turismo foi “um abraço”, brilhava o olhar das pessoas vendo as oportunidades de agregarem renda. Isso promoveu a valorização do trabalho e dos produtos locais. Hoje o garimpeiro sabe botar preço nos seus produtos e isso faz toda a diferença não só para ele, mas para toda a sociedade ametistense. Assim, me sinto feliz e orgulhoso por ter contribuído.

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

Logo que assumimos a gestão, identificamos que um dos problemas mais urgentes era com relação à saúde do trabalhador, principalmente a dos garimpeiros. Existia um TAC (Termo de Atendimento e Conduta), assinado pelo município em 1998 e era preciso resolver este problema. A primeira medida foi procurar e fazer parceria com uma unidade de saúde do trabalhador para fazer um diagnóstico e assim nos apropriarmos com informações para poder atender essa demanda.

Equipamos um centro para fazer esse diagnóstico e constatamos muitos trabalhadores com problemas pulmonares, de coluna, entre outros e alguns com mais de 50% da saúde comprometida, uma situação muito preocupante. Paralelo a isso, nos preparamos realizando treinamento de equipe e contratação de profissionais especializados.

No início houve muita resistência, um certo amedrontamento, tanto da parte dos garimpeiros quanto dos proprietários de garimpo, era uma coisa nova e não sabiam muito bem como isso poderia impactar as atividades extrativistas. Fomos conversando e orientando, chegamos a ir nas brocas para fazer diagnósticos prévios nos garimpeiros para encaminhar, posteriormente, os que precisariam de outros exames. Tivemos que trabalhar bastante com informação e conscientização na comunidade, por que não dava mais para continuar daquela forma, tanto por questões jurídicas quanto pela preservação da saúde, da vida.



Nos deparamos com a silicose em muitos trabalhadores e ela já estava vitimando e levando ao caos o setor. Considerando essas implicações para a saúde, trabalhistas e econômicas e a importância que tem o garimpo em Ametista, não poderíamos esconder esse passivo e ao mesmo tempo precisávamos buscar soluções. Estávamos sob o risco de desaparecimento do extrativismo mineral no município.

Depois de um certo tempo de diagnósticos sentamos com o médico para avaliar os dados e verificamos que tínhamos quase mil garimpeiros com silicose, desses em torno de 55% com problemas sérios. Tínhamos que alterar essa cadeia e melhorar o processo.

Como agravante estávamos num período de crise, o preço baixo da pedra fazia com que muitos trabalhadores ficassem mais horas expostos visando compensar a defasagem, agravando as doenças. Nós dependíamos, quase que exclusivamente, da mineração. Era necessário mudar esse cenário, não havia outra forma, senão o enfrentamento da situação e a busca pela inclusão das famílias em processos produtivos diversificados, visando principalmente a inserção das mulheres na economia.

### **3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?**

O enfrentamento das questões da saúde dos trabalhadores, promovendo ações em parceria com a Cooperativa dos Garimpeiros visando melhorias técnicas como a perfuração a úmido (eliminando a antiga forma a seco que era muito agressiva para a saúde), equipamentos de ventilação dentro das furnas.

Esse início foi bastante complicado e tivemos que desenvolver políticas públicas (incentivos) de forma a motivar os proprietários de garimpo a irem implementando essas melhorias e adequando a mineração para que o setor continuasse a crescer. Da mesma forma foi com a saúde dos garimpeiros para que usassem os equipamentos e fizessem os exames periódicos cuidando da saúde e preservando a vida.

Com o tempo, esses cuidados se tornaram parte da rotina dos garimpos, já é lei e as pessoas compreenderam a importância dessas medidas e os impactos são visíveis na comunidade, tenho convicção que isso salvou o setor e muitas vidas. É claro que houve o envolvimento e o trabalho de muitas pessoas, setores e instituições do município e a administração municipal não mediu esforços e atuou ativamente.

O desenvolvimento de projetos visando a diversificação da economia local, onde possibilitamos que as mulheres e os jovens se inserissem em diferentes atividades. Me orgulho, por elas terem se mostrado extremamente dedicadas, sendo o setor do turismo um dos que melhor exemplifica esse protagonismo. É claro que muitos homens também contribuem, mas “o olho clínico” que as mulheres têm e o empreendedorismo contribuiu muito nesse processo.

Da mesma forma o desenvolvimento de atividades voltadas para capacitação, visando melhor aproveitamento dos empreendimentos turísticos e o despertar para novas iniciativas promovendo melhor aproveitamento do produto local, a pedra. Tínhamos muitas pessoas com habilidade para extrair, mas poucas conheciam os processos de beneficiamento e de transformação que ainda careciam de mão-de-obra qualificada.



Nesse sentido, foi fundamental a criação da Escola Técnica, com aporte de recurso do governo federal, e apoio de diversos órgãos, que durante o nosso mandato funcionou como um impulsionador na capacitação para trabalhar a pedra no âmbito local. Aprenderam técnicas que iam desde a lapidação lisa, facetada, montagem no cordão e em metal, que antes se fazia fora do município. Com isso cresceu o número de artesãos, principalmente mulheres, que logo passaram a empreender, formaram associação e isso motivou a administração a empreender uma incubadora de empreendedores e de comercialização, nascia assim o projeto do Shopping das Pedras, conseguimos construir a primeira etapa e hoje é uma referência.

Nesse processo, se destaca o protagonismo das mulheres que vem criando novas oportunidades de renda e gerando empregos e dessa forma, aliviou a carga de trabalho do garimpeiro gerando melhor qualidade de vida para suas famílias.

Essas ações foram importantes porque aos poucos provocamos uma grande mudança de mentalidade e o entendimento de que o turismo não se faz com meia dúzia de pontos, ele exige o envolvimento da sociedade desenvolvendo atividades rentáveis, promovendo a inclusão das pessoas e impactando a renda familiar.

Também, desde os tempos que fui vereador, vinha desenvolvendo projeto de vitivinicultura e depois como Prefeito de forma sustentável demos continuidade nessa produção, incorporamos a produção de laranja, que motivou a criação da cooperametista e isso incrementou a renda para as famílias e para a sociedade. Hoje a vitivinicultura tem espaço consolidado no mercado regional e também no turismo.

#### 4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?

Nós éramos uma população “bruta”, tínhamos nossas “próprias leis internas”, um povo muito trabalhador, sério, mas tínhamos dificuldades, principalmente de relacionamento. Precisava haver uma “lapidação” para atender esses turistas e até para empreender negociações com novos empresários que se alocaram aqui.

Então, era preciso instruir para entender que abrir a cidade para o turismo exigia formação para uma atuação mais aberta e profissionalizada. É certo que a gente já avançou e aprendeu muito, mas é certo também que ainda temos uma longa caminhada pela frente com vistas a consolidar esse turismo, melhorar os processos de negociação dos nossos produtos, intermediações e aprender a potencializar os negócios e a estabelecer parcerias.

Essa lapidação pessoal do nosso povo já mostra resultados positivos, essa visão do desenvolvimento coletivo foi algo que a sociedade compreendeu e passou a cobrar mais. Entretanto, temos muitos desafios pela frente e a gestão define processos e nós precisamos apressar a eficiência, se não fizermos outros fazem. A população local precisa ser protagonista e se não conseguirem sozinhos é preciso haver a injeção de recursos públicos, visando a capacitação.



**Nesse sentido a necessidade de eficiência turística é necessária, as reflexões sobre os processos e a qualidade precisam ser feitas. Percebo que esse “dever de casa” não está sendo feito, mas há tempo e é preciso fazer, é urgente, visando a consolidação, a permanência dos empreendimentos e a manutenção da qualidade. Se não fizermos isso, frustra a vinda dos visitantes e pode colocar em risco o futuro dos empreendimentos.**

**Nesse sentido, é preciso fazer diagnósticos, estudos para podermos avançar e continuar crescendo. A renda precisa ser investida na sociedade, tanto privada quanto pública. Os empresários precisam investir em capacitação e promover a qualidade dos processos de forma integrada. Essas ações melhoram na qualidade de vida, inibindo questões sociais que fragilizam a comunidade, como é o caso da drogadição, por exemplo.**

**Desejo dessa forma, que a comunidade consiga promover o crescimento de forma consolidada e que compreenda que os desafios são de todos, assim como as responsabilidades, que a valorização por meio da renda seja uma das motivações para melhorar a formação, se comprometer com a qualidade no trabalho e com o futuro da sociedade ametistense.**

**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

**Um exemplo foi aquele fato sobre a cabeceira da ponte sobre o rio da Várzea, não era mais a minha gestão, mas cito pelo ato em si, a comunidade foi lá e agiu forçando o Daer a resolver de forma mais ágil. Essa visão protagonista da cultura local dos ametistenses é algo muito significativo e é percebido com esse desenvolvimento “fora da curva” de Ametista do Sul, que agora vem atraindo outros municípios a se unirem a nós. Isso é ótimo, pois as parcerias sempre ampliam o desenvolvimento.**

**Ametista do Sul era um município quase que isolado, sem ligação asfáltica, dependíamos de uma balsa para ter acesso a um dos maiores municípios da nossa região que é Frederico Westphalen e a partir deste desenvolvimento fora da curva, passou ser o protagonista e atrair atenções de todos os municípios da região, todos querem se ligar conosco, fazer parceria para aproveitar este ciclo de crescimento. Além disso, evidenciou o potencial da nossa economia e uma valorização dos nossos empreendedores.**

**6- Durante a sua gestão, qual foi a situação mais inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada que vivenciou?**

**O grande número de pais de família que quando podiam agradeciam pelas oportunidades criadas, pela geração de emprego e renda que só assim eles puderam trazer de volta seus filhos para perto da família, pois muitos tiveram de migrar para outras regiões, principalmente para a serra gaúcha em busca de trabalho e capacitação.**



**Agostinho Zanatta**  
**Ex-Vice-Prefeito - 4ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (2005-2008)**



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

Me sinto muito satisfeito, tendo a certeza que demos o nosso melhor nas condições que tínhamos na época. É bom saber que contribuí, vejo tanta coisa boa que aconteceu e tem acontecido em Ametista do Sul e agora podemos comemorar juntos esses 30 anos de emancipação.

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

Acredito que a maior dificuldade que enfrentamos é que independente da vontade da gente, é humanamente impossível atender a todos como você gostaria e como a população merece, a gestão de 4 anos passa muito rápido e os gestores têm limitações legais e de recursos.

**3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?**

Tenho muito orgulho do meu trabalho como servidor ao público, como vereador fiz o melhor que pude sempre me preocupando com o bem-estar da comunidade, como presidente da expopedras me sinto feliz pela oportunidade, porque foi um trabalho muito gratificante e como secretário de obras me orgulho de várias ações, como a construção da prefeitura e do posto de saúde, pois além de atender melhor as pessoas, foram obras necessárias para servir a população no que elas precisam.

**4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?**

Desejo que continue crescendo e se desenvolvendo, que todos os que investirem em Ametista do Sul tenham muito sucesso, paz e amor, que lutem pelo município e que esse crescente continue cada vez mais, porque todos nós ganhamos com isso.

**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

Vou destacar o crescimento do turismo porque essas iniciativas abriram muitas oportunidades para as pessoas e também a construção da ponte no Rio da Várzea que une Ametista a Frederico Westphalen era uma demanda urgente para os municípios e foi travado por várias lutas, desconsiderando o interesse público, acredito que a comunidade se lembra disso, pois repercutiu bastante.

**6- Durante a sua gestão, qual foi a situação mais inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada que vivenciou?**

Destaco como estranha a demora que levou para liberar a construção da prefeitura via meio ambiente e inusitada mesmo foi a construção da ponte que une Ametista a Frederico Westphalen. Essa ficou na história!



**Dorval Américo Bassi**  
**Ex-Prefeito - 5ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (2009-2012)**



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

Tenho muito orgulho de ter estado à frente do município, de ter sido escolhido pela comunidade, pela confiança que depositaram em mim sendo que eu nem era um político, nunca havia ocupado cargo eletivo. Investimos em marketing e nos esforçamos para promover Ametista do Sul, a fim de impulsionar a economia, principalmente o turismo e agora a nossa cidade está se destacando no cenário do estado.

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

Acredito que uma das maiores dificuldades é o fato de que uma cidade pequena está muito à mercê das intempéries. A gente tinha um planejamento, mas, se dava uma seca ou uma chuvarada, tínhamos que direcionar os recursos para atender às emergências da população. Por ser uma cidade pequena, também havia algumas dificuldades para conciliar as lideranças e partidos, a fim de direcionar os investimentos e as políticas públicas em si. Além disso, a verdade é que a gente nem sempre fazia o que gostaria porque a administração municipal é bastante engessada pela estrutura política e judiciária. O Ministério Público, o Tribunal de Contas e outras instâncias, às vezes obrigam o gestor a redirecionar os planos e projetos.

**3- Quais foram as ações de que mais se orgulha de ter ajudado a realizar no município?**

Uma das ações que mais me orgulha foram as casas populares que conseguimos fazer, a habitação sempre foi importante para mim e era uma necessidade para Ametista do Sul. Espero que consigam avançar ainda mais nessa questão.

Também buscamos e conseguimos a ligação asfáltica, uma luta antiga que beneficiou todos os setores da economia e a comunidade de modo geral. Os acessos intermunicipais são fundamentais, a 324 Planalto-Iraí e a 591 Planalto Ametista foram conquistas importantes para a cidade.

**4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?**

Me orgulho do empreendedorismo dos ametistenses. As pessoas ganham seu dinheiro e investem aqui, na nossa cidade é muito lindo ver isso.

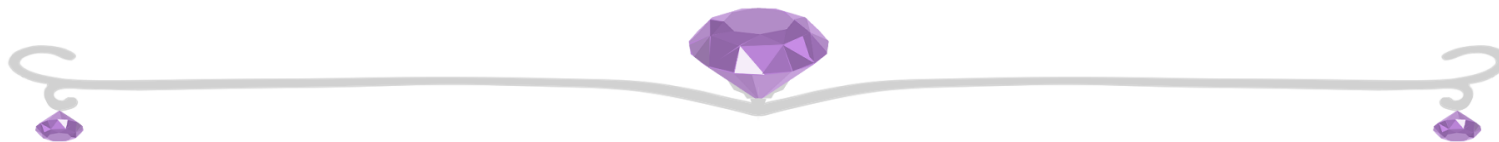
Para mim Ametista do Sul não “vai dar certo”, porque ela já deu certo!

Eu só quero o bem de Ametista!

A maior jazida de ametista do mundo, nosso bem maior!

Ametista do Sul é a princesa dessa região, é a capital da pedra Ametista.

Desejo que continue avançando cada vez mais.



**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

**Sou um ametistense nato!**

Até hoje lembro da primeira igreja que ficava na frente da minha casa. Foi ali no antigo capitel que colocaram o arcanjo Gabriel e a localidade passou a se chamar São Gabriel. Hoje construí uma gruta no local e gostaria muito de conseguir uma foto de como era antigamente. Hoje a Igreja é também uma referência que marca a história da cidade.

**6- Durante a sua gestão, qual foi a situação mais inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada que vivenciou?**

Sempre mantive a porta do gabinete aberta, sempre fazia questão que a comunidade chegasse até mim, que tivessem acesso. Certa vez, entrou uma senhora e me disse: “Prefeito, o senhor tem que me ajudar”. Eu perguntei para ela o que estava acontecendo e como eu poderia ajudar e ela me contou que estava no banheiro fazendo as suas necessidades e a tampa do vaso quebrou e ela havia se cortado na nádega.

Eu nem acreditei que ela estava me contando aquilo e ainda queria me mostrar o machucado (risos). Foi uma daquelas coisas completamente inesperadas que tiram a gente do eixo. Rimos da situação junto com ela e prometi-lhe que iríamos achar um jeito de ajudá-la. Providenciamos uma nova tampa de vaso entre nós mesmos, com recursos próprios, pois ficamos sensibilizados com a situação. É o tipo de acontecimento que a gente não consegue esquecer.

Lidando com a gestão pública e diretamente com o povo, cada dia pode ser atípico, mas, acredito que mais inusitado que isso não tivemos.

**Silvio Cesar Poncio**

**Ex-Vice-Prefeito na 5ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (2009-2012)**

Esse período de gestão foi bastante sofrido, especialmente pelas consequências da grande crise mundial iniciada em 2008, Ametista enfrentou sérios problemas com o desemprego. O grande desafio foi buscar outras formas de trabalho, principalmente para as mulheres.

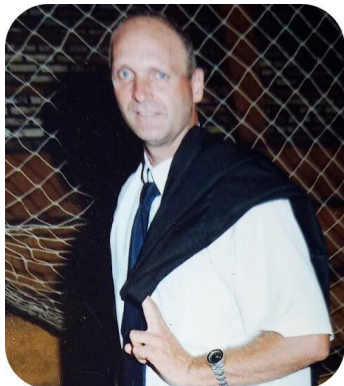
Na época, saía de Ametista cerca de nove/dez ônibus levando trabalhadores para as empresas Sadia e Aurora em Chapecó no estado de Santa Catarina. Era preciso diversificar a economia local e na busca disso negociamos com uma empresa de Parobé para vir se instalar em Ametista. Por meio de uma emenda parlamentar, conseguida pelo Vereador Dionel Moreira, em Brasília, foi adquirido máquinas e oferecemos cursos para mais de 200 pessoas. Com aquele pontapé inicial, hoje, mais de 150 pessoas continuam trabalhando aqui na cidade, 110 na área do calçado e 40 na área de confecções.

Levamos mais de um ano para conseguir que as empresas se instalassem e para ministrar os cursos, também direcionamos parte do recurso livre da prefeitura para oportunizar essas formações, auxiliamos com máquinas e fizemos um pavilhão de 1000m<sup>2</sup> no Bairro Aparecida que é formado, na maioria, por famílias de garimpeiros.

Atualmente, temos muitas pessoas trabalhando na cidade e somente um ônibus, com metade da lotação, sai daqui levando trabalhadores para Chapecó. Aquela era uma situação muito triste de ver, pessoas da comunidade saindo para trabalhar a 100 quilômetros de casa, alguns chegavam de madrugada durante inverno e período de chuva, dificuldades que nos sensibilizavam muito.

**Nelson Ceratti**

**Ex-Prefeito 6ª na Gestão Municipal de Ametista do Sul (2013-2016)**



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

Para mim, como para qualquer ametistense, é muito gratificante ter colaborado com nosso município. Quanto à administração foi uma honra, como cidadão, ter sido chefe do poder executivo e ter contribuído para melhorar as condições de vida dos habitantes de Ametista do Sul.

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

Devido à baixa arrecadação de impostos, compromissos assumidos em gestões anteriores, ainda pendentes e a folha de pagamento no teto máximo permitido, as maiores dificuldades foram de ordem financeira.

**3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?**

Tenho orgulho de muitas ações como o pagamento de todas as dívidas herdadas ainda no primeiro semestre, recuperação do parque de máquinas e ampliação dos serviços prestados aos munícipes, melhorias no asfalto da cidade, criação do projeto de horas máquinas em parceria com os agricultores e doação de pavilhão, em comodato, para fabricação e embalagem de sucos e vinhos para a Cooperativa Ametista, a valorização de todos os funcionários municipais, incentivo ao turismo e melhorias na saúde.

**4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?**

Eu desejo para a cidade o mesmo que para o interior, desenvolvimento sustentável para todo o município e para os ametistenses desejo um futuro com muita saúde, paz e prosperidade.

**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

A emancipação sempre será o fato mais marcante para o município, pois representa a autonomia de Ametista do Sul.

**6- Durante a sua gestão, qual foi a situação mais inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada que vivenciou?**

Um fato inusitado e marcante aconteceu quando eu era vereador e que não pode ser esquecido pela comunidade ametistense, foi a construção das cabeceiras da ponte no Rio da Várzea na divisa com Frederico Westphalem. No local havia uma balsa (Barca), para fazer a travessia. Após vários anos de reivindicação, a ponte foi projetada e construída, mas, para a surpresa de todos, o projeto não contemplava as cabeceiras da ponte. E assim se passou um tempo com a passagem sendo feita pela balsa ao lado da ponte sem cabeceiras.

Aconteceram várias reuniões das lideranças das entidades municipais para encaminhar pedidos ao governo do estado para a conclusão da obra, mas sem sucesso. Aí surgiu a ideia de a comunidade construir a cabeceira do lado de Ametista, mas era uma coisa complicada e não se chegava a um



consenso sobre o assunto. Aí aconteceu um fato, que foi a gota d'água, que faltava para a comunidade se levantar e fazer a cabeceira; um ônibus de estudantes universitários que ia de Ametista para Frederico, cheio de alunos, estava fazendo a travessia de balsa quando a espia que dava sustentação arrebentou e a balsa desceu rio abaixo.

Não aconteceu uma tragédia, porque a balsa tinha percorrido mais da metade do rio e um senhor que estava do outro lado conseguiu enrolar a corrente em uma árvore que um tripulante jogou para ele. No dia seguinte as entidades se reuniram, fizeram o planejamento e no sábado foram para o rio e colocaram seis árvores de eucalipto com doze metros de comprimento cada uma com uma ponta no chão e a outra na ponte, sobre essas madeiras foram colocadas pranchas, também de eucalipto para nivelar e ao entardecer do mesmo dia estava pronta a obra e foi feita a travessia com um fusca e um caminhão.

No domingo foi feita a inauguração com mais de uma centena de carros. O embate com o governo do estado foi forte, tentaram destruir a cabeceira, embargar a passagem, mas a comunidade não recuou e a execução por parte do governo estadual foi realizada imediatamente como obra emergencial.

Hoje quem passa na ponte talvez não saiba dessa atitude corajosa da comunidade, mas a união foi determinante para o sucesso. Sem dúvida esse foi um fato que ficará marcado na História de Ametista do Sul. Eu me sinto orgulhoso por fazer parte da linha de frente desse acontecimento.

**Gilmar da Silva**

**Ex-Vice-Prefeito na 6ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (2013-2016)**

**Ex-Prefeito na 7ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (2017-2020)**



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

**Posso dizer que foi um privilégio e certamente sempre será um privilégio. Afinal de contas, Ametista do Sul é um município destaque não somente para o Rio Grande do Sul, mas para o Brasil e para o mundo. Nesse sentido, qualquer pessoa que esteja ou que esteve na função de Prefeito, deste município deve se sentir lisonjeado e muito feliz.**

**A gente sabe que alguns podem ter queixas pelas questões impostas pelas dificuldades e complexidade do trabalho à frente da gestão municipal. Eu me sinto honrado e muito feliz por ter**

**trabalhado, representado a população deste querido município e por ter feito a minha parte, no processo de desenvolvimento do município. Portanto para mim é um grande orgulho ter estado como Prefeito de Ametista do Sul que agora completa 30 anos de um processo contínuo de evolução e que merece os nossos aplausos.**

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

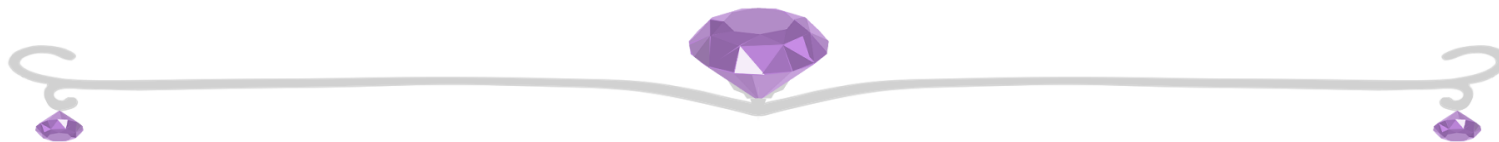
**Eu assumi o mandato em função de um problema de saúde do Prefeito, eu era vice e não tinha muita experiência para estar como Prefeito, então tive que me superar a cada dia. Acredito que essa tenha sido a maior dificuldade pessoal que enfrentei, pois precisei superar isso de forma acelerada para estar apto para essa importante função.**

**Logo em seguida entramos em fase de processo eleitoral e no último ano de mandato enfrentamos a pandemia que se impôs como um grande desafio. Acredito que todos os Prefeitos sofreram muito com isso, porque é uma situação muito difícil, tratar da saúde é cuidar da vida das pessoas. Sempre fiz questão de estar próximo das pessoas quando enfrentavam questões graves de saúde e a pandemia afetou, de uma forma ou outra toda a população, fosse pelas dificuldades ou pelo medo que ela provoca e em certas situações, a gente ficava sem ter o que fazer devido a todas as limitações que essa situação de emergência sanitária nos impôs. Assim, com certeza essa questão da pandemia, do coronavírus foi a minha maior dificuldade e desafio.**

**3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?**

**Ter colocado em evidência o nosso município e mostrar a grandeza de Ametista do Sul para o Brasil e o mundo, isso a gente fez durante a nossa gestão. Damos publicidade para Ametista, para as nossas belezas naturais e para o povo acolhedor que temos aqui. Outra ação que mais me orgulha foi ter feito a aquisição do Hospital São Gabriel que é uma das referências do estado em termos de melhorias e de atendimento.**

**Enquanto alguns hospitais estavam fechando no estado do Rio Grande do Sul, nós compramos, pagamos e reformamos o Hospital que atende a nossa comunidade. Entre outros, esse foi um dos atos que mais me orgulha porque é ele que socorre e atende os amestitenses e com certeza, salva muitas vidas.**



**4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?**

**Eu desejo que o nosso povo seja muito feliz! Afinal, Ametista tem um povo trabalhador ao extremo, nossos garimpeiros, agricultores, trabalhadores do comércio, das empresas e de serviços que, muitas vezes, começam a trabalhar na madrugada e só param tarde da noite.**

**Desejo tudo de melhor, pois este povo merece porque se a nossa cidade brilha é graças ao trabalho e a dedicação dessas pessoas que se dedicam no seu dia-a-dia e que se orgulham muito da nossa cidade. Então só posso desejar para os ametistenses é que nós tenhamos um futuro próspero, com menos dificuldades e com evolução cada vez maior em todos os setores do município.**

**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

**Para mim a emancipação do município foi muito marcante porque, desde então, Ametista do Sul começou a caminhar com suas próprias pernas e a se desenvolver e hoje é um dos municípios que vem se tornando referência para toda a região do Médio Alto Uruguai e Norte gaúcho e é um dos destaques em evolução no urbanismo e geração de emprego e isso, sem dúvidas impactou profundamente a autoestima da população.**

Jadir Kovaleski

Prefeito na atual 8ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (2021-2024)



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

Faz 26 anos que moro em Ametista do Sul e estou há dois como gestor, tenho orgulho da confiança que os ametistenses depositaram em mim e por isso cuido muito dos recursos públicos da mesma maneira que cuido na família. Se gastar mais do que ganha, em algum momento a conta vai estourar e aí vem os problemas. É preciso ter zelo e responsabilidade com o dinheiro público e é assim que temos trabalhado.

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

O nosso maior desafio tem sido a pandemia que começou logo nos primeiros meses do mandato e ainda está aí e nos preocupa constantemente. Ela mudou planos e a forma como gostaríamos de estar trabalhando, queríamos estar a todo vapor, mas temos que agir de forma a preservar a vida e respeitando as normas que ela nos impôs, decisões que nem sempre agradam, mas que são necessárias.

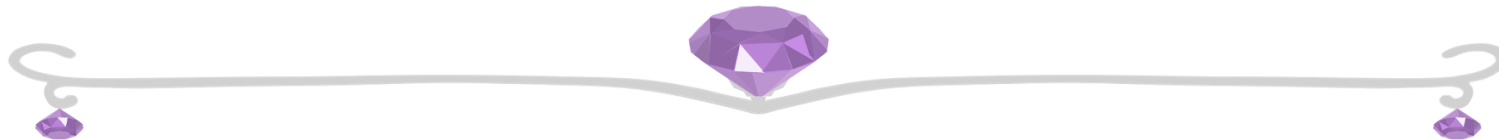
Outro desafio que nos desestabiliza tem sido as estiagens, pois elas nos obrigam a adiar projetos, pois exigem remanejamento urgente de recursos, a fim de socorrer as comunidades que estão somando grandes prejuízos. Além disso, elas provocam significativa queda de receitas e viram uma “bola de neve”, pois cada ação tem seus desdobramentos e a falta de água sempre foi uma constante em Ametista, temos que buscar soluções para isso e elas não se mostram fáceis de resolver.

**3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?**

Ter a oportunidade de contribuir é muito gratificante. As redes de abastecimento para atender as famílias que sofriam com a falta de água é algo que me deixa feliz, pois sem a água a qualidade de vida fica muito comprometida. Também o projeto habitacional que visa reforma e casas novas tem provocado melhorias significativas na vida de famílias de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social. São ações que alegram e deixam muito orgulho.

**4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?**

Que os ametistenses continuem acreditando no potencial de Ametista do Sul, que continuem investindo, que apliquem novas ideias gerando novas oportunidades e promovendo o desenvolvimento de forma integrada no município. Espero que se realizem só coisas boas e com segurança em relação ao subsolo, garantindo prosperidade a longo prazo para todos.



**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

**No momento atual é impressionante a transformação que o município vem passando, a vinda de muitas pessoas de tantos lugares é marcante para mim. Acredito que nem os mais otimistas imaginariam que Ametista estaria vivendo esse momento de tanta transformação e de forma intensificada.**

**6- Durante a sua gestão, qual foi a situação mais inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada que vivenciou?**

**Ainda estamos trabalhando e acredito que temos muitas situações para viver como gestores. Bom, sabe como os gringos são de se atravessar e botar a mão no serviço, né? Teve um dia que eu estava ajudando no trabalho na estrada, juntando e tirando pedra da rua, passou um cidadão e mexeu comigo achando engraçado o Prefeito estar ali trabalhando junto naquele serviço. Debochamos um do outro, rimos juntos, ele seguiu e eu continuei ali trabalhando e sempre que eu lembro acho graça disso, porque o Prefeito precisa e deve estar em vários lugares, não só no gabinete.**



**Maria Colussi**

**Vice-Prefeita na atual 8ª Gestão Municipal de Ametista do Sul (2021-2024)**



**1- Ametista do Sul está completando 30 anos de emancipação, como se sente tendo contribuído na administração do município?**

É uma honra poder participar, acompanhar e contribuir com meu trabalho no crescimento de nosso município e principalmente no bem-estar do nosso povo.

**2- Quais foram as maiores dificuldades que a sua gestão enfrentou?**

Estamos enfrentamos um longo período de pandemia, perdemos muitos amigos. Atualmente, junto a isso, estamos enfrentando sérios problemas climáticos, temporais e estiagens que vem dificultando bastante o nosso trabalho.

**3- Quais são as ações de que mais se orgulha de ter realizado no município?**

Em respeito aos ametistense, procuro dar o melhor de mim em todas as ações realizadas, então me orgulho de todas.

**4- O que deseja para o futuro da cidade e para os ametistenses?**

Desejo que nosso povo prospere, estamos trabalhando com muito empenho para poder amenizar as dificuldades enfrentadas por nossos munícipes na esperança de vê-los melhor e mais felizes.

**5- Se fosse escolher um fato marcante da história de Ametista do Sul, qual seria e por quê?**

A emancipação do nosso município, a partir dali nos tornamos independentes e passamos a construir a nossa própria história.

**6- Durante a sua gestão, qual foi a situação mais inusitada, estranha, pitoresca ou engraçada que vivenciou?**

Faz pouco tempo que iniciamos a nossa gestão, acontecem muitas coisas todos os dias, espero ainda ser surpreendida com muitos fatos marcantes ao longo dessa caminhada.



## Ametista em Foto



1ª rua calçada após a emancipação, 1993



Asfaltamento no centro da cidade



Construção da pirâmide



Construção do Ginásio Municipal



Construção do centro Administrativo Prefeitura



Inauguração prédio da Brigada Militar



Inauguração da Escola Municipal John Kennedy



Ampliação e reforma do Hospital Municipal.



Inauguração do Shopping das Pedras





Fotos: Adriane da Cruz, 2022.

## CÂMARA DE VEREADORES - LEGISLATURAS

<b>1ª Legislatura - De 1993 até 1996</b>		<b>2ª Legislatura – De 1997 a 2000</b>	
SILVIO CÉSAR PONCIO	PPB	PAULO MEZZAROBA	PDT
CLAUDIOMIR CAPRA	PPB	GILMAR BERTUOLI	PMDB
JOSÉ CARLOS ALVES	PPB	ALFONSO RIBEIRO	PDT
VALMOR BINELLO	PPB	FLÁVIO REGINATTO	PMDB
EUCLIDES LARANJEIRA	PPB	IDEMAR JORDANI	PDT
JORGE LUIS BASSI	PMDB	VALDIR ANTÔNIO DE CASTRO	PPB
VALDIR ANTÔNIO DE CASTRO	PPB	DELMIR POTRICH	PPB
JOÃO POLONIA DOS SANTOS	PDT	ANTÔNIO ADAIR MARTINS	PPB
NILVO ANTÔNIO ZATTI	PDT	JOSÉ CARLOS ALVES	PPB
OTACIR DE CASTRO	PDT		
<b>3ª Legislatura – 2001 a 2004</b>		<b>4ª Legislatura - 2005 a 2008</b>	
DELMIR POTRICH	PPB	ADRIANO PIOVESAN	PDT
VALMOR BINELLO	PPB	ALCINDO ZILCH	PP
MARILDA PEDÓ	PPB	CELSO DALBOSCO	PMDB
MARIA COLUSSI LOPES DOS SANTOS	PPB	IDEMAR JORDANI	PDT
ENIO RODRIGUES	PPB	JURANDIR DE OLIVEIRA	PDT
ALFONSO RIBEIRO	PDT	MARILDA PEDÓ	PPB
GILMAR BERTUOLI	PMDB	NEIVA CAPRA DOS SANTOS	PP
PAULO MEZZAROBA	PDT	NELSON CERATTI	PT
ROQUE ZANATTA	PDT	CLARICE ZANATTA	PPB
<b>5ª legislatura – 2009 a 2012</b>		<b>6ª Legislatura De 2013 a 2016</b>	
ALCINDO ZILCH	PP	ADILSON PAVELKIEVITZ	PP
CELSO LUIS CASTELLI	PMDB	AGOSTINHO ZANATTA	PDT
CLAUDIONOR CAPRA	PT	ANTONIO MOACIR TONET	PP
CLEUNICE ALVES CAPRA	PP	CLAUDIONOR CAPRA	PT
DIONEL MOREIRA	PP	DIONEL MOREIRA	PP
GILMAR DA SILVA	PDT	JOSÉ OLIVEIRA GARCIA	PTB
JOSÉ DUTRA FILHO	PSDB	LAURY RIBEIRO	PDT
MARILDA PEDÓ	PP	ROBERSON CARLOS ALVES	PPS
NELSON CERATTI	PT	SABINO BERTÃO	PT
<b>7ª Legislatura - 2017 a 2020</b>		<b>8ª Legislatura – 2017 a 2024</b>	
MARCOS ANTÔNIO FORCHESATTO	PT	JOSIAS MARQUES DE OLIVEIRA	MDB
MARCOS ALEXANDRE MOTTA	PT	GILMAR WINQUES	PP
LAURY RIBEIRO	PDT	JAIR FRAGATA DOS SANTOS	PP
CLEIDE POTRICH	PDT	JOAREZ ALVES DE FREITAS	DEM
ILDO ALBA	PDT	CLAUDIONOR CAPRA	PT
BEATRIZ ALIANE DA ROCHA	PP	LAURY RIBEIRO	PDT
ANTONIO MOACIR TONET	PP	LUIZ CARLOS DA SILVA	PP
JAIR FRAGATA DOS SANTOS	PP	JULIANE GARLET	PT
MAIRY DE FÁTIMA DIAS	PP	JOSELAINÉ MOCELIN	PDT
BEATRIZ ALIANE DA ROCHA	PP		

Fonte: <https://ametistadosul.rs.leg.br/legislatura>

## Mensagens dos Vereadores e Vereadoras



**Ametista do Sul, berço de pessoas de coragem e empreendedoras: nossos garimpeiros, agricultores, comerciantes, profissionais da saúde e educação, bem como sociedade em geral.**

**Todos emanados para o crescimento de um município cada vez mais próspero, pensando no desenvolvimento do turismo sustentável.**

**Parabéns Ametista do Sul pelos 30 anos de emancipação.**

**Convido a todos para virem conhecer a capital da pedra ametista.**

**Deixo aqui minha mensagem:**

**O legado que ora plantamos, terá reflexo na sociedade que sonhamos.**

**Laury Ribeiro  
Servidor público, Turismólogo  
Vereador - 2021 /2024.**

**Ametista do Sul, terra de um povo abençoado por Deus pelas suas riquezas e belezas naturais, povo de fé, trabalhador e acolhedor, preservando sempre sua educação, cultura e tradição trazidas pelos nossos antepassados. Parabéns pelos seus 30 anos de emancipação!**



**Josselaine Mocelin  
Vereadora - 2021/2024**



**Município querido onde nasci, cresci e trabalho, cidade presenteada por Deus com uma riqueza natural de onde é retirado o sustento desse povo trabalhador. Essa riqueza contribui para o desenvolvimento da atividade turística, atraindo pessoas de diferentes partes do mundo para nosso amado município que acolhe a todos de braços abertos.**

**Sabemos que nem tudo é maravilha, mas devemos trabalhar juntos para construirmos uma cidade melhor. Os desafios são grandes, Ametista do Sul tem muito a se desenvolver e buscar alternativas para que a cidade prospere, é dever de todos.**

**Um município como o nosso merece a nossa melhor atenção. Acredito num futuro, tenho viva a esperança, sei que tempos melhores chegarão trazendo prosperidade e alegria para nossa terra. Que o povo ametistense tenha anos de alegrias e muita união!**

**Josias Marques de Oliveira  
Vereador - 2021/2024**

Em Ametista do Sul, até meados de 2009 não tínhamos muitos empregos, mas com o desenvolvimento do Turismo, e ostentando o título de Capital Mundial da Pedra Ametista, nossa cidade tem despontado no cenário turístico nacional e internacional, sendo matéria em vários veículos de comunicação, inclusive para o globo repórter, o que muito nos orgulha. Parabéns pelos seus 30 anos de emancipação, sucesso e prosperidade para todos!!



Juliane Garlet  
Vereadora 2021/2024



Nasci e me criei na comunidade de Santo Antônio, interior de nossa cidade, meu primeiro trabalho foi como garimpeiro, onde por muitos anos, do garimpo, tirei o sustento de minha família, e sei muito bem o quanto os trabalhadores do garimpo lutam, por isso tenho orgulho desse povo.

Chegamos a mais um aniversário da nossa terra, são três décadas de muito trabalho e progresso, de uma cidade construída graças ao esforço de cada ametistense, povo humilde e honesto. Parabenizo nosso município pelos 30 anos de emancipação!

Luiz Carlos da Silva  
Vereador - 2021/2024

Primeiramente, agradecer a Deus por mais um ano de emancipação do nosso município, pela alegria de comemorar este dia com muito amor, paz, SAÚDE e esperança de um futuro próspero.

Que não percamos de vista a esperança e a vontade de recomeçar. Que tenhamos respeito, valorizando os méritos e as qualidades de todos que contribuíram para o desempenho de nossa cidade nesses 30 anos de emancipação de Ametista do Sul.

É acreditando nisso que lutamos dia após dia, para dar melhoria a toda a população de nossa cidade.

Que neste ano, Deus em sua infinita bondade nos conceda sabedoria e muita união.

Porque Ametista do Sul merece sempre mais: saúde, educação, segurança, atenção às questões sociais, esportes, cultura, lazer, emprego, renda, cidadania, habitação, proteção ao meio ambiente, tudo que venha engrandecer nossa querida cidade.

Parabéns, AMETISTA DO SUL!



Joarez Alves de Freitas  
Vereador – 2021/2024  
Presidente



A obra **Ametista do Sul, 30 Anos: Nossa História** é um projeto que ganhou vida própria, pois em cada colaboração ou contribuição a comunidade foi nos conduzindo para diferentes direções. O resultado está muito além do que ousamos sonhar, ele constitui uma linda representação do que significa o termo “comunidade” e “coletivo”.

Cada página, parágrafo ou imagem estão impregnados de lembranças, histórias e carinho, compartilhados com alegria e com orgulho, das tantas gerações que vêm, ao longo do tempo, trabalhando e fazendo desse território um lugar que expira e inspira trabalho, força, fé e resiliência.

A maioria dos ametistenses se orgulha do seu município e se emocionam quando falam das pedras, especialmente sobre a ametista, para alguns é a “capital mundial da pedra ametista”, para outros ela é a “princesa” do Alto Uruguai, e tem aqueles que a definem como a “cidade que brilha”. De fato, Ametista do Sul possui inúmeros encantos e desperta paixões. É certo dizer também que o brilho do olhar do ametitense quando fala da sua cidade encanta, apaixona e foi o nosso norte que nos iluminou e apontou diferentes caminhos para a realização deste projeto.

Espera-se, que toda a gratidão que sentimos pelas inúmeras contribuições e colaborações que recebemos para concluir este livro, consiga ser sentida no coração de cada leitor, de cada ametistense.

**Parabéns, comunidade, pelos 30 anos de emancipação!**

**Jussara Prates**

#### **Autora**

Jussara Prates é nascida em Ametista do Sul, graduada em História Licenciatura Plena e em Ciências Biológicas. Pós-graduada em Educação, Gestão de Arquivos e em Ecologia e Sustentabilidade.

Acredita que o conhecimento histórico é um instigante caminho para a formação de identidades, pertencimento e culturas, e que a educação para o patrimônio cultural é uma via essencial para a consolidação da cidadania.

#### **Outras publicações:**

O Trem e a Cidade: Portão nos tempos das locomotivas, 2006.

Conhecer para Amar e Respeitar a Nossa História, 1ª Ed. 2010, 2ª Ed. 2011, 3ª Ed. 2012, 4ª Ed. 2013.

A Educação Democrática e as contribuições dos projetos escolares, 2020.

A Aventura Perfeita, 2020.

#### **Capa e Arte:**

Júlia Prates dos Santos Girardi

Jussara Prates

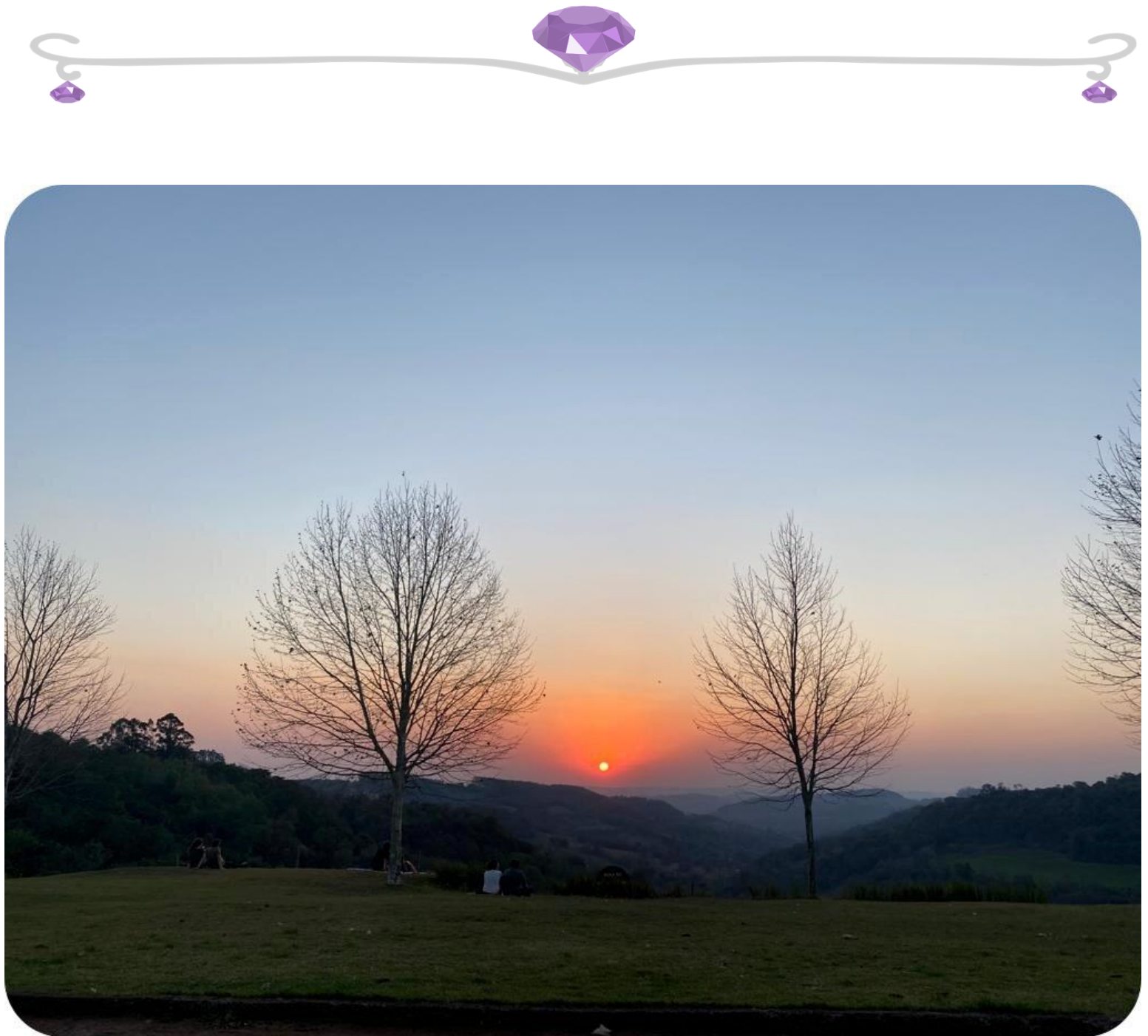
Fotos atuais do município:

Adriane da Cruz

Revisão:

Letícia Gabriela Costa





**As pessoas felizes lembram o passado com gratidão, alegram-se com o presente e encaram o futuro sem medo.**

# PREFEITURA MUNICIPAL DE AMETISTA DO SUL

SECRETARIA MUNICIPAL DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO, MINERAÇÃO E TURISMO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE

Sou nascido em Ametista do Sul; acompanhando grande parte da formação do nosso município, sempre tive vontade de ver a história de nossos pais e avós, escrita e registrada, assegurada para as futuras gerações. Até aqui, tínhamos apenas fragmentos de relatos, parte de um, parte de outro e me angustiava com a perda dessas histórias provocadas pela passagem do tempo.

Por isso, sempre tive vontade, um sonho, de que tivéssemos um livro retratando a história e as memórias dos ametistenses. Acredito que é essencial entender e conhecer a história para termos condições para planejar melhor o nosso futuro. Além disso, sou um apaixonado pela nossa história, que é linda e pujante!

Sabendo que não tínhamos um material escrito sobre essa temática, quando entrei na Secretaria de Turismo, em 2019, dei asas a este sonho, a essa vontade de que junto com a administração produzíssemos um livro sobre a história de Ametista do Sul. Na época, não foi possível, na gestão pública nem sempre conseguimos fazer tudo o que gostaríamos, muitos são os desdobramentos que nos direcionam para outras ações.

Ao retornar para a Secretaria do Turismo, a convite desta administração, desde o primeiro dia já me dediquei em procurar alguém que pudesse escrever sobre a nossa história. Foi então que encontrei a Jussara Prates, também nascida em Ametista do Sul, com conhecimento e experiência, que poderia muito bem escrever esse livro para nós. Acertado os trâmites legais, entramos em uma ampla e apaixonante pesquisa, onde a Jussara, eu, a colega Elaine Broglio e uma legião de ametistenses, sendo desta terra, nos debruçamos e não medimos esforços para que esse registro histórico/historiográfico fosse realizado da melhor forma possível.

Me sinto muito orgulhoso, realizado, por poder ter idealizado e participado desse projeto que envolveu um grande contingente de funcionários públicos e munícipes, todos engajados e dedicados em fazer um lindo trabalho. Entendo que deixo uma importante contribuição para o município, onde a história escrita e relatada, com ampla participação da comunidade, contribuirá para que as futuras gerações valorizem o que é nosso em nosso município. Certamente, também contribuirá para o planejamento de ações futuras visando o crescimento com qualidade do nosso município, ampliando as possibilidades e o bem-estar dos ametistenses e dos visitantes, incrementando o setor do Turismo.

Com essa publicação, temos a certeza de estar disponibilizando um material de qualidade que servirá de suporte para pesquisas de estudantes, com condições de embasar trabalhos acadêmicos, projetos, ações e empreendimentos públicos e privados.

Fabio dos Santos

